

EDUARDO BAPTISTA BULLENTINI

**O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PARA O CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO SOB A ÓTICA DOS ALUNOS**

PUC-CAMPINAS

2006

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PARA O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO SOB A ÓTICA DOS ALUNOS

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação junto ao programa de Pós-Graduação em Educação na área de Ensino Superior do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Maria Eugênia L.M. Castanho

PUC-CAMPINAS

2006

Ficha Catalográfica
elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e
Informação -SBI- PUC-Campinas

t378 Bullentini, Eduardo Baptista.
B936p O professor universitário para o curso de administração sob a ótica dos alunos
/ Eduardo Baptista Bullentini .- Campinas: PUC-Campinas, 2006.
138p.

Orientadora: Maria Eugênia Castanho.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Educação.
Inclui anexos e bibliografia.

1. Ensino superior - Avaliação. 2. Professores de administração. 3. Professores - Formação. 4. Administração de empresas - Estudo e ensino. 5. Ensino superior - Formação. I. Castanho, Maria Eugênia. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pós-Graduação em Educação. III. Título.

22.ed. CDD – t378

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Autor: BULLENTINI, Eduardo Baptista

Título: “O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO PARA O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO SOB A ÓTICA DOS ALUNOS”.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho

Dissertação de Mestrado em Educação

Este exemplar corresponde à redação final de
Dissertação de Mestrado em educação da
PUC-Campinas, e aprovada pela Banca
Examinadora.

Data: 27/11/2006

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Eugênia L.M.Castanho

Prof. Dr. Jéferson Altenhofen Ortiz

Profa. Dra. Patrícia Vieira Trópia

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade da vida, por tudo que conquistei e aquele que por muitas vezes recorri nos momentos mais difíceis durante toda a caminhada e que serei eternamente grato.

A minha esposa Cassandra, companheira e eterno amor, assumindo com responsabilidade e paciência a postura de tutora deste trabalho pelas trocas de impressões, comentários e sugestões ao longo destes dois anos. Meu eterno obrigado.

Aos meus pais Baptista e Célia, as minhas irmãs Luciana e Patrícia, a minha avó Leonor e a minha tia Denise, todos sempre presentes e atuantes, ajudando sempre com carinho e dedicação.

A minha orientadora Professora Maria Eugênia, pela atenção e incentivo dispensados desde o começo, onde tenho uma enorme dívida de gratidão.

Aos professores Jéferson, Patrícia e Vera que aceitaram participar da banca examinadora e por suas valiosas contribuições. Ao professor Arnaldo Lemos, idealizador desta caminhada desde o início e por ter contribuído com seus valiosos e expressivos comentários, meu muito obrigado.

Aos meus colegas de Mestrado pela oportunidade de tê-los conhecido e convivido em momentos tão especiais e mágicos. Faço aqui uma ressalva muito especial à Maria Angélica, Warlen e a Ana Elisa. Sem a ajuda de vocês tudo seria muito mais difícil.

Aos meus professores do programa de pós-graduação da PUC-Campinas, pelos conhecimentos passados e dedicação.

À coordenação do Programa de Pós Graduação do Mestrado em Educação pela acolhida e suporte. Faço um agradecimento especial à professora Kátia, a secretária Kelly e a secretária Regina.

Com certeza, sozinho eu não faria isto.

RESUMO

BULLENTINI, Eduardo Baptista. **O Professor Universitário para o Curso de Administração Sob a Ótica dos Alunos.** Dissertação de Mestrado em Educação. PUC-Campinas, 2006, 138 p. Orientador: Prof. ^a Dr. ^a Maria Eugênia L. M. Castanho.

O presente trabalho propõe-se analisar o trabalho docente num curso noturno de uma Instituição de ensino superior particular, especificamente uma faculdade de Administração, sob a ótica dos alunos. Partindo da constatação de uma crise da educação superior no Brasil, o texto procura analisar o trabalho na sociedade capitalista, levando em consideração a crítica marxista e as mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Em seguida, analisa o trabalho docente hoje e a visão e expectativas dos alunos que estudam no período noturno a partir de uma pesquisa feita com alunos de um curso de Administração de Empresas. Os resultados mostram que a questão do tempo é uma das mais graves e que há características pessoais importantes para o êxito do ensino e da aprendizagem. Conclui-se que estudamos uma pequena parte da enorme problemática envolvida nos cursos superiores noturnos.

Palavras Chave: Curso de Administração – Trabalho – Formação de Professores

ABSTRACT

BULLENTINI, Eduardo Baptista. **O Professor Universitário para o Curso de Administração Sob a Ótica dos Alunos.** Master's Degree Essay in Education. PUC-Campinas, 2006, 138 p. Assistant Research Professor: Dr. Maria Eugênia L. M. Castanho.

The present work proposes an analysis of the work of teachers in a night course of a private university, specifically in the Business Administration course, from the perspective of the students. Based on the verification of a higher education crisis in Brazil, the text analyzes work in Capitalistic Society, taking into consideration the Marxist Critique and the changes happening in the world of work. Following this, it analyzes the work of teachers today and, by means of a survey made with students of the Business Administration course, the point of view and expectations of the students who study in this course at night. Results show that the question of time is one of the most serious concerns and that there exist important personal characteristics for successful teaching and learning. It concludes that we have studied a small part of the enormous problematic involved in university night courses.

Key words: Business Administration Course; Work; Teacher Formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1	
A QUESTÃO DO TRABALHO	16
1.1. O Trabalho na Sociedade Capitalista	16
1.2. Para Onde Vai o Trabalho?	19
CAPÍTULO 2	
TRABALHO E EDUCAÇÃO	30
2.1. O Trabalho do Professor Universitário	30
2.2. A Docência no Período Noturno	41
CAPÍTULO 3	
OS PROFESSORES DE ADMINISTRAÇÃO SOB A ÓTICA DOS ALUNOS	47
3.1. A Escolha da Metodologia de Pesquisa	47
3.2. O Contexto e os Sujeitos da Pesquisa	51
3.3. Análise e Interpretação dos Dados da Pesquisa	56
3.3.1. Gráficos sobre a Aprendizagem	60
3.3.2. Gráficos sobre o Processo de Avaliação	72
3.3.3. Gráficos sobre Relacionamento	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	99

INTRODUÇÃO

Ouvimos falar e falamos em crise na educação superior atual, mas, afinal, o que entendemos por crise? Como mostra Castanho (2002, p.15): “na sua origem grega, a palavra prende-se a ‘abismo’. Estar em crise significa estar à beira do abismo ou já ter caído nele”. Ainda segundo o autor: “A universidade está em crise! Da esplanada dos Ministérios, em Brasília, às salas de aula, passando pelas colunas dos jornais e das revistas, todos repetem que a universidade vive hoje sua pior crise” (CASTANHO, 2002).

Ora, sabemos que os momentos de crise são oportunidades importantes de mudança, de aprendizado, de sabedoria, de crescimento, de avaliação e de renovação. Sendo assim, por que não aproveitarmos este momento fecundo e tentarmos transformar a situação? Sabemos, ainda, que a formação, a atuação do professor universitário e a educação superior brasileira foram e são construídas historicamente, sempre influenciadas pelas disposições legais e por vários cenários de caráter social, políticos, culturais e principalmente econômicos.

Como bem evidenciou Marques (2000, p.47), “... a questão da educação do educador foi posta por Marx como questão teórico-prática e como práxis revolucionária no contexto da discussão sobre a atividade humana”.

Dentro da realidade educacional brasileira, seja pela aferição de qualidade por que passam os cursos superiores, , através de políticas educacionais, as quais disparam mecanismos governamentais de avaliação nacional dos cursos, tais como

Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação (INEP-MEC) ou Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), seja pelas discussões criadas dentro das salas de reunião das próprias universidades, ficamos atônitos, pensando onde está a ponta do fio do novelo.

O problema está no fato gerador ou na conseqüência? Estamos em crise devido ao fato de que a maioria dos nossos professores de ensino superior não possuem formação em áreas pedagógicas, por não terem optado pela docência propriamente dita, porém acabarem ingressando na carreira docente por circunstâncias materiais e profissionais (de sua própria carreira profissional?). Ou seja: estaria a crise no fato de que muitos desses docentes do ensino superior, que nunca almejaram estar na condição de “professor”, mas que hoje estão, , exercem o magistério como uma conseqüência ou como uma própria extensão de sua vida profissional em outro campo de atuação, completamente longínquo da perspectiva acadêmica?

Não se pode esquecer que muitos interesses de caráter pessoal estão envolvidos nesta situação, tais como: bolsas parciais ou até mesmo integrais aos filhos do professor universitário que está em instituição particular, sem contar a projeção pessoal e profissional para profissionais liberais como advogados, juízes, desembargadores, médicos, dentistas. A docência torna-se, então, para muitos, uma possibilidade interessante, que agrega vantagens; para outros, torna-se, uma segunda opção ou a opção que não fizeram a princípio.

Querer entender e estudar a formação do professor universitário é uma opção bastante complexa, pois se trata de um assunto pouco abordado e divulgado, uma vez que a maioria das pesquisas existentes hoje sobre idéias, representações ou, até mesmo, sobre as concepções de docentes refere-se a professores oriundos do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio, mas não a docentes do Ensino Superior. O grande problema é que não só os conteúdos ou as características dos estudantes são específicos do ambiente universitário, como também

“... existe a consideração e uma autoconsideração do docente universitário como alguém diferente do resto dos docentes, que se apóia no imaginário social da universidade e de seus integrantes”. (SURGUI,1999,p. 87)

Até a década de 1970, só se exigia do proponente ao cargo de professor universitário, o título de bacharelado em qualquer área de formação e o exercício competente de sua profissão. Este princípio estava calcado no seguinte pressuposto: : quem conhece um assunto, sabe ensinar, principalmente, porque o verbo ensinar sugere ministrar grandes aulas expositivas. A idéia de que a docência exige capacitação própria e específica e de que ela não se restringe a um diploma de bacharel ou ao exercício de uma profissão, é recente (MASETTO 2003, p.12-13). Além disso, passou-se a valorizar muito, na atualidade, a titulação desse profissional, sua pesquisa e sua produção científica. Em contrapartida, não há, em geral, uma preocupação com a qualidade do ensino que o docente oferece à comunidade estudantil dentro da sala de aula.

Em vista disso, perguntamos: basta ter uma boa formação (títulos acadêmicos, cursos de pós-graduação, MBA no Exterior) para ser um bom professor, para poder ensinar bem, para ter um desempenho satisfatório como docente? Estabelecer uma relação direta e simples entre a titulação e o desempenho do docente de qualidade, como parecem supor os critérios de avaliação institucional interna e externa, é, portanto, questionável.

...a docência é uma profissão impossível. Impossível porque é uma profissão na qual a formação não garante um desempenho elevado e regular dos gestos profissionais, uma vez que, as profissões que trabalham com pessoas (psicólogos, trabalhadores sociais, professores e outros) convivem com a mudança, com a ambigüidade, o desvio, a opacidade, a complexidade, o conflito.
(PERRENOUD,1993, p.67)

Pensemos, agora, na conseqüência. Estaria aí o problema? Os alunos vivem esta “orgia educacional”, em que as leis do capitalismo neoliberal passam por cima de tudo e de todos, o “recorte e cole” no cotidiano escolar é preponderante e o respeito ao professor, em sala de aula, é praticamente inexistente. Surgem as corporações criadas e desenvolvidas para gerar educação em massa a preços atrativos e acessíveis, mas que, analisando sobre outro prisma, exercem um papel fundamental na sociedade brasileira atual, pois o Estado, não sendo suficientemente capaz de resolver a questão, delega a atividade educacional a terceiros, ficando

apenas com a questão da autorização, do reconhecimento e da averiguação desses cursos.

Desde 2003, nossa atividade profissional está ligada à docência, seja atuando como professor universitário em faculdades privadas, nas cidades de Jaguariúna e Campinas, interior do Estado de São Paulo, onde lecionamos, , na graduação, as mais diversas disciplinas, como, por exemplo, Administração em Tecnologias de Gestão Organizacional, Administração de Materiais e Logística, Gestão de Projetos, Negócios & Empreendedorismo, Estratégia Organizacional, Organização, Sistemas e Métodos, Administração de Sistemas de Informação, Pesquisa de Atividades Dirigidas, seja como orientador de Trabalho de Conclusão de Curso. Com essa experiência, em que trabalhamos com discentes oriundos das mais diversas classes sociais, na sua grande maioria B-, C, D+, pudemos observar, sob a ótica dos alunos, questões que se relacionam aos novos desafios do professor universitário para o curso de Administração.

O que torna e o que faz hoje um professor ser marcante para este tipo de aluno, que, na sua imensa maioria, estuda a noite e trabalha oito horas ou mais durante o dia?

Em nossa pesquisa, encontramos traços de uma certa ânsia, por parte dos discentes consultados, em tentar superar o obstáculo profissional e se identificar com o professor marcante:

Um professor marcante para mim é aquele que ajuda o aluno em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Que fala dos obstáculos que enfrentou e venceu. O aluno tem que se espelhar no professor...
(Entrevistado 88)

Como Coordenador do curso de Administração e responsável pelo projeto pedagógico do curso, procuramos desenvolver um trabalho na linha de pesquisa Universidade, Docência e Formação de Professores, cujo tema foi “O Professor Universitário para o Curso de Administração sob a Ótica dos Alunos”. O tema foi problematizado da seguinte forma: qual o papel do professor universitário do curso de Administração de Empresas frente aos novos desafios, sob a ótica dos alunos? Acreditamos que realizar um estudo dessa natureza, em uma Faculdade de Administração, justificou-se em razão de vários fatores:

1. A carência de estudos que abordem especialmente o “perfil necessário” para este novo professor do terceiro milênio, gerando uma necessidade de aprofundar conhecimento através de estudos sobre esse problema.
2. A possibilidade de “ouvirmos” os nossos próprios alunos em um exercício de reflexão que a pesquisa proporcionará de modo especial aos nossos futuros professores, que irão ministrar aulas para esses mesmos alunos.
3. A oportunidade de poder colaborar com os docentes oriundos de áreas não-pedagógicas do conhecimento, coletando informações e, dessa forma, contribuir significativamente para o bom trabalho dos docentes dentro da sala de aula.

Os objetivos desse estudo foram, portanto, levantar o perfil dos discentes do período noturno de uma faculdade de administração de empresas, da rede privada de ensino, definir o perfil do professor universitário adequado a esse curso, pesquisar o que determina a qualidade a que se reportam os alunos, na relação com o seu professor e registrar as carências e expectativas reveladas.

O profissional do magistério na universidade, hoje, tem de ter, acima de tudo, consciência do que representa estar na universidade e como suas atitudes repercutem para com seus alunos. Estar bem estruturado, embasado e pronto para os novos desafios é primordial em um país onde as desigualdades sociais se refletem também na educação. Esse profissional tem um papel social essencial e preponderante no desenvolvimento de um projeto de sociedade brasileira, de Nação e de história contemporânea nacional.

Com esse entendimento, realizamos a nossa investigação que está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo fazemos um resgate histórico da questão do trabalho na sociedade capitalista até a presente data e tateamos tendências para o futuro.

No segundo capítulo, nosso olhar se debruça sobre a trama contextual do professor da educação superior na sociedade atual, onde serão apresentadas concepções sobre o trabalho do professor universitário, a sua atuação docente, os vários padrões de professores universitários e o curso noturno. Nosso olhar procurou buscar, na literatura, o movimento que caracteriza a dinâmica da formação desse professor através de processos que se constroem ao longo da trajetória docente,

envolvendo não só aspectos da vida profissional, como suas concepções e práticas institucionalizadas, seus saberes, suas experiências, mas também os recursos de que se servem no exercício da docência.

Em seguida, no terceiro capítulo, explicamos a escolha adotada para a metodologia da pesquisa, indicando o contexto e os seus sujeitos, através da ilustração dos vários gráficos de seu perfil sociocultural e, por fim, apresentamos os aspectos relevantes encontrados na pesquisa, efetuando uma análise geral, interpretando os gráficos dentro de três categorias distintas que emergiram dos dados. São elas: didática, processo de avaliação e relacionamento professor-aluno. Por fim, apresentamos algumas considerações finais, a que denominamos “Os Novos Desafios” encerrando o trabalho, certos de que novas frentes de investigação se abrem para o estudo da problemática. Aliás, outro não é o papel da pesquisa senão o de responder algumas questões e de levantar muitas outras.

CAPÍTULO 1

A QUESTÃO DO TRABALHO

1.1. O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA

O pensador que mais analisou a questão do trabalho, no capitalismo, principalmente do ponto de vista crítico, foi, sem dúvida, Karl Marx. Como bem assinalou Cabrera (2004), para compreendermos o alcance e os limites da obra de Karl Heinrich Marx é necessário compreender as condições históricas e teóricas onde elas se desenvolvem.

Por isso, podemos afirmar que o pensamento de Marx se desenvolve ancorado nas experiências, vitórias e derrotas que o movimento operário e popular da época acumulava em suas lutas contra os patrões, o governo e o capital. De modo geral, pode-se dizer, ainda, que o socialismo negava a propriedade privada e o comunismo negava a presença do Estado, fato que nunca ocorreu.

Assim, entender o pensamento de Marx, independente de suas particularidades, é entender também a evolução das lutas sindicais e políticas dos trabalhadores europeus do século XIX. Marx deixou o seu legado especialmente em três textos famosos, sendo eles:

1. *O Manifesto Comunista*, escrito de forma simples para a classe operária.
2. *Contribuição à crítica à economia política* – Prefácio.
3. *O Capital*, escrito em Londres, seu último exílio, vindo a falecer em 1883.

O marxismo tem três fontes básicas: o socialismo, a dialética e a economia política. A primeira fonte tem origem no desenvolvimento do capitalismo na França. A consolidação do capitalismo gerou contradições, principalmente o conflito *versus* o trabalho, levando alguns pensadores a buscar o socialismo como alternativa para a sociedade. Estes pensadores, denominados socialistas, são, segundo Engels, socialistas utópicos e apolíticos. Utópicos, porque supunham que bastava convencer os capitalistas a distribuir os seus bens para que houvesse a igualdade social, e apolíticos porque não pressupunham um instrumento de poder para a consecução de seus objetivos. Já o socialismo marxista é científico e político. Em primeiro lugar, porque Marx decidiu estudar os mecanismos do sistema capitalista para destruí-lo e, em segundo, porque Marx pressupunha um instrumento político para isto: a organização da classe operária.

A segunda fonte é a dialética, método utilizado por Marx, baseado na filosofia de Hegel. Enquanto Hegel, idealista, afirmava as contradições na evolução das idéias, Marx, materialista, afirmava as contradições nas condições materiais de produção, ao longo do processo histórico. Daí materialismo dialético e histórico.

Da economia clássica inglesa, principalmente de Adam Smith, Marx vai discutir as idéias básicas da economia de mercado. Enquanto Adam Smith afirmava que a riqueza das nações se fundamentava na economia de livre iniciativa, Marx dizia que somente quem possuía o capital acumularia mais capital. Propunha, então, a abolição da propriedade privada dos meios de produção.

A definição de Trabalho é algo relativo à produção de bens materiais. As relações se dão de duas maneiras: uma com a natureza, onde as forças de produção

irão produzir bens materiais, envolvendo a terra, o animal, a força física e, a outra, em que os homens, ao se relacionarem, geram relações de produção, ou seja, relações de caráter social, as quais irão gerar o modo de produção.

Para Marx, não são as idéias que mudam a realidade, mas sim a realidade que muda as idéias. Na dialética de Marx tudo se relaciona, e nenhum fenômeno pode ser explicado isoladamente. Tudo se transforma, ou seja, tudo muda o tempo todo, nada é estático. Marx coloca, também, a mudança de qualidade e, por último, a luta dos contrários, que reforça os pontos que se contradizem, e origina a luta de classes, de onde sairá a força de produção e as relações de produção (CABRERA, 2004).

Podemos observar, no capítulo a seguir, os fatos que deram início ao processo da relação capital-trabalho. Como as idéias de Marx estão presentes e atuantes em nosso meio e o que levou a sociedade pós-moderna ao desemprego estrutural, ou seja, ao colapso do sistema capitalista vigente.

1.2. PARA ONDE VAI O TRABALHO?

Trazendo os fatos para a nossa realidade, podemos fazer a seguinte indagação: O que está acontecendo com o trabalho hoje?

Segundo o jornalista Carlos Eduardo Lins e Silva, em sua primeira frase citando Marx: “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”.

A palavra de ordem básica de Karl Marx no Manifesto Comunista, de 1848, talvez jamais tenha estado tão longe de se realizar do que agora, quando o mundo está mais unido, mais globalizado, econômica e culturalmente do que nunca. No debate da globalização, um ator social importante, o trabalhador, tem estado ausente de modo sistemático. As entidades que representam seus interesses, sindicatos em nível Nacional e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estão em declínio. O principal método de pressão de que dispunha o trabalhador, a greve, se tornou anacrônico diante de uma realidade social em que o “exército industrial de reserva”, para usar o jargão marxista se tornou epidêmico e inesgotável. (Idem, jornal *Folha de S. Paulo*)

Segundo o mesmo autor, “... as alterações no mercado de trabalho no decorrer do século XX em especial nos últimos trinta anos, a ‘Terceira Revolução

Industrial', criaram o que tem sido chamado de 'sociedade global de risco', caracterizada, entre outros aspectos, pelo desemprego estrutural".

Lins e Silva também afirma que os três setores econômicos vêm sendo atingidos pela lentidão dos sindicatos em responder aos desafios da globalização e da substituição acelerada do trabalho humano pelo de computadores. Afirma que a esses fatores, somando-se o fim da Guerra Fria, os trabalhadores ficaram sem o principal ponto de referência que lhes norteava a ação: o conceito de socialismo, e os Estados capitalistas perderam o medo da revolução comunista internacional, que, em oito décadas, havia justificado uma série de concessões que fizeram aos trabalhadores.

Na maioria dos países do Ocidente, o temor de que a escassez de benefícios sociais poderia criar instabilidade propícia para a disseminação de idéias marxistas fez com que quase todos os governos investissem em educação, saúde e habitações públicas e criassem redes de segurança contra o desemprego e para a aposentadoria. (Idem, *Folha de S. Paulo*).

Nos últimos vinte anos, essa situação mudou radicalmente. A globalização econômica e a dispensa maciça de trabalhadores - no campo, nas indústrias e nos serviços - propiciada pela revolução tecnológica, além da "revolução conservadora", simbolizada pelos governos Margareth Thatcher e Ronald Reagan, e a vitória

ideológica dos conceitos liberais na Guerra Fria mudou a feição da economia mundial.

A globalização da economia trouxe um obstáculo a mais para a união dos trabalhadores do mundo sonhada por Marx. Por causa dela, empregos nos países desenvolvidos passaram a ser ameaçados pela importação de produtos manufaturados no Terceiro Mundo, onde seu custo é menor devido a sua mão de obra mais barata. Diante desse quadro, quais as perspectivas de os trabalhadores virem a ter seus interesses representados nos processos de decisão política mundial e nacional? (Idem, *Folha de S. Paulo*)

Lins e Silva ainda afirma que o desemprego e o subemprego provocam, além da ampliação do fosso entre ricos e pobres, em todos os países, uma indesejável e generalizada queda no poder de compra do consumidor. Há sinais de que aumenta a possibilidade de se criar um consenso em torno da idéia da diminuição da semana de trabalho para trinta horas, ainda que com perda salarial.

Para entendermos melhor a situação, vale lembrar a velha máxima, segundo o jornalista José Roberto de Toledo: "... se uma pessoa comeu um frango e a outra nenhum, na média ambas comeram meia ave...", ou seja, um número crescente de pessoas simplesmente não irá trabalhar (os desempregados) e um segundo contingente, cada vez maior, irá ter uma (ou mais de uma) ocupação em tempo parcial.

De acordo com Toledo, a alta do desemprego no Brasil está ligada à estagnação econômica das últimas duas décadas, à abertura comercial implantada nos anos de 1990 (o que levou à troca da produção pela importação) e à reestruturação das grandes empresas, sob novas formas de gestão e inovações tecnológicas.

O aumento do número de pessoas em jornada parcial reflete a precarização do mercado de trabalho na forma da difusão do emprego sem registro. A variação do contingente de trabalhadores que têm jornada estendida acompanha o ritmo da economia. Se há aquecimento, as empresas, ao invés de contratarem mais empregados, aumentam as horas extras dos já contratados.

Ainda, segundo Toledo, cabe a seguinte pergunta: Vamos trabalhar menos no futuro, como prevêem alguns teóricos? Provavelmente sim, mas essa previsão não valerá para todos.

Menos trabalho e mais ócio. Esse deve ser o cenário deste novo milênio. Mas nem todos irão se beneficiar dessa máxima: uns estarão desempregados, outros irão trabalhar menos horas, e outros por mais horas. Segundo Cruz (1999, p. 01) "... a tendência mundial observada no século vinte foi a redução da jornada de trabalho média. Em vários países, ela é hoje quase metade do que foi há cem anos".

Para esse autor, o Brasil não foi exceção. A carga horária caiu 30% entre 1913 e 1996. Hoje o trabalho ocupa 16% do tempo de vida do brasileiro e a previsão para 2010 não deve ultrapassar os 12%. Mesmo assim, o trabalhador nacional não

tem nada do “preguiçoso Macunaíma” - ao contrário do anti-herói de Mario de Andrade, ele trabalha mais do que os americanos e japoneses.

A continuidade da redução do tempo de trabalho, porém, não está garantida. As novas condições socioeconômicas não ajudam: a globalização enfraqueceu os sindicatos e as empresas têm cada vez mais dificuldades para obter ganhos de produtividade. Esse ambiente favorece os trabalhadores criativos, capazes de ter idéias novas e de processar uma quantidade crescente de informações.

A jornada tende a cair, mas o trabalho é cada vez mais intenso: o trabalhador livrou-se do relógio de ponto, mas ganhou metas de produção, tornou-se mais competitivo, entretanto sofre com o estresse causado por essa competição.

Para os trabalhadores manuais e prestadores de serviços, há outros problemas: o desemprego e a informalidade. Levada ao limite, essa idéia implicaria, por exemplo, reduzir a jornada de trabalho no Brasil das 44 horas atuais para 28 horas por semana, para eliminar o desemprego, ocupando toda a população com mais de quatorze anos.

Os jovens têm de se adequar às crescentes exigências dos empregadores, o que os leva a passar mais tempo na escola e a ingressar mais tarde no mercado de trabalho. Na outra ponta, os idosos são pressionados a trabalhar por mais tempo, evitando longas aposentadorias. A nova utopia de reorganização do trabalho para

aumentar o tempo livre, e empregar todo mundo, será colocada à prova neste novo milênio. (CRUZ, 1999 p. 01).

Para Ricardo Antunes, um dos estudiosos da questão do trabalho no Brasil, a sociedade contemporânea presencia um cenário crítico, que atinge não só os países do chamado Terceiro Mundo, como o Brasil, mas também os países capitalistas centrais. A lógica do sistema produtor de mercadorias vem convertendo a concorrência e a busca da produtividade num processo destrutivo que tem gerado uma imensa precarização do trabalho e um aumento monumental do exército industrial de reserva, ou seja, do número de desempregados. Somente a título de exemplo: até o Japão e o seu modelo Toyotista, que introduziu o “emprego vitalício” para cerca de 25% de sua classe trabalhadora, vem procurando extinguir essa forma de vínculo empregatício, para adequar-se à competição que emerge do Ocidente “toyotizado”. “Andam desarticulados os tempos” - a frase de Shakespeare, em *Hamlet*, citada por Antunes (2005), é muito feliz na sua exemplificação. As relações entre o *ser* e o *ter*, as relações entre o *ser* e *existir* são todas muito complexas e cabe a nós tentarmos compreendê-las.

E foi exatamente isso que fez o brasileiro Marcos Gosnn, presidente mundial da Nissan no Japão: fechou fábricas e demitiu um contingente enorme da massa trabalhadora japonesa. Foi tido inicialmente como “louco, mas depois foi aplaudido pelo sistema e por sua atitude heróica, pois, com essa reforma, tirou do vermelho a fábrica de automóveis da Nissan, que, , caso contrário, teria ido à falência.

O ideal da “Qualidade Total”, pregado pelo modelo toyotista de produção, vai perdendo sentido do ponto de vista comercial, pois os ciclos dos produtos estão cada vez mais curtos. Para que fabricar um produto com tanta qualidade, a ponto de as pessoas não precisarem se preocupar em adquirir um novo, num espaço médio de tempo? Esta metodologia vai de encontro à receita avassaladora do capitalismo pós-moderno, em que é necessário gerar necessidades a todo instante, desenvolver modismos, divulgá-los intensamente em campanhas publicitárias, de tal forma que a sociedade, atônita e desnorteada, entre, sem refletir, numa jornada de consumo, que nunca chega ao fim, visto que sempre existirá um novo bem a ser consumido.

Os ciclos dos produtos e dos serviços estão ficando cada vez mais curtos, porque os segredos industriais estão cada vez mais fáceis de serem copiados. Logo, podemos observar que a qualidade dos produtos visa justamente reduzir os custos durante a sua fabricação, evitando, assim, o seu re-trabalho. Baratear os custos de uma não conformidade após a sua venda, para não causar uma imagem negativa do produto, , mas não ter uma qualidade infinita, que permita ao produto durar por longo tempo.

Segundo Antunes:

Desprovido de uma orientação humanamente significativa, o capital assume, em seu processo, uma lógica onde o valor de uso das coisas foi totalmente subordinado ao seu valor de troca. O sistema de mediações de segunda ordem passou a se sobrepôr e a conduzir as mediações de primeira ordem. A lógica societal se inverte e se transfigura, forjando um novo sistema de metabolismo societal estruturado pelo capital. As mediações de primeira ordem, cuja finalidade é a preservação das funções vitais da reprodução individual e societal. (2005, p.19)

Ainda, de acordo com esse autor, as mediações de primeira ordem possuem as seguintes características definidoras:

- 1) os seres humanos são parte da natureza, devendo, portanto, realizar suas necessidades elementares por meio de constante intercâmbio com ela.
- 2) Eles são constituídos de tal modo que não podem sobreviver como indivíduos da espécie à qual pertencem (...) baseados em um intercâmbio sem mediações com a natureza (como fazem os animais), regulados por um comportamento instintivo determinado diretamente pela natureza, por mais complexo que esse comportamento instintivo possa ser.

A taxa de utilização decrescente do valor de uso das coisas. “O capital não considera valor de uso (o qual corresponde diretamente à necessidade) e valor de troca como coisas separadas, mas como um modo que subordina radicalmente o primeiro ao último. (MÉSZÁROS,1995, p.566)

Para Antunes, uma mercadoria pode variar de um extremo a outro, isto é, pode ter seu valor de uso realizado, num extremo da escala, ou jamais ser usada, posicionando-se no outro extremo, sem, por isso, deixar de ter, para o capital, a sua utilidade expansionista e reprodutiva. Essa tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, ao reduzir a sua vida útil e desse modo agilizar o ciclo reprodutivo, tem se constituído num dos principais mecanismos graças ao qual o capital vem atingindo seu incomensurável crescimento ao longo da história.

Pois bem, o que estamos percebendo, de longa data, é que as mediações de primeira ordem foram suplantadas pelas mediações de segunda ordem, introduzindo elementos

fetichistas e alienantes de controle social metabólico. Mészáros *apud* Antunes (2005, p. 21)

afirma que:

...estas forças impulsionadoras de mediações de segunda ordem são as seguintes: 1) A separação e alienação entre o trabalhador e os meios de produção. 2) A imposição dessas condições objetivadas e alienadas sobre os trabalhadores, como um poder separado que exerce o mando sobre elas. 3) A personificação do capital como um valor egoísta – com sua subjetividade e pseudopersonalidade usurpadas -, voltada para o atendimento dos imperativos expansionistas do capital. 4) A equivalente personificação do trabalho, isto é: a personificação dos operários como trabalho, destinado a estabelecer uma relação de dependência com o capital historicamente dominante: essa personificação reduz a identidade do sujeito desse trabalho a suas funções produtivas fragmentárias.

Continua Antunes:

o sistema de segunda ordem, corresponde ao tripé: Capital, Trabalho e Estado, sendo que estas três dimensões fundamentais do sistema são materialmente inter-relacionadas, tornando-se impossível superá-las sem a eliminação do conjunto de elementos que compreende este sistema. (p. 25)

O que vemos na prática, hoje, é o Estado tentando se “libertar” das suas responsabilidades enquanto Estado, vendendo ou até mesmo entregando suas empresas estatais para a iniciativa privada. O problema é a forma como esta operação foi e está sendo feita, principalmente em nosso país. O Estado deve governar e não administrar suas empresas. Ao Estado cabe controlar o todo, mas o grande entrave é que nem isso pode ser feito de forma brilhante, o não controle é uma consequência de suas próprias fraturas que estão presentes, desde o início, em seu sistema.

Podemos dizer que, quanto mais aumentam a competição e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas consequências, gerando seqüelas para a sociedade civil, para o meio ambiente e criando um sentimento generalizado de incompetência. Segundo

Dupas, em sua palestra “Ciência, Sociedade e Poder”, proferida em 2005, presenciamos, hoje, três agentes globais: Estados nacionais, corporações globais e sociedade civil. Resta a pergunta: quem se sobrepõe a quem? Percebemos o caminhar da história, em que o ciclo imperial era uma questão de legitimidade, só interessando ao dominador e a mais ninguém, depois passamos ao ciclo hegemônico, no qual o dominador é capaz de impor medidas por meio de seu discurso, conseguindo fazer com que elas pareçam interessantes, inclusive para os dominados - é o que os historiadores chamam de governabilidade sistêmica. Um bom exemplo disso seria o Império Romano e por que não o Império Norte-Americano? A grande questão continua Dupas, é que a tecnologia da informação deu um salto gigantesco na década de 1980, quando países que vinham nessa trilha, como Estados Unidos, Japão, China e os chamados Tigres Asiáticos viram suas economias explodirem de uma década para outra, salvaguardadas algumas particularidades.

O paradoxo do século XXI é o capitalismo selvagem, o sistema neoliberal. A grande questão é que esse sistema em vigor é, por sua vez, pujante, poluente e propicia poderes cada vez maiores à elite, sendo um grande gerador de exclusão social.

Dupas afirma que, hoje, o *marketing* é global. Trata-se de uma propaganda de manipulação: nós fantasiemos a realidade como uma forma alternativa de viver, e, quando queremos, damos uma espiada na realidade, voltando logo para a nossa fantasia.

O vetor dominante da lógica global é justamente a perda dos valores sociais, em que o *ter* passa a ser o ideal a ser buscado, deixando de lado o *ser*. Devido a essa inversão, surge, entre outros valores, o culto ao corpo: manter-se em forma é o modismo do momento, é a última fronteira a ser transpassada.

Segundo o Dupas (2005), o Brasil precisa se redescobrir. Além de exportarmos soja, automóveis e outros bens duráveis, precisamos voltar-nos os olhos e nos perguntarmos: onde está a nossa especificidade para podermos crescer? Temos de fazer pontes, quebrar barreiras, parar de ter de escolher entre o ruim e o péssimo. Os produtos globais brasileiros são o Futebol e a MPB. Nos últimos quatro anos “exportamos” mais de vinte mil jogadores, a partir dos 12 anos de idade, segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Censo 2004) além de nossa música popular brasileira, pois temos um refinamento musical apurado, nosso ritmo e nossa melodia são valorizados no mercado internacional.

Visto isso, passemos ao próximo capítulo, onde iremos melhor observar e entender a lógica do trabalho do professor universitário num ambiente universitário privado.

CAPÍTULO 2 **TRABALHO E EDUCAÇÃO**

2.1. O TRABALHO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

A noção de trabalho não é uma idéia vaga que se aplica indistintamente a qualquer época da humanidade. Na Antiguidade Clássica e na Idade Média o trabalho de escravos e servos era concebido como tripalium, instrumento de tortura e estigma fatal. Com o advento da sociedade moderna e de seu correspondente modo de produção capitalista, o trabalho colocou o homem no mercado de trabalho, onde supostamente poderia dispor da força de seu corpo e livremente comerciá-lo em troca de salário. A partir daí o homem começa a acreditar que com as máquinas poderá progredir, diminuir sua jornada, dispor de tempo para ações criativas, sociais e políticas. Aos poucos, a evolução concreta das sociedades capitalistas vai contraditando a esperança de libertação do trabalho desagradável e de transformação do homem em uma espécie de demiurgo ou criador, fazendo e concebendo máquinas. (BRAVERMANN, 1977, p. 198)

O trecho aborda de forma interessante a questão do trabalho e a relação do homem com a máquina: com o passar do tempo, o homem vai percebendo que a máquina não é serva de todos indistintamente, mas apenas daqueles que, com a acumulação de capital, puderam adquiri-la. Ora, não podemos repelir o desenvolvimento obtido, mas podemos, e devemos, tentar mudar as relações sociais existentes, o que termina por configurar uma questão científico-política. Vale lembrar que o verdadeiro trabalho pode e deve ser político, combativo, criativo e solidário em sua essência. Não podemos esquecer que o professor universitário, nas instituições particulares, antes de ser um professor é um trabalhador regido pela CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), que vai a reboque dentro do contexto neoliberal.

Efetuada um resgate do primeiro capítulo, onde Marx apontava a “proletarização” do trabalho docente, podemos destacar, segundo Tomazi (1997), as seguintes questões:

A) O professorado é gradativamente afastado da tomada de decisões sobre os conteúdos e finalidades do ensino, na medida em que está inserido num processo cujas medidas burocráticas, didáticas, metodológicas o submetem a determinada “lógica do capital”.

B) Em decorrência disso, os professores tornam-se meros executores de decisões tomadas por técnicos e administradores, que planejam todas as atividades educativas, ocasionando uma perda contínua do controle sobre o seu trabalho e uma desqualificação crescente da categoria. (p.96)

Com essas transformações, o professorado aproxima-se muito da classe operária em geral e, portanto, pode se aliar a ela nos seus projetos de transformação da sociedade em que vivemos. O professorado é uma categoria com uma diversidade muito grande, mesmo em determinada sociedade e num momento histórico específico, devido à condição de trabalhadores intelectuais e de reagirem diferentemente diante das várias conjunturas.

Ainda segundo Tomazi, podemos elencar algumas “categorias” que personificam os professores trabalhadores.

Apenas para efeito ilustrativo e pedagógico, sem nenhuma pretensão de fazer uma tipologia exaustiva e perfeita, incorrendo em simplificações inerentes a todas as tipificações, poderíamos enquadrar os professores nos seguintes padrões:

A) **Conservadores:** Eles se apresentam como “controladores sociais” e agem como ideólogos oficiais, na maioria das vezes, não importando quem esteja no poder. Assumem as idéias dominantes e as reproduzem, sempre aderindo ao discurso oficial do Estado. Possuem aquela fala muito desgastada sobre as virtudes da educação e da escola para os jovens. Podem ser facilmente reconhecidos por expressarem frases como : “A Nação nada mais é do que a família ampliada”; ou “Os jovens de hoje são o futuro da Pátria”; ou ainda “A escola prepara o homem de amanhã”.

B) **Críticos:** Ao contrário dos anteriores, contrapõem-se quase sempre ao discurso oficial, a menos que o seu partido esteja no poder, quando, então, a crítica se torna mais amena. Mas, mesmo assim, mantêm uma postura crítica. Estão sempre engajados nas lutas da categoria docente, sindicalizam-se e buscam um confronto com a ideologia dominante e se defendem. Procuram definir claramente o papel dos docentes em seus vários níveis de atuação, tentando sempre integrá-los nas lutas mais gerais dos trabalhadores. Não se conformam com a atual situação da educação e da escola (neste sentido podem ser chamados de *inconformistas*). Buscam sempre uma melhoria na qualidade do ensino, tornando-se, muitas vezes, autocríticos e críticos de seus pares.

C) **Tecnicistas:** São aqueles que acreditam agir conforme os preceitos científicos e de acordo com as normas pedagógicas mais precisas e atuais. Criam uma identidade em torno do ato educativo em si. Definem a atuação da categoria como a de cientistas que trabalham em determinada área: a educação. Para isso, procuraram estar sempre atualizados às mais recentes discussões pedagógicas, propondo a aplicação das novas metodologias nos lugares onde trabalham. São aqueles que têm uma explicação teórica e científica para todas as coisas que acontecem no ambiente escolar. Pretendem-se pedagogos por excelência.

D) **Indiferentes:** São aqueles que estão sempre com um discurso emprestado, normalmente dos três grupos anteriores. Em certas situações utilizam um discurso, ou uma mescla deles; em outros momentos mudam, como se muda de roupa, utilizando aquele que melhor lhes convém. São influenciáveis, dependendo da situação salarial, por exemplo. Se a situação está boa, mesmo que momentaneamente, são a favor do governo; se está má, são contra, e assim vão vivendo. No conjunto, são sempre uma “massa de manobra”, mas não tão inconsciente quanto possa parecer. Como são maioria, criam uma “sopa teórica” das posições anteriores e, normalmente, mantêm uma situação de destaque e proeminência entre os professores.

E) **Filantropos:** Os que podem ser enquadrados neste padrão são aqueles que fazem o que poderíamos chamar de “filantropia pedagógica”. Estão nas escolas para ajudar os outros, principalmente os mais carentes, e, além do mais, não necessitam do dinheiro do salário que recebem para a sua sobrevivência. Como possuem tempo livre, escolheram o trabalho docente como um *hobby*, incluindo aí também um trabalho de “assistência social” em horas vagas.

Das categorias supracitadas, notamos hoje uma gama muito vasta de professores que se enquadram na categoria de professores *indiferentes*. Esse quadro deve-se ao fato das circunstâncias adversas vividas pelo professorado. Notamos que não há mais previsibilidade dos fatos como no passado.

Sobre os problemas do ensino superior brasileiro, Castanho (1994) aponta que ele ... enfrenta graves problemas: suas funções, seu papel de produzir e disseminar conhecimentos, a importância da pesquisa em ciência básica e a pesquisa tecnológica, como meios de impedir a perpetuação da dependência nas várias dimensões do social, o papel que cabe à educação num projeto nacional, são algumas das questões que se lhe colocam. (p. 93)

Para Masetto (2003, p.186) a “formação de pessoas que sejam profissionais competentes e cidadãos co-responsáveis pela melhoria da qualidade de vida da sociedade em que vivemos...” é a base da educação.

Segundo esse autor, “a formação pedagógica necessária atual para docentes do ensino superior, na busca de uma docência universitária com profissionalismo, seria possível através de cursos de pós-graduação”. “O mestre ou doutor sai da pós-graduação com maior domínio em um aspecto do conhecimento e com a habilidade de pesquisar”. Professores para quem o ingresso na carreira acadêmica não se constituiu a primeira opção, mas tornaram-se educadores por circunstâncias outras, e aqueles que advêm de áreas não-pedagógicas do conhecimento são o ponto crucial da questão.

A pós-graduação continua Masetto, “poderia também organizar atividades de formação pedagógica para docentes do ensino superior que não estão freqüentando os seus cursos no momento...”. Propiciar essa formação profissional

pedagógica para aqueles professores que advêm dessas áreas não-pedagógicas parece uma idéia interessante e seria uma forma de contornar o problema, além de tornar muito melhor a aula e a forma como ela é transmitida.

Na minha prática e no meu discurso, o verbo educar e os substantivos *homem* e *trabalho* foram tomando novos sentidos e significações diferentes. Através do diálogo e, muitas vezes, de conflitos e confrontos, que se resolviam em novas indagações, busquei a possibilidade da verdade, que descobri não ser fixa, mas dialética, e que se configura em permanente construção da história de todos os seres. Pensando neste movimento busca-mudança, selecionei alguns momentos da minha prática, raízes remotas desta indagação constante: o que leva o professor a se comprometer com o seu fazer? E o que faz para ser considerado um professor bem-sucedido por seus alunos e seus pares? (PIMENTEL, 1994, p.15)

Esta é, sem dúvida, outra indagação que devemos fazer a todo instante: o que fazer para ser considerado um professor bem-sucedido pelos alunos e pelos pares? A questão é um ciclo, que, em determinado momento, se inicia com a entrada deste professor em sala de aula, começando o seu primeiro dia como “professor”. São aqueles minutos iniciais onde não se sabe ao certo se, de fato, se é um professor austero, rígido, compenetrado, preocupado com sua reputação perante a classe ou se age como mais um aluno dentro da sala de aula.

Muito interessante também, neste início, é a questão da empatia com a turma para a qual ministrará sua primeira aula. Se a aula correr bem e o professor sobreviver até o primeiro intervalo, tudo sairá bem, porém se tiver o azar de ter sido escolhido para começar a lecionar em uma turma muito crítica, logo poderá ter problemas e é bem possível que não chegue, sequer, até o primeiro intervalo.

Ensinar é ciência, técnica ou arte? Ao longo deste trabalho de investigação acabei me convencendo de que ensinar é uma arte. Se é verdade que em todos os casos aqui estudados há forte embasamento científico, se também é verdade que esses notáveis professores utilizam-se de determinadas técnicas no ato de ensinar, é verdade que estamos diante de artistas, acima de tudo: “esculpindo” modelagens matemáticas, artista ajudando a compor diálogo entre os sem-terra e a Universidade, artistas que integram os conhecimentos de várias ciências ao lado de estudantes que se debruçam sobre o doente grave no leito do H.C. da Universidade, artista que se utiliza de toda sua bagagem científica num trabalho criativo de orientação junto ao serviço de Apoio ao Estudante, artista “frente a uma partitura sem orquestra nenhuma”.(NEWTON CÉSAR BALZAN, Orientador, PIMENTEL, 1994, p.14)

Refletindo sobre o comentário do professor Balzan, na época orientador da professora Maria da Glória Pimentel, ficamos fascinados e deslumbrados com sua afirmação: “... ensinar é uma arte...”

Ora, de qual arte estamos falando? Como é estar diante de uma partitura sem orquestra e ter de regê-la? Digamos que a partitura é o plano de ensino e que estar sem orquestra é começar com os nossos alunos da etapa zero, como fazer que este coral cante a uma só voz? Eis aqui o ponto: devemos nós ser admirados ou aceitos por imposição? Se de fato ensinar é uma arte, tudo que é imposto é questionável.

Segundo Castanho (2000, p.75), "... é unânime a percepção de que vivemos, nacional e internacionalmente, uma época muito especial, caracterizada por profunda crise social, política, econômica e ética" e de fato, estamos vivendo uma crise generalizada e da maior envergadura. O que era modelo no passado não mais se aplica ao presente e muito menos ao futuro. Novos modelos deverão ser implantados, tentativas e erros farão parte do nosso cotidiano e acertos virão com os novos resultados dentro dos novos parâmetros.

Talvez não seja unânime, embora seja ideologia generalizada, a idéia de que posturas teóricas alinhadas com a esquerda caducaram com o colapso do socialismo real, restando uma grande interrogação – ou um grande vazio – quando se procura contrapor o modelo de sociedade neoliberal globalizada a um outro menos excludente e mais humano, ético e justo. Há muitos, no entanto, que seguem trabalhando numa perspectiva social diferente, que aponta para a possibilidade de novos caminhos. (CASTANHO, 2000, p.76)

A mesma autora continua:

De qualquer forma e apesar de toda a sua opacidade, o momento atual está evidenciando a necessidade de profundas transformações sociais, o que implica dizer que toda a vida institucional precisa reestruturar-se em vista das profundas mudanças que vêm ocorrendo na organização material da vida humana. Também ou - principalmente - as escolas precisam mudar. Os tempos atuais exigem uma cultura ampla e criativa, que permeie toda a ação na sociedade, capilarizando-se por todas as instituições. Tarefa da educação. (Idem, p.76)

É tarefa da educação mexer, mudar, alterar as bases de nossas formações porque o mundo está em constante mudança, o rio pode ser o mesmo mas suas águas jamais serão as mesmas. Pode-se entrar em um mesmo rio mais de duas vezes, mas nunca será o mesmo rio.

Precisamos de uma educação que estimule nossas crianças, nossos jovens e adultos a buscar soluções criativas. No ensino superior, é preciso pensar a formação de jovens com autonomia intelectual, com paixão pela busca do conhecimento, com postura ética que os torne comprometidos com os destinos da sociedade humana. Precisamos pensar a universidade para os atuais e desafiadores tempos. É preciso que não ensinemos apenas as pegadas de caminhos conhecidos, mas que tenhamos a coragem também de saltar sobre o desconhecido, de buscar a construção de novos caminhos, criando novas pegadas. Num momento de tantas dúvidas e poucas certezas, podemos afirmar que nossas faculdades são, no geral, pouco ou

nada criativas. Desenvolver a criatividade parece ser um objetivo tão simples – consta até mesmo da maior parte dos planos e planejamentos – e é uma das características mais raras de se encontrar na maioria dos nossos jovens, educados para a atitude conformista e homogênea a que os sistemas escolares os condenam. (Idem, 2000, p.77)

Masetto nos aponta:

O papel um tanto tradicional do professor que transmite informações e conhecimentos a seus alunos necessita de uma revisão. Precisamos de um professor com um papel de orientador das atividades que permitirão ao aluno aprender, que seja um elemento motivador e incentivador do desenvolvimento de seus alunos, que esteja atento para mostrar os progressos deles, bem como corrigi-los quando necessário, mas durante o curso, com tempo de seus aprendizes poderem aprender no decorrer dos próximos encontros ou aulas que tiverem. (1998, p.28)

A mera transmissão de conhecimento dentro do processo ensino-aprendizagem nos tempos atuais acaba ficando questionável porque hoje o professor acaba aprendendo junto com os alunos dentro e fora da sala de aula, mesmo porque a facilidade dos acessos à internet dentro do seu ambiente de trabalho ou até mesmo dentro da sua própria residência acaba por facilitar por demais o acesso

irrestrito e ilimitado de toda e qualquer informação. Vale lembrar que o grande entrave nesta questão é o que se poderá fazer com essa informação, ou seja, qual o uso que se fará dela, porém, deve estar atento ao fato de que a informação sem a utilização do conhecimento de nada adianta.

Nos tempos atuais, a qualidade da informação deve ser sempre verificada, pois esta nova geração de jovens tem um excesso de informação a sua disposição, mas não há nenhuma profundidade em matéria de conhecimento.

Outra questão é a que se refere aos processos de criatividade, questão já amplamente discutida e que ficará ainda mais em evidência neste momento. Vamos nos debruçar sobre o que dois psicólogos norte-americanos observaram: Guilford (psicólogo da Universidade da Califórnia) trabalha no campo da ciência e Lowenfeld (psicólogo da Universidade da Pensilvânia) trabalha no campo da arte. Entretanto, ambos, totalmente isolados e em campos diferentes, chegaram a resultados coincidentes sobre os processos de criatividade. Oito foram as propriedades mensuráveis que distinguem os indivíduos criativos, todas elas apontadas abaixo.

São os seguintes os oito critérios da criatividade por eles apresentados:

- 1) **sensibilidade aos problemas** (capacidade de notar as sutilezas, o pouco comum, as necessidades e os defeitos nas coisas e nas pessoas);
- 2) **receptividade** (mostra que o pensamento está aberto e é fluente);
- 3) **mobilidade** (capacidade de adaptar-se rapidamente a novas situações);

- 4) **originalidade** (propriedade considerada suspeita pela ordem social e uma das mais importantes do pensamento divergente);
- 5) **atitude para transformar e redeterminar** (atitude de transformar, estabelecer novas determinações dos materiais diante de novos empregos);
- 6) **análise** (ou faculdade de abstração por meio da qual passamos da percepção sincrética das coisas à determinações dos detalhes. Permite reconhecer as menores diferenças para descobrir a originalidade e a individualidade);
- 7) **síntese** (possibilidade de reunir vários objetos ou partes de objetos para dar-lhes um novo significado);
- 8) **organização coerente** (atitude por meio da qual o homem harmoniza seus pensamentos, sua sensibilidade, sua capacidade de percepção com sua personalidade). (CASTANHO, 2000, p.83)

Continua a autora:

Em suma, sensibilidade diante do mundo, fluência e mobilidade do pensamento, originalidade pessoal, atitude para transformar coisas, espírito de análise e síntese e capacidade de organização coerente são as qualidades da pessoa criadora – qualidades que devem necessariamente ser desenvolvida no processo educativo se quisermos pessoas criativas. São qualidades que demandam árduo trabalho para serem de fato desenvolvidas. (Idem, 2000, p.83)

Vendo por um outro ângulo, podemos perceber que o trabalho do professor universitário, hoje, vai muito além da sua capacidade de transformar informação em conhecimento, estamos falando de algo ligado à percepção, à sensibilidade.

O pensamento divergente é o de quem, ante um problema, busca todas as soluções possíveis e tende mais para a originalidade do que para o conformismo na resposta, gosta de situações complexas e mal definidas, percebe relações entre fatos nunca relacionados até então. Esse tipo de pensamento caracteriza o espírito de aventura e de fantasia; é o pensamento do artista, do cientista, do pioneiro, do inovador. (Idem, 2000, p.84)

Estamos abordando aqui os termos do pensamento divergente que, para Gloton (*op. cit.*), "... no terreno psicológico é a tradução do termo criatividade. Pensamento convergente e pensamento divergente são duas formas complementares de inteligência".

Resgatando a questão do trabalho docente, podemos dizer que:

Embora não se negue a importância da análise mais geral, é importante observar como se dá a proposta no âmbito particular. É na sala de aula, no dia-a-dia, no acontecer de cada situação de ensino que se materializa a aprendizagem. E aqui cabe inquirir qual a qualidade do trabalho que ali se desenvolve. De nada adiantam os discursos comprometidos com a superação da sociedade de classes se não se tem competência para desenvolver no aluno a construção de processos mentais próprios, robustecidos pelo exercício diuturno do rigor intelectual. Para isso é necessário que o professor tenha condições efetivas de realizar tal trabalho. (CASTANHO, 1989, p.105)

E para o professor realizar tal trabalho com condições efetivas necessitamos enxergar a questão da qualidade dentro do espaço da sala de aula, tal qual

A qualidade do ensino não pode ser pretendida abstratamente, sem dar condições materiais à universidade. O ensino superior de boa qualidade está ligado indissolúvelmente à pesquisa, a atividade crítica e criativa. Não cabe ao professor apenas repetir informações em sala de aula e exibir um conhecimento estático e morto. Cabe a ele estudar e elaborar seu conhecimento de forma dinâmica e viva, atualizar-se e avançar na sua área de trabalho, estar disponível aos seus alunos fora das salas de aulas, orientar e participar de pesquisas, realizar experiências originais, escrever artigos, assistir e dar seminários, criticar e expor-se a crítica, participar democraticamente do trabalho coletivo com seus colegas e alunos. É para possibilitar este exercício pleno do magistério superior que os professores defendem um padrão de universidade, não no sentido elitista, mas que exija de todo e qualquer estabelecimento superior as condições para exercê-lo com dignidade. (ANDES, 1985, p. 301).

A grande questão colocada aqui é: as instituições de ensino superior precisam oferecer condições reais de trabalho aos discentes, pois não basta que o professor faça a sua parte. É preciso haver, também, a contrapartida que

corresponde ao fazer da instituição. Não há mais dúvidas de que o ensino superior deve dar conta da pesquisa, do ensino e da extensão. Do ensino, a questão parece caminhar a passos largos, já a extensão por sua vez anda um passo atrás do ensino, o grande gargalo ainda é, no Brasil, a questão da pesquisa.

Teremos a oportunidade de verificar no próximo tópico, denominado de “A Docência no Período Noturno”, como se comportam os alunos e quais suas necessidades e seus anseios.

2.2. A Docência no Período Noturno

Mas há aqueles que fazem um caminho diferente, como se fizessem à noite aquilo que deveriam ter feito durante o dia, e que não voltam para casa e nem vão para a festa. Vão para a escola. Quem são estes? Que pretendem? Quais os seus sonhos? Luta contra a monotonia do dia? Fuga da solidão? Procuram, na noite, um saber que os levará a dias melhores? Procuram um tempo perdido? Estarão ali, nas salas de aula, na luta contra o cansaço e o sono, a vontade mais forte que tudo, enfrentando todos os sacrifícios, porque estão cheios de sonhos e esperanças? Serão os pobres que a pobreza obriga a trabalhar de dia, só lhes restando estudar a noite, pagando a educação com aquilo que ganharam? Ou serão outros, abastados, mas que não encontraram um sentido para a vida, e procuraram tardiamente aquilo que deveriam ter tido muito antes? Serão os moços? Ou os velhos? Talvez uma mistura de tudo...

(Os caminhos noturnos do aprender – Rubem Alves)

Lendo este pequeno texto, podemos nos perguntar: quem é o aluno do curso noturno? Quais os seus sonhos? Quais suas expectativas? O que pensam eles do amanhã? Quais os seus medos? Vamos procurar abordar esses e outros questionamentos dentro deste capítulo. Entendendo a educação como

... uma prática social, uma atividade humana concreta e histórica, que se determina no bojo das relações sociais entre as classes e se constitui, ela mesma, em uma das formas concretas de tais relações. (GRZBOWSKI, *apud* FRIGOTTO 1986, p.33)

pretendemos estudá-la como uma situação de ensino, em uma escola de ensino superior, levando em consideração suas peculiaridades.

Citando Gramsci;

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também, “socializá-las” por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta, por parte de um “gênio filosófico”, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais. (1984, p.13-14)

A bem da verdade, sabemos que nenhuma sociedade transforma-se de forma mágica, com rapidez e eficácia. É muito óbvio, para todos nós, que as reformas parciais não resolverão todos os nossos problemas. Nesse sentido se nós buscarmos compreender e lutar por melhores condições aplicadas aos cursos superiores noturnos, mantendo a qualidade necessária, isso representará a prática na direção do interesse da maioria.

Vejamos a questão da aprendizagem cognitiva:

...é estranho que tantos psicólogos norte-americanos e russos, cidadãos de grandes nações que pretendem transformar o mundo, tenham produzido teorias da aprendizagem que reduzem o conhecimento a uma cópia passiva da realidade externa (Hull, Pavlov etc.), enquanto o pensamento humano sempre transforma e transcende a realidade. Setores de destaque da matemática (por exemplo, aqueles que envolvem a hipótese do contínuo) não encontram sua correspondência na realidade física, e todas as técnicas matemáticas resultam em novas combinações que enriquecem a realidade. Para apresentar uma noção adequada de aprendizagem, é necessário explicar primeiro como o sujeito consegue construir e inventar, e não apenas como ele repete e copia. (PIAGET, 1977, p.88)

Segundo Castanho, "... dentro da concepção piagetiana, a aprendizagem é vista como tipo de aquisição cognitiva e, assim, o desenvolvimento consiste em

uma sucessão de situações de aprendizagem”. Por esse prisma, podemos efetuar uma analogia com o aluno do ensino superior noturno. Esse discente fica prejudicado quando o docente transmite todo o seu conhecimento na forma de uma aula expositiva teórica, por isso é extremamente necessário que o educador transmita boa parte do conteúdo desta aula de forma prática, em que o aluno possa exercitar sua capacidade de conhecimento aprendendo na base da tentativa e do erro, em atividades de grupo, na relação com os colegas.

Castanho constatou que

...são raríssimos os estudos que mostram as características dessa clientela, especialmente no nível superior. Quando dela se fala é geralmente com um discurso carregado de conotação emocional, tratando com benevolência tais indivíduos “porque trabalham e chegam cansados à aula”. (1989, p.54).

Outro ponto interessante levantado na pesquisa dessa autora foi que

...os sujeitos pesquisados não se perceberam como vítimas mas sim como pessoas lesadas em seu direito de aprender por terem recebido um ensino questionável. Locomovem-se com muita dignidade na sua condição de trabalhadores-estudantes e não aceitam atitudes de complacência. Lutam e querem se impor. (Idem, p.61).

Esta questão da complacência muito nos chamou a atenção, devido ao fato de que, da data dessa pesquisa para cá, já se passaram mais de 19 anos e muita coisa mudou. No início dos anos 1990, toma corpo, no Brasil, a concepção de Estado guiada por uma racionalidade, que consiste em reduzir sua esfera pública e reconstruir sua regulamentação para expandir sua esfera privada: áreas e instituições sociais, antes orientadas por valores públicos, passam a ser “mercantilizadas”.

A abertura econômica promovida pelo presidente Fernando Collor de Melo, por Itamar Franco e, posteriormente, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em seus dois governos, e, depois, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 20/12/1996 fez com que o Estado, longe de se enfraquecer, tenha se tornado o controlador, num contexto de democracia regulada e sem liberdade. Essa lógica é o motor da reconfiguração educacional vigente, em todos os níveis. Presenciamos, hoje, a materialização dessas políticas no Ensino Superior, expondo as bases da mudança político-social, desconstruindo os modelos burocráticos utilizados pelo Estado.

Com o advento da nova LDB de 1996, a educação escolar brasileira passou a ser dividida em dois níveis de ensino – Educação Básica e Educação Superior, sendo que a escolarização básica, constituída pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, passou a ser, em seu conjunto, o nível mínimo de escolarização.

Hoje, o ensino superior privado é uma realidade. Segundo Neves e Fernandes (2002, p.26): “No início da década de 1990, do total de matrículas dos cursos de graduação e pós-graduação no país, as instituições públicas de ensino superior contavam com 37,6%, enquanto as instituições privadas respondiam por 62,4%.”

Porém, ainda de acordo Neves e Fernandes, “... apenas para os cursos de graduação – revelaram que as instituições de ensino superior se responsabilizaram por 32,9% e as instituições privadas de ensino por 67,1%” (Brasil/MEC/Inep/Seec) o que deixa patente uma tendência de crescimento da participação da rede privada no total de matrículas nesse nível de ensino. E continuam “... vale registrar que, no Estado de São Paulo, no ano de 2000, 85% das matrículas dos cursos de graduação presenciais pertenciam à rede privada”.

Deste universo de alunos matriculados na rede privada de ensino superior, a sua esmagadora maioria estará matriculada no período noturno, o que torna relevante conhecer o perfil desse alunado e quais seus anseios, assim como conhecer o perfil do professor universitário adequado a essa realidade. Tudo isto será abordado no próximo capítulo desta dissertação de mestrado.

... conduzir cerca de 10.000 trabalhadores-estudantes da Puccamp e milhares de outros de outras instituições noturnas a “pensar coerentemente e de maneira unitária à realidade presente” pode não ser possível apenas através do ensino. Mas, se este trabalho tiver

contribuído para desencadear ações vitais na nova direção, o esforço de pesquisa e de reflexão que ele demandou terá valido a pena. (CASTANHO, 1989, p.121).

Por que é tão importante ter esperança? Porque, sem esperança, ou nos dissolvemos no atual estado de coisas ou somos devorados pela insanidade. (Rubem Alves).

CAPÍTULO 3 **OS PROFESSORES DE ADMINISTRAÇÃO SOB A ÓTICA DOS ALUNOS**

3.1. A ESCOLHA DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo a reflexão sobre o desenvolvimento da pesquisa de campo como prática social e acadêmica.

Santaella (2001, p.111) afirma que a pesquisa nasce do desejo de encontrar respostas para uma questão e que este desejo se constitui como uma mola central da pesquisa, principalmente no caso de uma pesquisa científica, e que sem esse desejo, o pesquisador “fenece”, compreendendo a pesquisa como o alimento da ciência. Dentro deste enfoque, pode-se afirmar também que o conhecimento é adquirido somente através da pesquisa e que...

...o conhecimento científico, portanto, não pode ser alcançado de maneira dispersiva e errante, pois errância é, via de regra, não apenas custosa em termos de perda de energia e recursos mas é, sobretudo, sem garantias. Por isso mesmo, junto com as questões epistemológicas, a teoria dos sistemas cognitivos ou conceituais engloba questões lógicas e metodológicas. (SANTAELLA, 2001, p.114).

Segundo Oliveira (1998), o método refere-se a um determinado caminho dentre outros, os quais possuem diferentes aspectos nem sempre conhecidos pelo

pesquisador, porém, este caminho precisa ser seguro e coerente. Uma das questões importantes está na relação entre o tema da pesquisa escolhido e a vida do pesquisador. O mesmo autor assinala que:

... promover a consonância entre pesquisa e bibliografia é altamente estimulante, pois atribui vida ao estudo, retirando da produção intelectual poeiras de artificialismo, que recobrem parte da pesquisa acadêmica ou, senão isso, que acabam contribuindo para a representação social da universidade como redoma, imagem que ainda encontra ressonância no conjunto da sociedade. (Idem, 1998, p.19).

O devido estudo de um determinado problema deverá levar sempre em consideração o contexto histórico-social, político e econômico no qual estão inseridos os pesquisadores, os sujeitos pesquisados e uma determinada metodologia coerente com a realidade a ser pesquisada.

A metodologia não deve ser apenas entendida como um conjunto de técnicas, recursos e instrumentos, é necessário que se supere esta compreensão. Método envolve, sim, técnicas que devem estar sintonizadas com aquilo que se propõem; mas, além disso, diz respeito a fundamentos e processos, nos quais se apóia a reflexão.(Idem, 1998, p.21)

O processo de pesquisa também relacionado a temas da educação superior e da pós-graduação tem como fundamental propósito a produção, sistematização e divulgação do conhecimento. Para isso é de fundamental importância o trabalho de garimpo com relação às leituras de pesquisa e de documentos relacionados ao tema escolhido, exigindo uma leitura crítica e reflexiva. Sobre esse tema, as reflexões de Severino indicam que:

Ler e escrever são processos fundamentais e imprescindíveis. Ler para se dar conta dos sentidos acumulados da cultura humana, bem como para extrair ferramentas específicas para a produção de novos significados. Escrever para consolidar a apreensão dos significados já disponíveis, interagindo com eles, bem como para disponibilizar os novos significados aos demais sujeitos, viabilizando o diálogo comunicativo e para registrá-los no acervo cultural a ser legado à humanidade futura. (SEVERINO, 2001, p.77)

A pesquisa científica, de acordo com Santaella (2001),

...é uma atividade específica e especializada. Demanda de quem se propõem a desenvolvê-la uma certa vocação, um certo grau de renúncia às agitações da vida mundana e insubmissão às tiranias da vida prática, demanda a curiosidade sincera pelo legado do passado e a vontade irrefreável de prosseguir; exige isolamento disciplinado e conseqüente capacidade para a solidão reflexiva, hábitos de vida muito específicos, ao mesmo tempo em que a abertura para a escuta

cuidadosa e sempre difícil da alteridade, junto com a capacidade renovada de se despojar do conforto das crenças, quando isso se mostra necessário. Exige, ao fim e ao cabo, amor pelo conhecimento. Só esse amor pode explicar a docilidade do pesquisador aos rigores da ciência, especialmente aos rigores do método. (p.113-114)

Como estudo metodológico, na condução do trabalho, apoiamo-nos em dois ângulos gerais de análise: um sob o ponto de vista da realidade e outro sob o ponto de vista da possibilidade. Nesse aspecto, nossa intenção foi descrever uma dada realidade, a saber: alunos do quarto ano (ou seja, praticamente egressos) do curso de administração de empresas, de uma faculdade privada. Esses alunos responderam a um questionário com sessenta e oito questões fechadas, de cunho específico, e uma última questão de cunho aberto, buscando-se, nesse caso, representar condições que pudessem superar os problemas encontrados ao longo da trajetória escolar do aluno. O questionário esperava investigar o que é um professor marcante, na perspectiva do aluno, e quem sabe, seria possível construir, a partir dessa investigação, uma nova realidade, melhor e mais satisfatória que a atual.

Todo pesquisador da área de ciências humanas muitas vezes tem de enfrentar o dilema entre escolher o rigor científico de um estatuto estabelecido por métodos conhecidos ou então poder apelar para um rigor mais flexível de um paradigma cujas regras não se prestam a serem formalizadas. Tal dilema pode ser representado pela idéia expressa na seguinte afirmação: "... ou assumir um estatuto científico

frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. (GINZBURG, 1989, p.178)

A escolha e a organização dos capítulos desta dissertação foram correspondentes a vários níveis de interpretação e são também resultado de algumas decisões geradas pelo estudo teórico, pela coleta e análise inicial dos dados. O objetivo era abordar os aspectos importantes que nos vinham à tona, percorrendo um caminho de cunho investigativo que consideramos uma forma de rastreamento de indícios e de pistas, as quais pudessem nos auxiliar na procura de esclarecimentos de questões ainda abertas, frente ao complexo tema do professor necessário. Lembramos, ainda, que outro não é o papel da pesquisa senão o de dar cabo, de responder a algumas questões e de levantar muitas outras.

Ainda segundo Ginsburg “...o paradigma indiciário, compara o investigador a um caçador que busca nos ‘rastros’, ‘sinais’, ‘indícios’, as raízes, as tramas complexas, que envolvem determinados processos , com suas contradições” (1989, p.178).

3.2. O CONTEXTO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

O contexto desta pesquisa é o de uma Faculdade de Administração, localizada na cidade de Campinas (SP), pertencente ao grupo Anhanguera Educacional S/A. Esta unidade teve suas atividades iniciadas em janeiro de 2003, com alunos ingressantes do vestibular de dezembro de 2002. Decidi-me por estudar e conhecer o aluno que estuda à noite nesta instituição de ensino superior, pois este alunado tem um perfil bastante peculiar.

Um questionário (ANEXO 02) foi aplicado no final do 1º semestre de 2006, no mês de junho, a 100 (cem) alunos, de diferentes turmas do curso de administração, todos do 4º ano da mesma unidade educacional e todos do período noturno. Os questionários foram aplicados durante as aulas regulares para todos os alunos presentes, de forma a conseguir o maior número de alunos possível em cada classe. Tratou-se assim de uma amostragem não probabilística.

A pesquisa quantitativa de 68 questões fechadas foram elaboradas e divididas em quatro grandes áreas sendo elas: 11 (onze) questões fechadas para a área do *Perfil Sociocultural*, 13 (treze) questões fechadas para área da *Vida Profissional e Projeções Pessoais*, 44 (quarenta e quatro) questões fechadas para a área de *Aprendizagem* e 01 (uma) questão qualitativa aberta para a área de *Professores Marcantes*.

O material que compõe a pesquisa foi elaborado e adaptado à realidade local de duas grandes fontes de pesquisas já aplicadas, sendo elas: Pesquisa PUC-

Campinas Censo 2000 e em parte a pesquisa aplicada na tese de doutorado do Prof. Anivaldo Tadeu Roston Chagas, exemplificada em seu livro: *Aula Nota 10, práticas para a eficácia no curso superior*. Certamente este estudo foi fundamental porque levanta dados sobre o perfil do aluno nos cursos noturnos.

Interessei-me muito por conhecer e interpretar o objeto, dando preferência ao prisma do alunado. Como esse aluno reage diante deste contexto atual do ensino-aprendizagem? O que pensa este alunado sobre um professor ideal para o seu curso de administração? O que é um professor marcante para ele?

Depois deste aprofundamento na parte empírica, busquei fazer a interpretação dos dados, o que culminou na identificação de alguns problemas centrais e, desde então, passei a me aprofundar na questão. A partir daí surge toda a estruturação deste trabalho em decorrência da identificação desses problemas.

Segundo Castanho:

...o discurso do concluinte surgiu como uma oportunidade de colheita cultural, ensejando a pesquisa das múltiplas conexões que acabam por levar tantos jovens aos sacrifícios do curso noturno, nele depositando dinheiro, esperança e vários dos melhores anos de suas vidas. (1989, p.58).

Considerando o universo pesquisado, conforme já dito, caracterizado por alunos adultos, das camadas B-, C e D+, que trabalham durante o dia, procurei focar

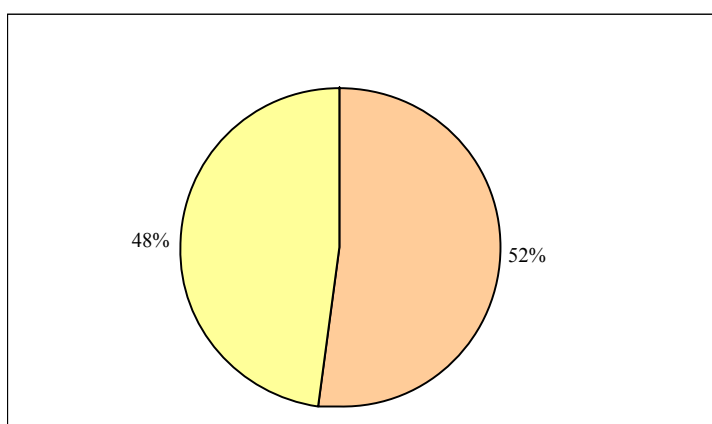
o perfil do professor universitário para o curso de administração de empresas, do período noturno. De acordo com Castanho (1989), educação e trabalho relacionam-se de longa data:

A discussão sobre a relação entre educação e trabalho (geralmente a ordem é essa, primeiro educação, depois trabalho) é tão antiga quanto falaciosa, e corre o risco de se constituir como um lugar comum que embaça sua compreensão. É senso comum que deve haver a ligação entre ambos os termos, porque educação desligada de trabalho é luxo ao qual se entregavam poucos eleitos em sociedades bastante distantes no tempo. A falta de esclarecimento teórico entre a relação educação-trabalho começa com a identificação de educação com educação escolar, lugar institucionalizado do processo. (p.17)

GRÁFICOS: PERFIL SÓCIO CULTURAL

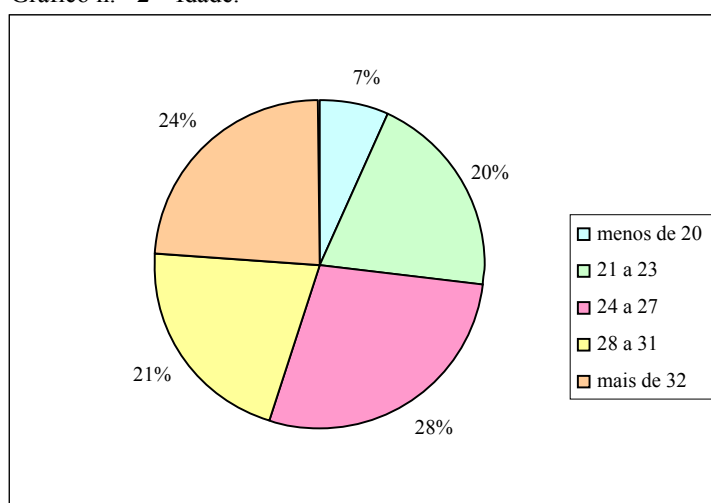
O gráfico abaixo é referente ao sexo dos respondentes. Os percentuais quase que se igualaram, com uma leve predominância para o sexo masculino (52%). Já o sexo feminino representa 48%. Os dados revelam que as mulheres cada vez mais estão ingressando no mercado trabalho, pois num curso de administração de empresas, quase a metade dos alunos é constituído de alunos do sexo feminino.

Gráfico n.º 1 - Sexo.



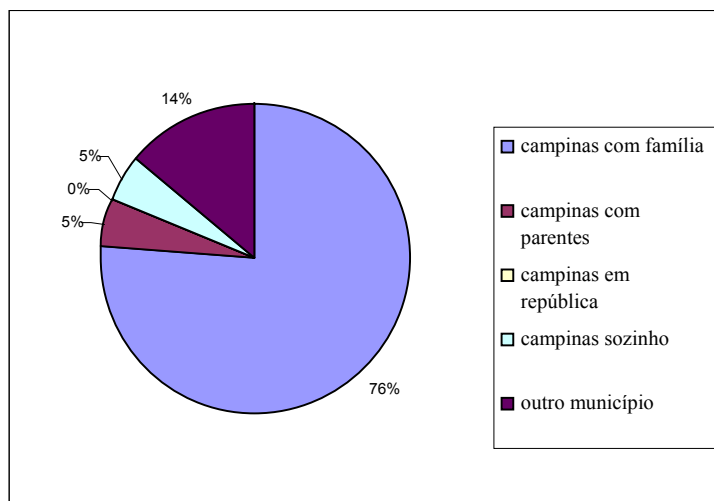
Em relação à faixa etária, predominam os alunos entre 24 e 27 anos, seguidos de perto pelos alunos com mais de 32 anos. Um fato que chamou a atenção é que alunos com menos de 20 anos são minoria no grupo. Os dados mostram que há muitos alunos que não ingressaram no curso superior na idade adequada para a universidade. O índice de alunos com mais de 32 anos significa que são alunos que não tiveram condições de ingressar na Universidade na escolaridade sugerida.

Gráfico n.º 2 – Idade.



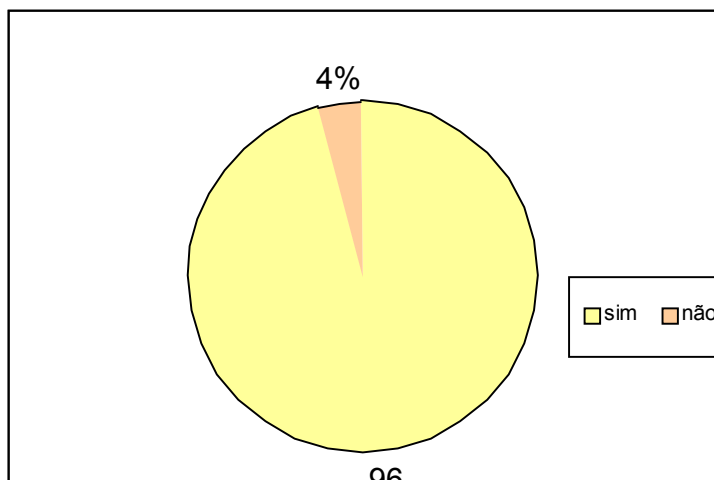
Neste gráfico podemos observar nitidamente que a maioria dos alunos reside na cidade de Campinas com a família (76%), situação peculiar da cultura brasileira, que revela ainda a forte influência da família no comportamento desses alunos.

Gráfico n.º 3 – Local de Residência.



Na questão referente a atividade remunerada, 96% da amostragem responderam que sim. Isso revela que a grande maioria dos alunos são alunos trabalhadores.

Gráfico n.º 4 – Exercício de Atividade Remunerada.



As outras quase três dezenas de gráficos referentes ao perfil sócio-cultural e vida profissional, que constam da pesquisa original, estão no anexo 03 para não se tornar um lugar-comum que embaça a compreensão do todo. Procurei ser o mais objetivo possível na exposição dos dados.

3.3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada entre 100 (cem) alunos concluintes de um curso de Administração de Empresas, período noturno, conforme dados acima no tópico Pesquisa Sócio-Cultural. Foram colocadas para os alunos 44 questões relativas às suas preferências referentes ao professor, sob o ponto de vista da aprendizagem.

Estas 44 questões, do tópico sobre a aprendizagem, foram classificadas em 15 grupos descritos a seguir:

GRUPO 01: APROXIMAÇÃO COM OS ALUNOS: capacidade do professor “falar” na linguagem dos alunos e de se relacionar.

GRUPO 02: ORGANIZAÇÃO: procurou-se aqui condensar questões ligadas à capacidade do professor de se disciplinar com relação aos horários de aula

de início e término das aulas, conteúdo programático, forma como coloca o conteúdo da aula na lousa, etc.

GRUPO 03: VARIEDADE DE TÉCNICAS DE ENSINO: estabelecemos aqui, questões ligadas à didática do professor no uso de seus atributos.

GRUPO 04: PERGUNTA AOS ALUNOS: questões ligadas à possibilidade do professor ceder espaço aos alunos a perguntas durante a explicação do conteúdo e no seu término também.

GRUPO 05: FALTA DE COMPROMETIMENTO: trata-se de questões ligadas à “imagem do professor” com relação ao bom andamento do curso.

GRUPO 06: INTERAÇÃO: questões ligadas à forma como o professor age dentro de sala de aula para viabilizar o aprendizado dos seus alunos.

GRUPO 07: DISTANCIAMENTO E SISEDEZ DO PROFESSOR: procuramos alocar aqui questões ligadas à “atmosfera de distanciamento” do professor com relação aos seus alunos, seja por excesso de atitudes formais ou de conduta da aula.

GRUPO 08: PLANEJAMENTO E RECURSOS AUDIOVISUAIS: questões alocadas para representar outras ferramentas para passar o conteúdo de aula além da aula expositiva tradicional e do planejamento do professor quanto a sua metodologia de aula.

GRUPO 09: APOIO E CONTROLE: questões ligadas a apoio para com os alunos e controle exercido por este mesmo professor sobre o ensino dentro e fora da sala de aula.

GRUPO 10: ATUALIZAÇÃO DO PROFESSOR: questão ligada à forma pela qual o professor se atualiza nos assuntos que leciona.

GRUPO 11: AULA EXPOSITIVA: questão exclusiva, ligada à forma de aula tradicional utilizada pelo professor.

GRUPO 12: TRABALHOS EM GRUPO E MATERIAL DE APOIO: Estabelecemos aqui, questões ligadas ao material de apoio adotado pelo professor e outras questões ligadas a trabalhos em grupo gerais ou específicos.

GRUPO 13: MATÉRIA DITADA: questão exclusiva ligada à forma de apresentar a teoria de aula para os alunos.

GRUPO 14: PERGUNTAS SÓ NO FINAL DA EXPOSIÇÃO: questão única, abordando a “liberdade” que o professor passa aos seus alunos para interromper a sua linha de raciocínio.

GRUPO 15: EXEMPLOS PRÁTICOS: questão relacionada à forma de exemplificar o conteúdo de aula teórica com exemplos práticos do nosso cotidiano.

Estes 15 grupos, para uma maior compreensão da análise dos dados, foram reunidos em 03 (três) categorias distintas, sendo elas:

- **CATEGORIA: DIDÁTICA**

- **CATEGORIA: PROCESSO DE AVALIAÇÃO**
- **CATEGORIA: RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS**

TABELA 01: Ilustração da classificação descrita acima.

QUESTÕES DO FORMULÁRIO DE PESQUISA	GRUPOS	CATEGORIAS	
21 – 55 - 62	02	DIDÁTICA	
28 - 34 - 46 - 48 - 49 - 53 - 54 56 - 58	03		
43 – 51 - 60	04		
29 – 30 - 35	06		
31 – 33	08		
37 - 41 - 45	09		
27	10		
25	11		
22 - 50	12		
38	13		
39	14		
20	15		
26 - 61 - 63	03		PROCESSO DE AVALIAÇÃO
23 - 44 - 47 - 59	01		RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS
24 - 40 - 42 - 52	05		
32 - 36 - 57	07		

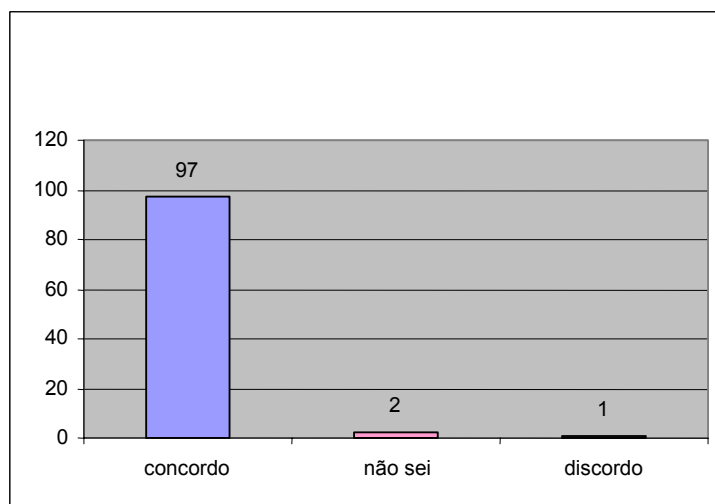
FONTE: CHAGAS, 2004, p. 85.

3.3.1. GRÁFICOS SOBRE APRENDIZAGEM

DA DIDÁTICA

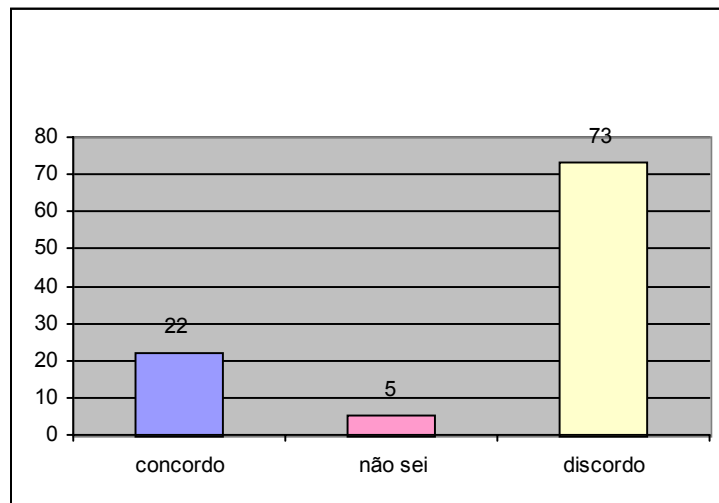
97% dos alunos concordam com professores que durante a exposição apresentam exemplos práticos da matéria. Os alunos preferem professores que não só apresentem a teoria, mas que procurem dar exemplos práticos para um melhor entendimento da teoria.

Gráfico n.º 5 – Opinião sobre utilização de exemplos nas aulas.



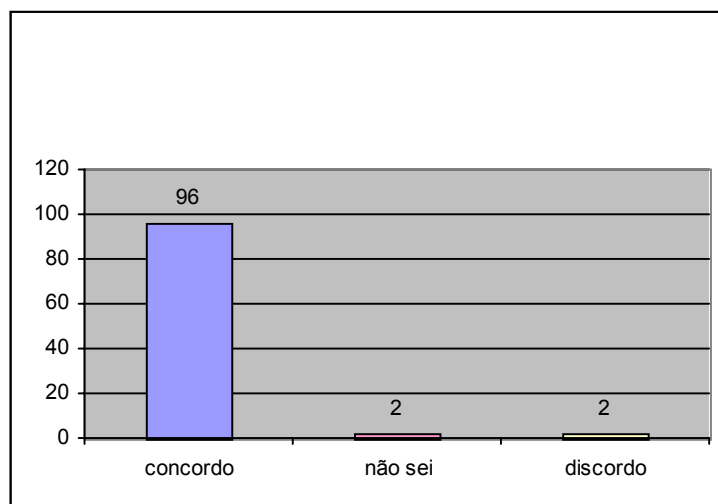
73% dos alunos discordam em preferir professores que não adotam material de apoio. Os dados do gráfico n.º6, expressam que os alunos preferem aqueles professores que disponibilizam algum tipo de material de apoio para a sua aprendizagem, devido à falta de tempo por serem alunos trabalhadores conforme visto no gráfico n.º 4.

Gráfico n.º 6 – Opinião sobre utilização de material de apoio.



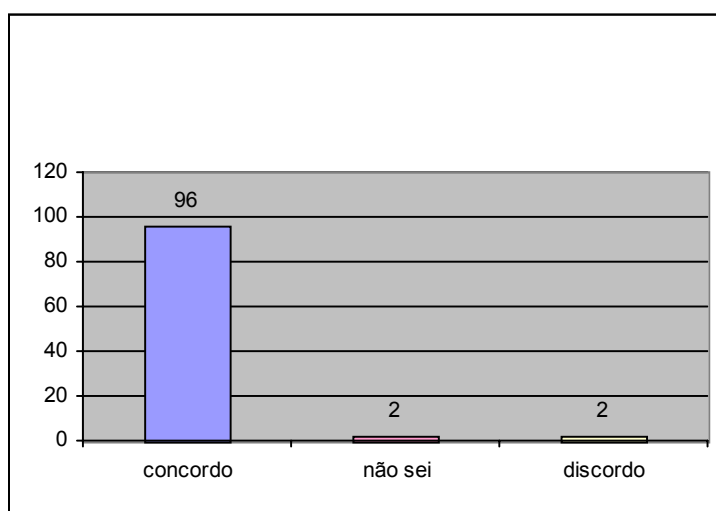
96% dos alunos concordam em preferir professores que procuram se manter atualizados nos assuntos que lecionam. A atualização dos professores dentro de sua área específica profissional é fundamental para 96% dos alunos dentro de uma amostragem de 100%, ou seja, torna-se imprescindível ficar atento as mudanças e tendências do mercado de trabalho.

Gráfico n.º 7 – Opinião sobre atualização dos professores.



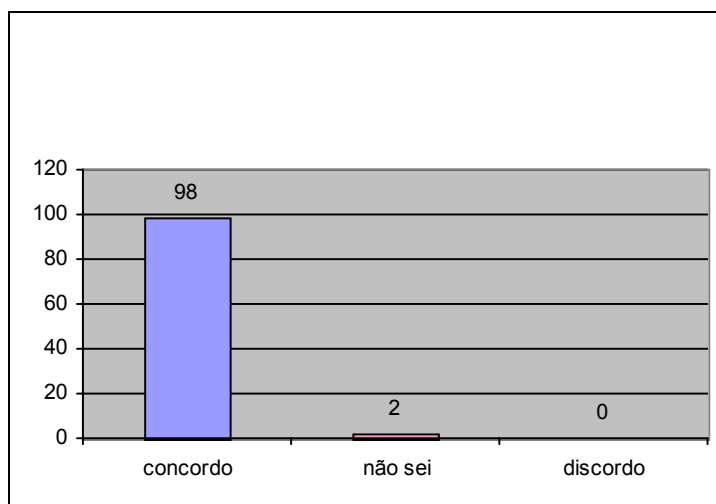
96% dos alunos concordam em preferir professores que ensinam os alunos a pensar e refletir sobre os temas da matéria. Com a mesma percentagem do gráfico n°7, quase a totalidade dos alunos preferem professores que os levem a uma reflexão crítica sobre temas apresentados em aula.

Gráfico n.º 8 – Opinião sobre a forma de ensinar os alunos.



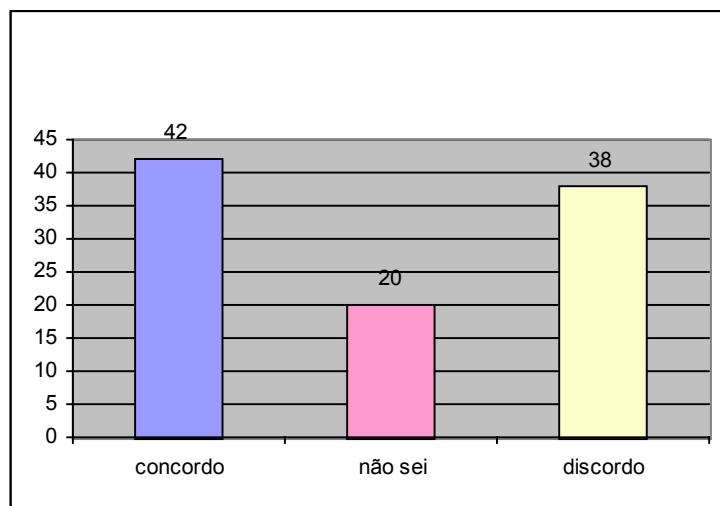
98% dos alunos concordam em preferir professores que demonstram dinamismo nas aulas. Sendo alunos trabalhadores e as aulas no período noturno, quase a totalidade deseja aulas dinâmicas.

Gráfico n.º 9 – Opinião sobre dinamismo dos professores.



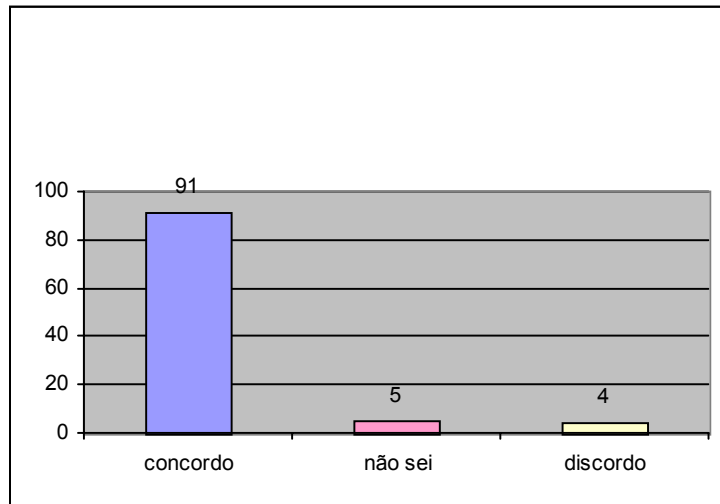
42% dos alunos concordam em preferir professores que exigem dos alunos a leitura de textos antes de cada aula, porém, 38% destes mesmos alunos não concordam e 20% não sabem. Quanto ao aluno vir preparado para a aula, tendo lido os textos solicitados pelo professor, os dados revelam que há um certo equilíbrio entre os que concordam com isso (42%) e os que, por serem trabalhadores preferem que o professor não faça essa exigência (38%).

Gráfico n. ° 10 – Opinião sobre a leitura de textos antes de cada aula



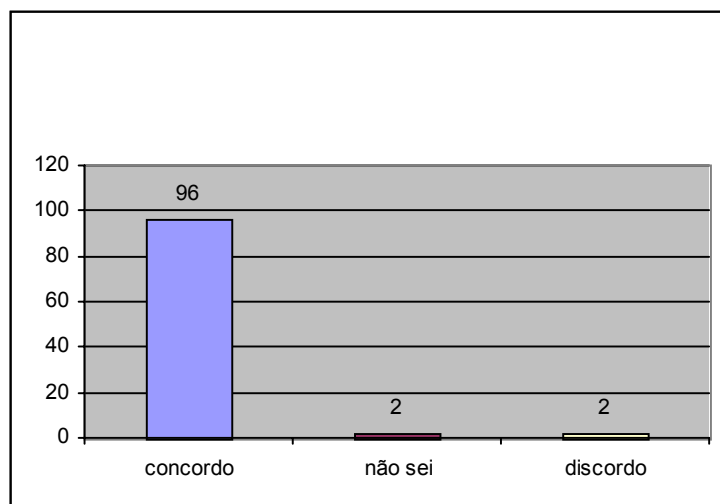
91% dos alunos concordam em preferir professores que utilizam estudo de caso, onde os alunos enfrentam simulações de problemas reais para exercitarem a matéria aprendida. A utilização de estudos de caso para explicar a matéria desenvolvida é a preferência de 91% dos alunos.

Gráfico n.º 11 – Opinião sobre utilização de estudo de caso.



96% dos alunos concordam em preferir professores que conseguem prender a atenção da classe e interagem com ela. Os dados mostram que a imensa maioria dos alunos (96%) deseja professores que de alguma forma, prenda a atenção dos alunos na sala de aula. Isso demonstra claramente a necessidade de termos professores com boa didática de ensino.

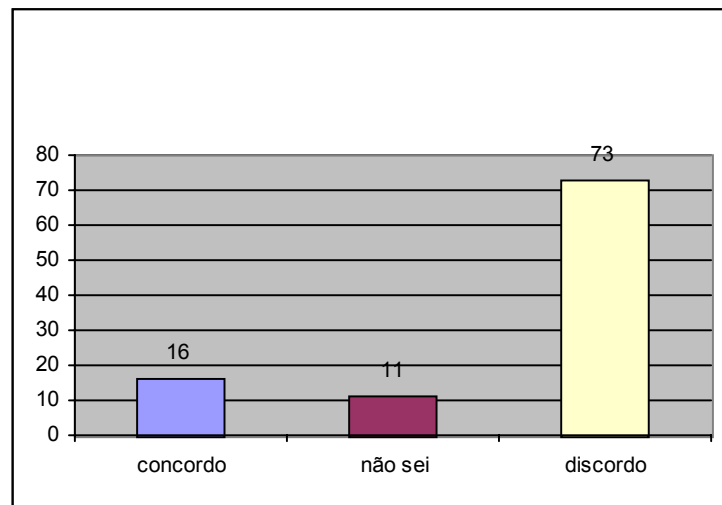
Gráfico n.º 12 – Opinião sobre a interação dos professores com a sala de aula



73% dos alunos discordam em preferir professores que ditam a matéria.

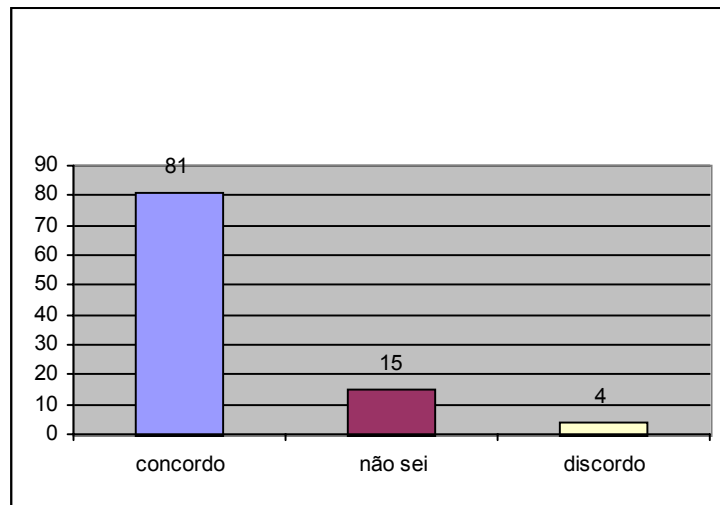
Como podemos observar, o gráfico abaixo nos mostra que não há mais *tempo* para que o professor dite toda a matéria contemplada pelo plano de ensino ao longo das aulas.

Gráfico n. ° 13 – Opinião sobre os professores ditarem a matéria.



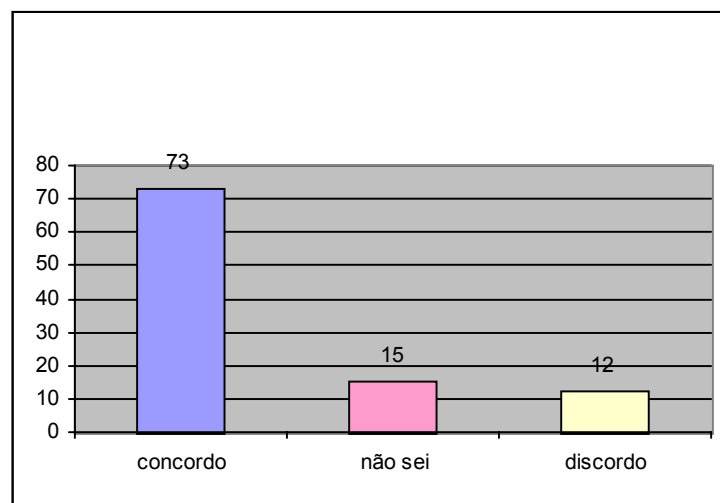
81% dos alunos concordam em preferir professores que ensinam a matéria nova em pequenos passos. Como vimos no gráfico 4, onde 96% da amostragem exerce algum tipo de atividade remunerada, fica claro que, para que o processo ensino/aprendizagem ocorra de forma sustentada, para este público rabalhador torna-se necessária o aprendizado de forma gradual.

Gráfico n.º 14 – Opinião sobre o ensinamento da matéria em pequenos passos.



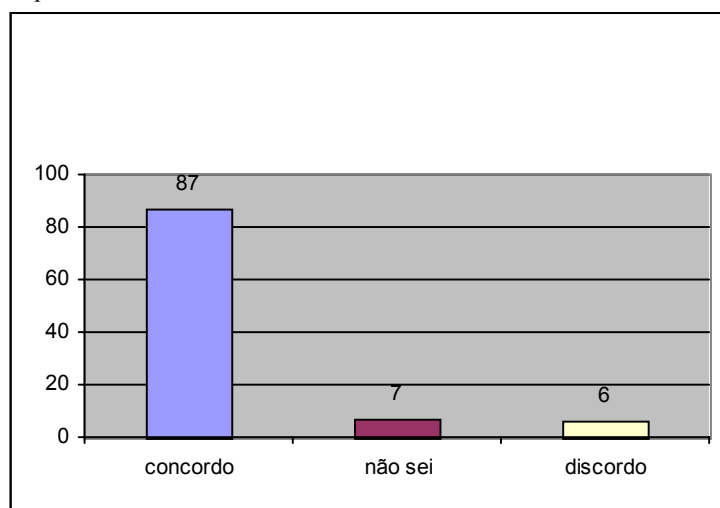
73% dos alunos concordam em preferir professores que dividem o tempo de aula, usando metade para exposição da matéria e o restante para outras atividades, ou seja, dividir o tempo da aula entre teoria e prática, utilizando-se, por exemplo, de estudos de caso.

Gráfico n.º 15 – Opinião sobre a divisão do tempo de aula.



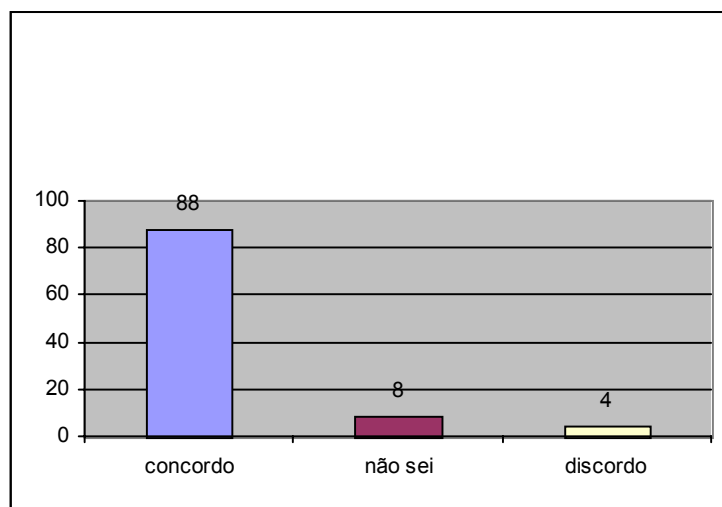
Percebemos aqui que 87% dos alunos concordam em preferir professores que conforme vão explicando a matéria, escrevem na lousa os pontos principais de tal forma que todo o conteúdo seja assimilado de forma coerente.

Gráfico n.º 16 – Opinião sobre a forma como os professores explicam a matéria.



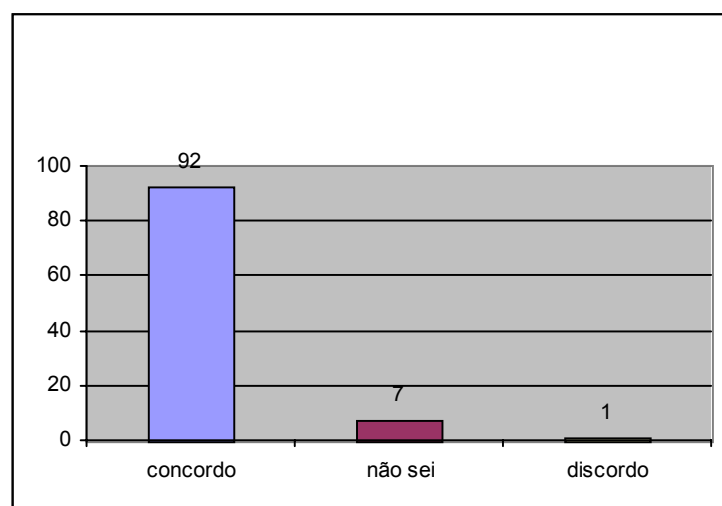
Percebemos no gráfico abaixo que 88% dos alunos concordam em preferir professores que, durante as atividades dos alunos, sentam com os mesmos esclarecendo dúvidas e/ou fornecendo dicas. Isto nos mostra a importância da interatividade do professor com a turma.

Gráfico n.º 17 – Opinião sobre como os professores esclarecem as dúvidas dos alunos.



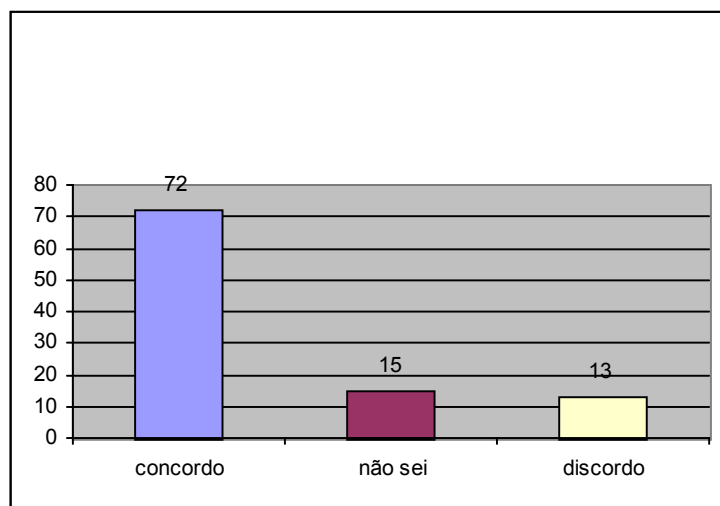
A organização em sala de aula é avaliada de forma positiva por 92% dos alunos. Isto demonstra a necessidade de mantermos alinhado o projeto pedagógico do curso, com o plano de ensino da disciplina e com o que está sendo ministrado dentro d sala de aula.

Gráfico n.º 18 – Opinião sobre a organização dos professores.



No gráfico abaixo notamos que 72% dos alunos concordam em preferir professores que adotam a metodologia dos jogos de empresas, onde grupos de alunos simulam decisões no mercado ou dentro da empresa.

Gráfico n. ° 19 – Opinião sobre a utilização do jogo de empresas.



Ao fazermos uma análise criteriosa e uma interpretação apurada dos fatos extraídos das questões fechadas quantitativas envolvendo a categoria DIDÁTICA, podemos notar que a grande discussão aqui presente é exatamente a didática do professor universitário, adaptada e focada para a otimização do tempo dos alunos dentro e fora da sala de aula. Vejamos estes números:

97% dos alunos, preferem exemplos práticos da disciplina

77% dos alunos preferem resumo da aula anterior

73% dos alunos preferem que o professor utilize material de apoio

56% dos alunos preferem aula expositiva

96% dos alunos preferem professores atualizados

90% dos alunos preferem professores que além das aulas expositivas adotam outros métodos de ensino

96% dos alunos preferem professores que ensinam os alunos a pensar e a refletir

98% dos alunos preferem professores com dinamismo

81% dos alunos preferem professores que utilizam recurso audiovisual,
transparências e fitas de vídeo.

91% dos alunos preferem professores que utilizam estudo de caso, em que os
alunos enfrentam simulações de problemas reais para exercitarem a matéria
aprendida.

96% dos alunos preferem professores que prendam a atenção dos alunos e
interajam com eles

86% dos alunos preferem professores que ajudam os estudantes a se organizarem
para o estudo de novas matérias

69% dos alunos preferem professores que passam muitos exercícios para os
estudantes resolverem e os apóiam durante a resolução

81% dos alunos preferem professores que ensinam a matéria nova em pequenos passos

73% dos alunos preferem professores que dividem o tempo de aula, usando metade para exposição da matéria e o restante para outras atividades.

87% dos alunos preferem professores que conforme vão explicando a matéria, escrevem na lousa os pontos principais.

88% dos alunos preferem professores que durante as atividades dos alunos, sentam com os mesmos esclarecendo dúvidas e/ou fornecendo dicas.

45% dos alunos discordam em preferir professores que explicam a matéria de maneira essencialmente teórica.

72% dos alunos preferem professores que adotam a metodologia dos jogos de empresas, em que grupos de alunos simulam decisões no mercado ou dentro da empresa.

Observemos o contraponto de todas estas questões acima descritas. Na questão de número 31, apenas 42% dos alunos preferem professores que exigem dos alunos leitura prévia dos textos antes de cada aula, porém 38% dos alunos são contra esta prática e 20% não souberam responder.

Outra questão que reafirma a questão da otimização do tempo em sala de aula é a questão de número 38, onde 73% dos alunos discordam em preferir professores que ditam a matéria, ou seja, não há mais tempo para a matéria ditada em sala, não há mais paciência ou até mesma tolerância para este tipo de situação.

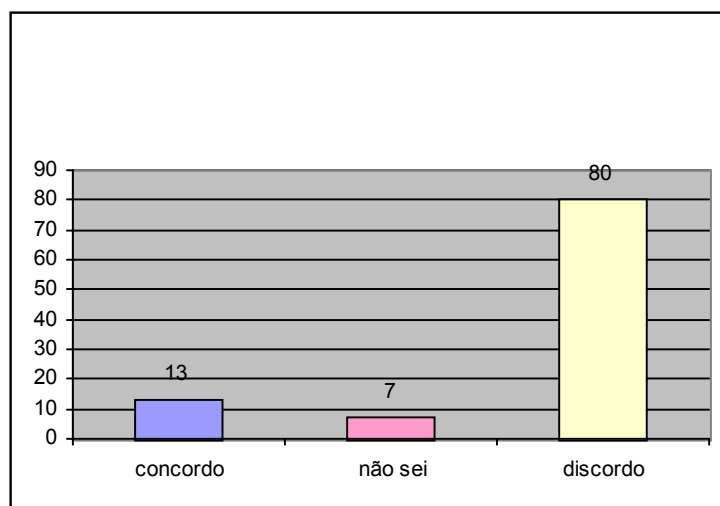
Outra questão muito interessante é a questão de número 53, em que 87% dos alunos preferem professores que conforme vão explicando a matéria, escrevem na lousa os pontos principais. Isto demonstra nitidamente que fora do ambiente de sala de aula ou do horário de aula, o aluno raramente encontra tempo para sanar suas dúvidas ou, até mesmo, estudar o tema abordado com maior profundidade. O único momento de que ele dispõe é aquele da sala de aula e que, se não for bem aproveitado, este aluno não terá outra chance.

Mais uma vez vemos o fator *tempo* presente na fala dos alunos. Este processo é natural, pois são alunos do período noturno e que, na sua imensa maioria (96%), exercem atividade remunerada.

3.3.2. GRÁFICOS SOBRE O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

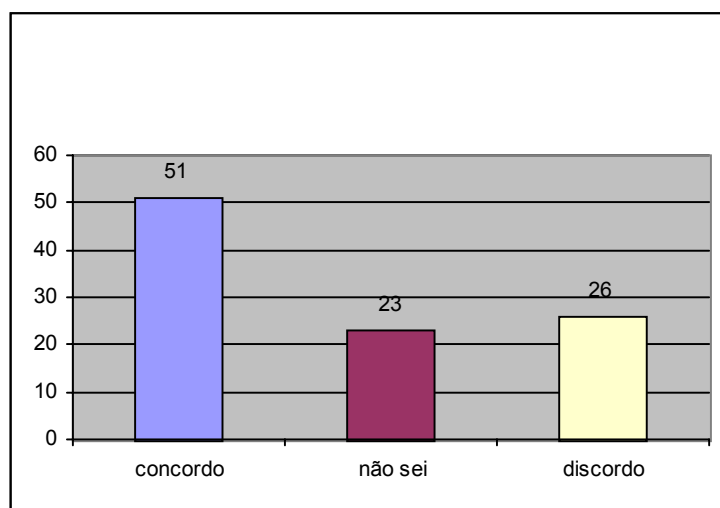
Quando o tema é avaliação escrita e individual, a pesquisa nos revela que 80% dos alunos discordam de professores que avaliam os alunos tão e somente através de provas, transparecendo que a metodologia da avaliação continuada, como por exemplo, seminário, trabalhos em grupo é uma tendência.

Gráfico n.º 20 – Opinião sobre a avaliação através de provas.



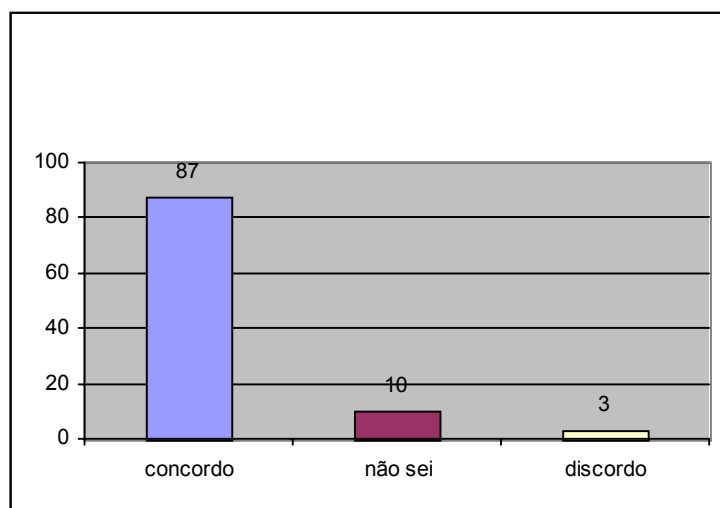
Lembrando sempre que o universo pesquisado foi de alunos trabalhadores, não é surpreendente que 51% dos alunos concordam em preferir provas em duplas ou em grupo.

Gráfico n. ° 21 – Opinião sobre a aplicação de provas em dupla.



No gráfico abaixo comprovamos a preferência (87%) dos alunos por professores que avaliam o aprendizado dos alunos utilizando várias técnicas, tais como provas, seminários e trabalhos em classe e/ou em casa.

Gráfico n. ° 22 – Opinião sobre a utilização de vários métodos de avaliação.



Ao fazermos uma análise criteriosa e uma interpretação apurada dos dados extraídos das questões fechadas quantitativas envolvendo a categoria PROCESSO DE AVALIAÇÃO, podemos notar que a grande discussão a ser destacada é a questão do momento da avaliação e a forma como essa avaliação é aplicada. Como vimos anteriormente, na categoria DIDÁTICA, o fator “tempo” está intrinsecamente ligado à conduta do professor em sala de aula. Ora, se estamos falando de alunos trabalhadores, entendemos que eles trabalham mais de 8 horas diárias e não possuem “tempo” para as atividades em sala de aula, o que poderemos dizer do tempo para estudarem fora da universidade?

Vejamos estes números um tanto quanto peculiares:

80% dos alunos discordam com relação a professores que avaliam os alunos somente através de provas.

51% dos alunos preferem provas em duplas ou em grupo.

87% dos alunos preferem professores que avaliam o aprendizado dos alunos utilizando várias técnicas, tais como: provas, seminários e trabalhos em classe e/ou em casa.

Interessante que ao analisarmos essas três questões acima, notamos que mais de 80% dos alunos preferem que o professor avalie o aprendizado utilizando várias técnicas além das provas oficiais, tais como seminários, trabalhos em classe

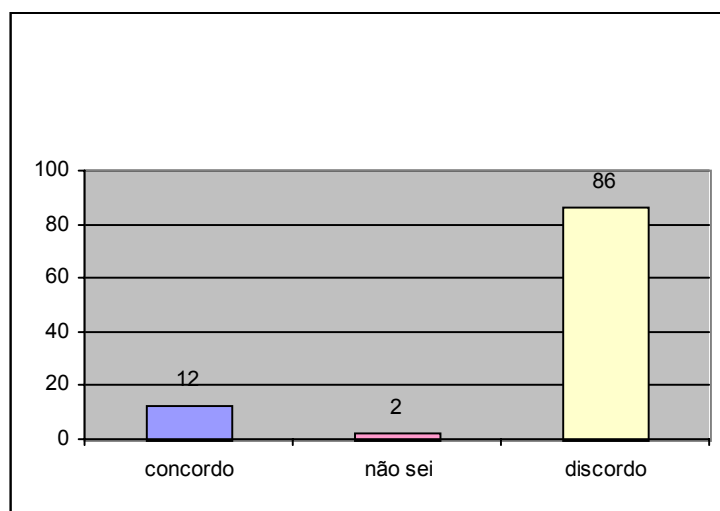
e/ou em casa mesmo e discordam de que o professor só os avalie através de provas. Parece que a questão da avaliação continuada veio para ficar, pois é realmente traumática a questão da avaliação em um só dia e de forma individual.

Porém, quando questionados se o professor deveria aplicar provas em dupla ou em grupo, 26% dos alunos responderam que não concordam com esta metodologia e uma quantidade expressiva de alunos (23%) respondeu que não sabia e apenas 51% deles acham que as provas podem ser feitas em duplas ou em grupos, o que mostra que essa questão gerou muita polêmica.

3.3.3. GRÁFICOS SOBRE RELACIONAMENTO

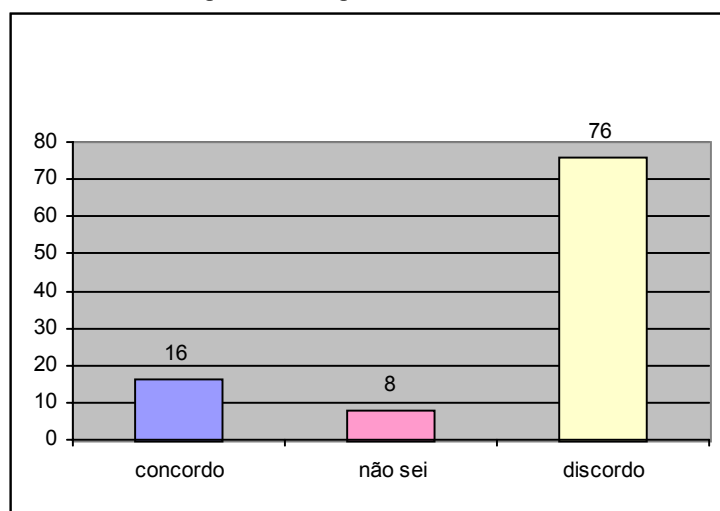
No gráfico 23, 86% dos alunos discordam em preferir professores impessoais que não se preocupam em mostrar calor humano. Este fator hoje, no ensino privado, é quesito fundamental para o bom andamento dos trabalhos em sala de aula.

Gráfico n. ° 23 – Opinião sobre professores impessoais.



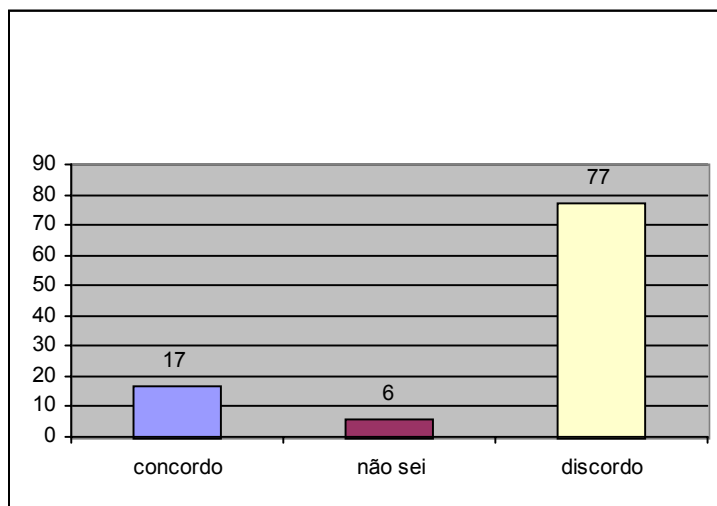
Abaixo comprovamos a não preferência dos alunos (76%) por professores sérios que não usam de gracejos e/ou piadas.

Gráfico n. ° 24 – Opinião sobre professores sérios.



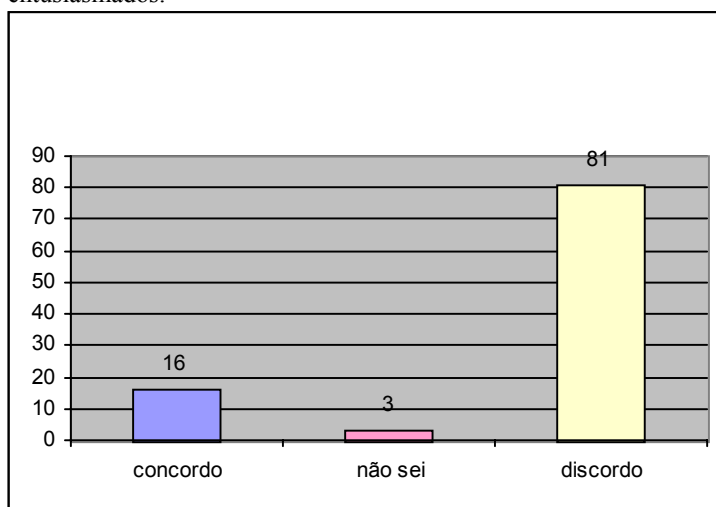
Abaixo contamos a importância dada pelos alunos (77%) aos elogios e encorajamento advindos por parte dos discentes.

Gráfico n.º 25 – Opinião sobre professores que não elogiam e encorajam os alunos.



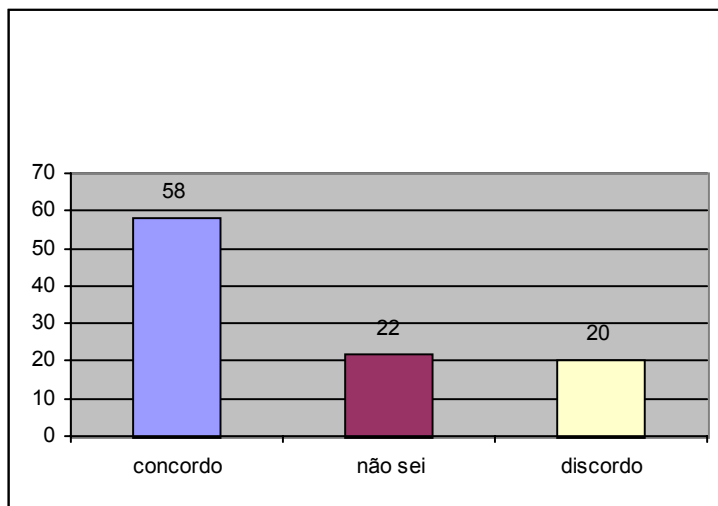
Notamos no gráfico 26 que, 81% dos alunos discordam de professores que não são muito entusiasmados com seu trabalho acadêmico, ou seja, os professores devem ser comprometidos com a profissão que escolheram.

Gráfico n.º 26 – Opinião sobre professores que não são entusiasmados.



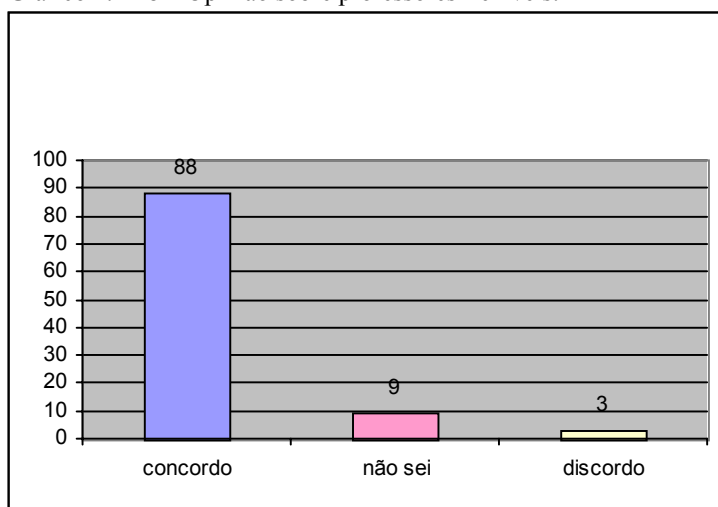
58% dos alunos concordam em preferir professores que se dispõem a ouvir os alunos sobre assuntos de natureza pessoal. Isso mostra que hoje nas instituições de ensino superior privada a importância do relacionamento extraclasse.

Gráfico n. ° 27 – Opinião sobre professores que se interessam pelos assuntos pessoais dos alunos.



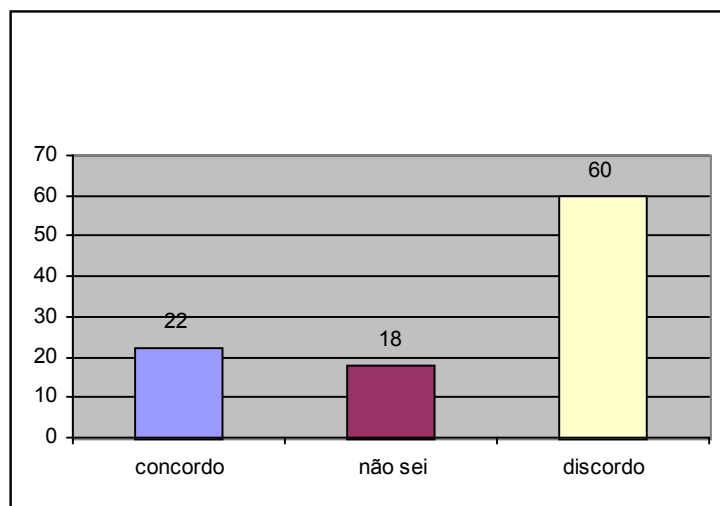
88% dos alunos concordam em preferir professores flexíveis que se adaptam às necessidades dos alunos, isso não quer dizer que o professor deva ser complacente com os alunos, mas sim, adaptar-se a uma nova realidade.

Gráfico n. ° 28 – Opinião sobre professores flexíveis.



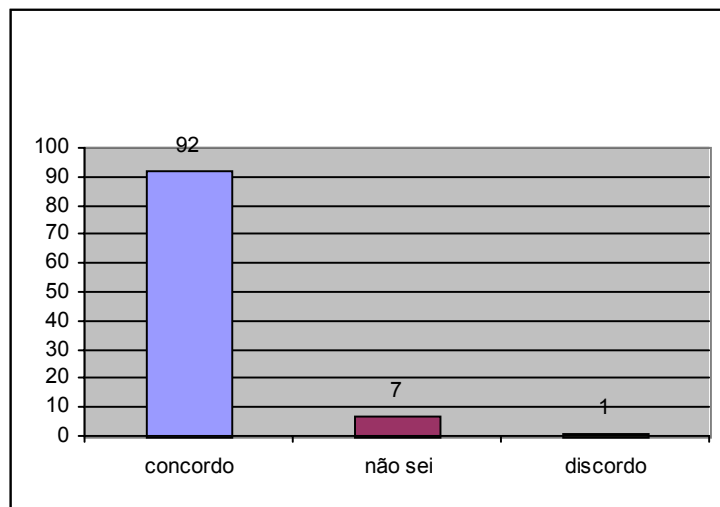
O gráfico abaixo nos ajuda a compreender o gráfico 24 pois, 60% dos alunos discordam de professores autoritários, que se impõem na sala de aula.

Gráfico n.º 29 – Opinião sobre professores autoritários.



O dados do gráfico a seguir demonstram que a maioria (92%) dos alunos prefere professores descontraídos em sala de aula e não autoritário como já visto no gráfico acima.

Gráfico n.º 30 – Opinião sobre professores descontraídos em sala de aula.



Ao fazermos uma análise criteriosa e uma interpretação apurada dos fatos extraídos das questões fechadas quantitativas, envolvendo a categoria DO RELACIONAMENTO COM OS ALUNOS, podemos notar que o grande enfoque nesta categoria é o “perfil” do professor. Vamos aos números:

86% dos alunos discordam em preferir professores impessoais que não se preocupam em mostrar calor humano.

88% dos alunos discordam em preferir professores que não demonstram estarem comprometidos com o aprendizado do aluno.

76% dos alunos discordam em preferir professores sérios que não usam de gracejos e/ou piadas.

77% dos alunos discordam em preferir professores que não fazem elogios nem se preocupam em encorajar os esforços dos alunos.

81% dos alunos discordam em preferir professores que não são muito entusiasmados com seu trabalho acadêmico.

71% dos alunos discordam em preferir professores que não chamam a atenção dos alunos que estão conversando durante a aula.

58% dos alunos preferem professores que se dispõem a ouvir os alunos sobre assuntos de natureza pessoal.

88% dos alunos preferem professores flexíveis que se adaptam às necessidades dos alunos.

70% dos alunos discordam em preferir professores que não se preocupam em dar toda a matéria do programa.

60% dos alunos discordam em preferir professores autoritários, que se impõem na sala de aula.

92% dos alunos preferem professores descontraídos em sala de aula.

Podemos notar que 92% dos alunos preferem professores descontraídos em sala de aula, o que nos dá sinais claros de que professores irreverentes, dinâmicos e, de certa forma, até audaciosos são considerados mais interessantes. Vejamos, na questão de número 57: 60% dos alunos entrevistados dizem ser contra preferirem professores autoritários, que se impõem na sala de aula.

Já 88% dos alunos dizem ter preferências por professores que sejam flexíveis, se adaptando às necessidades dos alunos. Outro ponto: 71% dos alunos entrevistados dizem não preferir professores que não chamam a atenção dos alunos que estão conversando durante a aula. Ou seja: existe um comprometimento por parte dos alunos com o bom andamento da aula. De uma maneira geral, podemos apontar que o perfil do professor ideal para enfrentar a sala de aula de alunos do curso de administração do período noturno é: um professor que seja entusiasmado com sua profissão, que seja respeitado, que respeite os demais, que encoraje os alunos, que saiba ouvir, que saiba ser humilde, que saiba ser extrovertido, que saiba transparecer calor humano e que saiba acima de tudo ser uma pessoa que ama o que faz.

Além das 44 questões fechadas, os respondentes foram submetidos a uma única questão aberta cuja pergunta era: “O que é um professor marcante para você? Dê exemplos”. (ANEXO 05)

Dentre os adjetivos mais citados ressalto os seguintes:

- Amigo
- Apaixonado
- Atualizado
- Autêntico
- Comunicativo
- Dinâmico
- Entusiasta
- Ético
- Extrovertido
- Humilde
- Líder
- Organizado
- Prático

- Responsável

Segundo Nóvoa, “É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal.”

Nesse sentido, entendemos que ser um professor universitário na atualidade é também aceitar um desafio, existem riscos iminentes, mas existe também a satisfação do dever cumprido.

De acordo com Cavaco,

... grandes metas, distinguindo-se dos objetivos realizáveis a curto prazo; manter um certo grau de liberdade; analisar a experiência própria e reconhecer o valor dos erros e dos acertos; escutar e reconhecer a razão dos outros; repensar a sua vida e reviver cada dia. (1995,p.190)

Depoimento de aluno:

É o professor que gosta do que faz porque isso contagia.
(Entrevistado 56)

Segundo Castanho,

O professor marcante articula as posições teóricas na disciplina que ensina com postura política clara – Ele liga o que ensina (dimensão microestrutural) com o que acontece no plano macroestrutural, buscando mostrar as inter-relações entre os fenômenos. (2001, p. 161)

Mais um depoimento de aluno:

Aquele que ensina com paixão, que consegue passar todo o conteúdo com emoção e que se mostra amigo dos alunos, que trabalha de igual para igual, sem se achar superior ou ser arrogante.
(Entrevistado 68)

Cunha por sua vez nos diz que o “ato de ensinar sempre contém uma posição epistemológica que, por sua vez, está alicerçada numa compreensão político-filosófica de mundo” (1998, p. 67).

Outro depoimento de aluno muito interessante:

Um professor marcante para mim é aquele que ajuda o aluno em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Que fala dos obstáculos que enfrentou e venceu. O aluno tem que se espelhar no professor.
(Entrevistado 88)

A grande questão que colocamos aqui é: Como chegar à tão sonhada aula ideal? Respeitando os anseios e as preferências dos principais interessados no processo de aprendizagem: os alunos? O processo de avaliação, o domínio do conteúdo, a utilização de metodologias e recursos diferenciados e o bom

relacionamento entre docentes e discentes são algumas das dimensões abordadas nesta dissertação e que acabam por adentrar na questão do professor marcante.

Tentando adequar as necessidades e os anseios dos alunos aos objetivos das disciplinas, o professor marcante é fundamental para efetuar esta ponte entre o ensino superior de qualidade e o estudante, sendo capaz de criar nele a motivação para aprender e poder participar do processo educacional no qual está inserido.

As habilidades requeridas para ser um professor marcante não são intangíveis, desde que não esqueçamos de que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (Nóvoa, 1995, p.17)

Como explica Costa (1998),

Há três grupos principais de qualidades: técnicas (experiência no campo pedagógico, experiência no campo em que ensina, e o conhecimento amplo da matéria ou matérias que leciona), físicas (saúde, higiene e asseio pessoais) e morais (sentimento do dever, respeito à pessoa humana, decência e humanidade básicas). (p.117-118).

Depoimento de aluno, muito interessante também:

Creio que ser marcante vai além das expectativas citadas. Entendo que um professor necessita sempre surpreender dentro da sala de

aula de uma maneira muito positiva. Saber sobre o conteúdo, mas nunca esquecer que ele um dia foi aluno. Nem sempre uma prova muito difícil significa que ele é bom. O bom professor é aquele que mesmo após muitos anos é lembrado com carinho pelo que fez e contribuiu na vida acadêmica. (Entrevistado 16)

Outro bom exemplo sobre professor marcante:

É o professor que consegue alinhar conhecimento, entusiasmo, disciplina e simpatia. Por fim fazer muitos amigos e seguidores. (Entrevistado 40)

Vejamos qual a abordagem de um professor marcante no tocante à preparação das aulas.

O professor marcante planeja suas aulas – Os alunos percebem quando as aulas são planejadas. O ensino é uma atividade que se caracteriza por *atos lógicos, atos estratégicos e atos institucionais*. Nos atos lógicos se insere basicamente todo o trabalho de planejar como se desenrolará o processo de ensino e aprendizagem. Nos atos estratégicos incluem-se as atividades e técnicas a desenvolver visando aos objetivos traçados. E nos atos institucionais estão todas as ações que *legitimam* o processo ocorrido (notas, documentos registros de frequência, etc.). O bom professor organiza seu trabalho

visando ao progresso dos alunos, evitando situações caóticas e promovendo interações enriquecedoras. São planejadas atividades livres com clareza dos fins a atingir – o professor é um *autêntico mediador* na produção do conhecimento. (CASTANHO, 2001, p.159)

Temos que estar atentos às mudanças deste novo milênio. Tudo muda, nada é estático e todos nós temos um imenso desafio pela frente enquanto educadores. O grande desafio do Brasil é que tudo ainda está por ser construído, diferentemente de países já desenvolvidos. Os novos saberes têm de encontrar o seu espaço. Cabe aos professores marcantes darem este primeiro passo rumo ao desconhecido, rumo ao futuro, porque é lá que vamos passar o resto de nossas vidas.

E, para finalizar, vejamos um último depoimento de aluno:

Os alunos do período noturno geralmente estão cansados e o professor tem que prender sua atenção de uma forma descontraída e divertida, pois, o cansaço dá muito sono. (Entrevistado 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como conclusão desse trabalho, podemos dizer que os desafios que se apresentam hoje para os professores, levam-nos a refletir sobre as características de seu trabalho, as expectativas dos alunos e a realidade de um curso de administração do ensino particular noturno.

Em relação ao primeiro ponto, ao analisar o trabalho na sociedade capitalista, procuramos mostrar a contribuição crítica de Karl Marx para entender as condições históricas dessa sociedade e as conseqüências no mundo do trabalho. Verificamos, em seguida, o que está acontecendo com o trabalho hoje, a partir das transformações sociais que têm mudado, também, as relações de produção. Muitos autores reconceituam a idéia marxista de classes sociais e constataam a crescente proletarização do trabalho docente, na medida em que o professor é gradativamente afastado da tomada de decisões, tornando-se um mero executor das decisões tomadas por técnicos e administradores, como bem reconhece Tomazi (1977, p. 96). Para muitos, o docente, em virtude das condições materiais de seu trabalho, está se aproximando cada vez mais da classe operária, podendo aliar-se a ela nos seus projetos de transformação da sociedade.

A crítica que se pode fazer a essa análise é que ela não leva em consideração as especificidades que caracterizam a educação como um campo de trabalho diferente do da indústria e da fábrica. Por um lado, não podemos descolar o

docente da sua realidade histórica e, deste modo, percebe-se que seu trabalho traz em si uma ambigüidade. Os professores são assalariados e recebem, na sua maioria, salários baixos, têm cada vez menos presença na definição dos fins de seu trabalho, têm uma atividade parcelada, com horários fixos e uma jornada de trabalho extensa, como a maioria dos trabalhadores. Mas, devido ao seu trabalho ter cunho intelectual, constituem uma categoria diferenciada, que controla e tem certa autonomia sobre o trabalho, principalmente no interior da sala de aula. Estão, pois, junto com os trabalhadores, porém, ao mesmo tempo, apartados deles.

Por outro lado, no contexto da sociedade capitalista, os professores atuam dentro de dois parâmetros: como agentes de dominação da sociedade burguesa, repassando um conhecimento que serve para manter essa sociedade e, como elementos essenciais para o desenvolvimento científico e tecnológico, qualificando a força de trabalho para essa sociedade.

Quanto às expectativas dos alunos, é evidente que é importante saber o que eles consideram ser um bom professor. Mas é preciso não se esquecer que a relação entre professor e aluno é uma relação mediada pelo conhecimento. Não se pode reduzir o papel do professor simplesmente à visão dos alunos que, muitas vezes, desejam um super-homem dotado de todas as qualidades pessoais. Se a relação entre professor e aluno é mediada pelo conhecimento, é preciso lembrar que o conhecimento é algo complexo e não pode ser simplificado. Podemos correr o risco, numa visão pragmática e utilitarista, de fazer uma “macdonaldização” do conhecimento, transformando-o em *fast-food*.

Quanto à realidade de um curso de administração de ensino particular noturno, seria ingênuo pensar que com algumas medidas simplistas, algumas ações isoladas ou até mesmo individuais, dependendo apenas de algumas decisões internas e de certa dose de boa vontade pessoal, poderíamos transformar, rapidamente, situações problemáticas no que diz respeito à conduta de professores para o curso de administração de empresas nos períodos noturnos.

A grande lógica do mercado, que ainda predomina nas políticas educacionais, no momento, acaba colocando os professores universitários e a educação de ensino superior dentro da contingência das demandas deste mesmo mercado interno, se assim podemos denominá-lo. Muitas vezes estas metas de mercado nem são suas e, em muitas vezes, nem são defensáveis sob o aspecto da ética.

O professor foi bem avaliado na Avaliação Institucional interna, porém não há verba no orçamento para a sua titulação, devendo aguardar até o próximo semestre, quando se fará o possível para absorvê-lo. Essa prática faz parte de uma visão neoliberal predominante na educação e na política, em geral, da atualidade. Não tivemos a intenção, em momento algum, de estabelecer fórmulas de sucesso para uma aula ideal ou de prescrever o caminho da verdade incondicional. Isso seria muita pretensão da nossa parte. O que fizemos foi apenas indicar novas formas, novos processos de aprendizagem, novos modos de ver o velho dentro de um espaço e de um tempo que contextualiza o velho sistema de ensino - lançar luz sobre temas tão desgastados e amplamente discutidos. Segundo Leonardo Boff: "Todo ponto de vista é a vista de um ponto"

Aprofundar estudos frente aos novos desafios, apontar qual é o papel do novo professor universitário do curso de administração de empresas, sob a ótica dos alunos, não foi uma tarefa fácil.

Foi efetuada, no início deste trabalho, a opção de aplicarmos uma pesquisa junto aos alunos do último ano do curso de administração de empresas. Por quê? Porque isso significou uma grande oportunidade de poder escutar e compreender a mais pura reflexão de uma determinada realidade, a qual é muito complexa e que, de certa forma, não pode ser explicada ou muito menos resolvida com algumas soluções simplistas.

Acreditamos, também, que, ao longo do desenvolvimento deste projeto, avançamos sempre na direção da concretização dos objetivos iniciais sem perder o foco. Esses objetivos foram: levantar o perfil dos discentes de uma faculdade de administração de empresas do período noturno, definir o perfil do professor universitário desejado, pesquisar o que determina a qualidade percebida por parte dos alunos na relação com o seu professor e registrar as carências e expectativas reveladas.

Quando demos início a este trabalho de pesquisa, tínhamos um problema de pesquisa e objetivos, porém não sabíamos, com precisão, a que lugar essa nossa investigação iria nos levar. A grande maioria das questões que nos perturbavam ainda permanecem abertas, aliás, outro não é o papel da pesquisa senão o de dar cabo de algumas questões e levantar muitas outras.

As reflexões sobre os desafios do professor universitário para o curso de administração, sob a ótica dos alunos, foram inúmeras, mas esse estudo desenvolvido permitiu tecer algumas considerações importantes.

Primeiramente, o fato de a pesquisa sociocultural ter apontado para um número equilibrado de alunos entre o sexo masculino e o feminino mostra, claramente, que as mulheres estão de igual para igual na disputa do mercado de trabalho com os homens. Isso, por si só, já é algo inédito, pois existe aí uma mudança radical de barreiras e preconceitos oriundos da sociedade capitalista ao longo de sua história. A pesquisa evidenciou, também, que a esmagadora maioria deste universo de alunos entrevistados exerce algum tipo de atividade remunerada, ou seja, são, antes de tudo, alunos trabalhadores.

Em segundo lugar, notamos três categorias que emergiram da pesquisa, as quais foram: didática, processo de avaliação e relacionamento. Embora muito distintas entre si, havia sempre uma palavra que permeava, simultaneamente, todas essas categorias: a palavra *tempo*. A julgar pelos dados fornecidos pela pesquisa é importante registrar neste momento a nossa preocupação com tal palavra.

O que parece claro, também, é que *tempo* para quem já tem uma boa didática, não é problema. Para quem precisa de *tempo* para poder obter uma didática melhor, pode parecer um grande problema, principalmente nos tempos atuais, caracterizados por mudanças rápidas e contínuas.

Para o processo de avaliação, não há mais tempo para chamadas orais, provas individuais sem consulta, sem utilizar material de apoio, não há mais *tempo*

para a memorização, não há mais *tempo* para a interpretação ou, muito menos, para a compreensão. Não há *tempo* para a análise ou para se poder fazer algo paralelo. Não há *tempo* para a aplicação do conhecimento. Não há mais *tempo* para a síntese e, finalmente, não há mais *tempo* para o juízo literário - tudo é volátil demais. O tempo físico é o movimento físico. O tempo psíquico está no plano das idéias. E o tempo social é a troca com os colegas que ocorre dentro das salas de aula.

Em terceiro lugar, de uma maneira geral, podemos apontar que o perfil do professor ideal para enfrentar a sala de aula de alunos do Curso de Administração do período noturno é um professor que seja entusiasmado com sua profissão, que seja respeitado, que respeite os demais, que encoraje os alunos, que saiba ouvir, que saiba ser humilde, que saiba ser extrovertido, que saiba transparecer calor humano e que saiba, acima de tudo, ser uma pessoa que ama o que faz.

Porque educação é algo de dentro para fora e se não se vencer este medo interno, nunca se sentirá verdadeiramente livre. A relação entre o professor e o aluno é a de estabelecer ou de criar conhecimento. Este é o princípio de toda a educação: criar uma relação entre duas pessoas. Como se pode fazer isso com medo? A palavra *crise* vem do latim, denominado de *crinae*, que quer dizer corte. Existe também um provérbio chinês que diz: “crise é salto”.

O que fizemos do conhecimento em meio a tanta informação? E o que fizemos da sabedoria em meio a tanto conhecimento?

Como resultado da análise dos dados da consulta realizada com os alunos chegamos também a algumas considerações relevantes.

A percepção dos alunos com relação aos professores marcantes tende para o lado positivo da situação e muitos deles testemunham e expressaram seus sentimentos de forma límpida e direta.

O que fica, então, após o encerramento do estudo? Com certeza, uma sensação de que o aprendizado foi muito maior do que a contribuição que pretendíamos *a priori*. Basta lembrar que é preciso ter a humildade de reconhecer que o que temos a fazer é muito e o que fizemos é pouco, mas ir adiante é preciso.

Por fim, e como já afirmamos, esperamos que novos estudos dêem continuidade à presente investigação, que respondeu a algumas questões e levantou muitas outras mais.

REFERÊNCIAS:

ANDES, **Universidade em debate**. Revista brasileira de estudos pedagógicos, 66 (153), 300-303, maio/ago, 1985.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BRAVERMANN, Hrry. **Trabalho e capital monopolista**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977.

CABRERA, José Roberto. **O Pensamento Sociológico de Karl Marx**. In LEMOS, Arnaldo et alii **Sociologia Geral e do Direito**, 2ª Edição Campinas: Ed. Alínea, 2005

CASTANHO, M.E.L.M (Org.). **Pedagogia universitária: a aula em foco**. Campinas: Ed. Papirus, 3ª. Ed 2002, p.13-48.

CASTANHO, M.E.L.M. **Universidade à Noite: Fim ou Começo de Jornada?** Campinas: Ed. Papirus, 1989.

CASTANHO, S.; CASTANHO, M.E.L.M. (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Ed. Papirus, 2001.

CASTANHO, S.E.M. **A universidade entre o sim, o não e o talvez**. In VEIGA, I.P.^a;

CASTANHO, S; CASTANHO, M.E.L.M. (Org.). **O que há de novo na educação superior**. Campinas: Ed. Papyrus, 2000.

CAVACO, M. Helena. **“Ofício do professor: O tempo e as mudanças”**. In NÓVOA, Antonio (org.). Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1995.

CHAGAS, Anivaldo T. R. **Aula Nota 10: Práticas para a Eficácia no Curso Superior**. Campinas: Ed. Akademika, 2004.

COSTA, Newton. **“O professor ideal”**. In: DORIA, Francisco A. (coord.). A crise da universidade. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1998.

CRUZ, Leonardo. **O que vai acontecer com o trabalho?** Folha de São Paulo, São Paulo: Caderno Especial ANO 2000, p.01; 30 de maio de 1999.

CUNHA, M.I. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: Ed. JM, 1998.

DUPAS, Gilberto. **Palestra: Ciência, Sociedade e Poder - Semana Científica - Pontifícia Universidade Católica de Campinas-SP. 09/11/2005**

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**, São Paulo: Ed. Cortez, 1986.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.

GLOTON, Robert e CLERO, Claude (1972). **La criatividade em el niño**. Madri: Narcea.

GRAMSCI, Antonio. **Obras Escolhidas**. Trad. Manuel Cruz. São Paulo: Martins Ed. Fontes, 1978.

LINS e SILVA, Carlos Eduardo. **Sociedade Global tira Poder de Pressão**. Folha de São Paulo, São Paulo: Caderno Especial ANO 2000, p.2, 30 de maio de 1999.

MARQUES, E. A et alii. **Ensino e pesquisa na universidade: questão de lei ou de visão de mundo**. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n.69, maio, p.5,16, maio, 1989.

MARQUES, Mario Osório. **A formação do profissional da educação**. 3.ed. Ed.UNIJUÍ, 2000.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competências pedagógicas do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MASETTO, Marcos Tarciso. **O professor no ensino superior brasileiro**. 1982. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NEVES, Lúcia M.Wanderley (org). **O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990**.- São Paulo: Ed. Xamã, 2002

NOVOA, Antonio."Os professores e as histórias de sua vida". In: NÓVOA, NÓVOA, Antonio (org.). Vidas e professores. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Paulo de S. **Metodologia das Ciências Humanas**, 2ª Ed. São Paulo: Hucetec/UNESP, 1998.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas: profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

PIMENTEL, Maria de Glória. **O professor em construção**. 2ª ed. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1994

SANTAELLA, Lúcia.Comunicação e pesquisa: **Projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Ed. Hacker Editores, 2001.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Sociedade Global tira Poder de Pressão do Trabalhador**. Folha de São Paulo, São Paulo, caderno Especial ANO2000, p.03; 30 de maio de 1999.

SURGUI, S.B. Formação do docente universitário: mas quem são eles? In: VEIGA, I.P.A, CUNHA, M.I. (Org.). **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Ed. Papyrus, 1999, p. 149-171.

TOLEDO, José Roberto de. **Tempo de Trabalho cai mas não para todos**. Folha de São Paulo, São Paulo: Caderno Especial ANO 2000, p.4 30 de maio de 1999.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Ed. Atual, 1997.

VEIGA, I.P.A, CUNHA, M.I. (Org.) **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas: Ed. Papyrus, 1999, p.149-171.

ANEXOS

ANEXO 01

Carta de Apresentação da Pesquisa aos Alunos

Campinas, Junho de 2006.

Prezado(a) aluno(a):

Sou professor universitário, graduado no curso de Administração de Empresas da PUC-Campinas, turma de 1997 e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela PUC-Campinas. Estou realizando para efeito de conclusão de curso, uma pesquisa sobre as preferências do aluno de Administração em relação ao ensino em sala de aula.

Por isso, gostaria de contar com sua colaboração no sentido de responder a este questionário com seriedade, de tal forma que as respostas correspondam o mais possível às suas preferências. Informo ainda que os alunos não precisarão se identificar nominalmente, uma vez que estou interessado nos resultados estatísticos do conjunto de alunos e não nas respostas individuais de cada um.

A maioria das questões são *fechadas*, bastando você assinalar as alternativas apresentadas. Há, no entanto algumas *abertas*, isto é, que exigem respostas descritivas, que deverão ser respondidas nos espaços correspondentes.

Ao final, peço-lhe a gentileza de verificar se todas as questões foram respondidas, coloco-me à sua disposição para esclarecimentos. Desde já agradeço pela sua colaboração e participação.

Cordialmente,

Professor Eduardo Bullentini
Campinas - Junho 2006.

ANEXO 02

Formulário de Pesquisa Aplicado

PERFIL SÓCIO CULTURAL

1-) Qual o seu sexo?

masculino feminino

2-) Qual a sua faixa de idade?

20 anos ou menos
 entre 21 e 23 anos
 entre 24 e 27 anos
 entre 28 e 31 anos
 32 ou mais

3-) Onde e como você reside?

em Campinas com a própria família
 em Campinas, em casa de parentes ou amigos
 em Campinas, em república ou apartamento de colegas
 em Campinas, sozinho(a)
 em outro município, viajando diariamente a Campinas

4-) Você exerce alguma atividade remunerada?

sim não

Se respondeu negativamente, passe à questão 09.

5-) A atividade que desempenha pertence a qual das seguintes categorias:

contratado(a) com vínculo empregatício
 contratado(a) sem vínculo empregatício
 “freelance”
 estagiário(a)
 autônomo(a)
 outra. Qual ? _____

6-) Quantas horas diárias, em média, você dedica a sua atividade profissional?

até 2 horas 06 horas mais de 08 horas

04 horas 08 horas varia muito

7-) O tipo de trabalho que você exerce tem relação com o curso que está concluindo?

sim não

8-) O tipo de trabalho que você desenvolve, influi sobre o aproveitamento estudantil de modo:

positivo negativo indiferente

Mais de uma alternativa poderá ser assinalada na questão seguinte. Neste caso, escreva (1) antes do item correspondente ao meio utilizado, (2) àquele que vem em segundo lugar e assim por diante.

9-) Como se mantém informado(a) sobre a situação social, política e econômica do país e do mundo?

- conversa com amigos
- leitura de jornais
- noticiário de TV
- revistas (tipo VEJA, ISTO É, ÉPOCA, etc...)
- rádio
- internet

10-) Você atua junto à:

- comunidade de bairro
- partidos políticos
- grupos religiosos
- grupos assistenciais
- ONGs
- grupos voluntários não especificados acima
- não atua

11-) Em relação ao domínio de idiomas estrangeiros, como você se classifica?

INGLÊS				
	Fluente	Regular	Insatisfatório	Não
FALA				
LÊ				
ESCREVE				
ESPANHOL				
	Fluente	Regular	Insatisfatório	Não
FALA				
LÊ				

ESCREVE				
---------	--	--	--	--

VIDA PROFISSIONAL PROJEÇÕES PESSOAIS

12-) Curso em que está matriculado(a)? _____ .

13-) Quais os motivos que o (a) levaram à escolha deste Curso ? Atribua a seguinte pontuação:

0 (zero) , quando a alternativa proposta não teve importância nenhuma.

1 (um), quando a considerar pouco importante.

2 (dois), quando considerar importante.

3 (três), quando considerar muito importante.

- melhores oportunidades salariais
- acesso a melhores posições na Empresa em que trabalha
- possibilidade de realização pessoal
- exigência da Empresa em que trabalha
- valorização pelo mercado de trabalho
- possibilidade de contribuição para a melhoria da sociedade
- aquisição de competência profissional
- desenvolvimento como pessoa
- formação técnica para melhorar a atividade que já exerce
- aquisição de um título do ensino superior (faculdade)
- outro motivo. Qual ? _____

14-) Se pudesse voltar atrás, faria o mesmo curso?

- sim na FAC
- sim em outra Instituição de Ensino
- não
- não sei

15-) Você recomendaria este curso, tal como foi realizado, para outras pessoas?

- sim
- não
- tenho dúvidas

Por que ? _____ .

16-) Quais dos atributos abaixo relacionados, melhor qualificam este Curso?

- muito exigente desgastante pouco exigente
 fraco estimulante mal definido
 bem definido inovador
 difícil “bitolado”

17-) O que você esperava, **em primeiro lugar**, de um Curso de Graduação, como este que está realizando?

- formação teórica voltada para a pesquisa
 formação profissional voltada para o trabalho
 formação acadêmica para melhorar a atividade prática que já desempenha
 formação para a vida
 aquisição de cultura mais ampla

18-) Você considera que o curso que está realizando, dará condições reais para a sua opção assinalada na questão anterior, de fato se concretize?

- sim não

19-) Assim que terminar este curso, você pretende:

19.1 Exercer a profissão para a qual está se habilitando?

- sim não

19.2 cursar Pós-Graduação em nível de especialização?

- sim não

19.3 Ingressar em outro curso de graduação?

- sim não

19.4 Exercer outra profissão, diferente daquela para a qual está se habilitando?

- sim não

19.5 Realizar cursos de atualização profissional?

- sim não

Como você projeta a sua vida profissional nos próximos 05 anos?

APRENDIZAGEM

Responda às afirmações abaixo, de acordo com as indicações:

A-) CONCORDO PLENAMENTE B-) CONCORDO C-) NÃO SEI
D-) DISCORDO E-) DISCORDO PLENAMENTE

- 20 - Prefiro professores que durante a exposição apresentem exemplos práticos da matéria. ()
- 21-) Prefiro professores que ao iniciarem a aula apresentam um resumo da aula anterior e um roteiro do que será ensinado. ()
- 22-) Prefiro professores que não adotam material de apoio, como livro texto, apostilas e material da sala virtual. ()
- 23-) Prefiro professores impessoais que não se preocupam em demonstrar calor humano. ()
- 24-) Prefiro professores que não demonstram estarem comprometidos com o aprendizado do aluno. ()
- 25-) Prefiro professores que utilizam quase que exclusivamente o método de aula expositiva, pelo qual o professor expõem a matéria e os alunos assistem. ()
- 26-) Prefiro professores que avaliam os alunos somente através de provas individuais. ()
- 27-) Prefiro professores que procuram se manter atualizados nos assuntos lecionados. ()
- 28-) Prefiro professores que além das aulas expositivas, adotam outros métodos de ensino, como seminários apresentados pelos alunos e/ou trabalhos apresentados pelos alunos. ()
- 29-) Prefiro professores que ensinam os alunos a pensar e a refletir sobre os temas da matéria. ()
- 30-) Prefiro professores que demonstram dinamismo durante as aulas. ()
- 31-) Prefiro professores que exigem dos alunos a leitura antecipada de textos referentes a cada aula. ()
- 32-) Prefiro professores sérios que não usam gracejos e/ou piadas. ()
- 33-) Prefiro professores que usam recursos audiovisuais, tais como transparências e fitas de vídeo, para ilustrarem os tópicos que eles estão explicando. ()
- 34-) Prefiro professores que utilizam estudos de casos, onde os alunos enfrentam simulações de problemas reais para exercitarem a matéria aprendida. ()

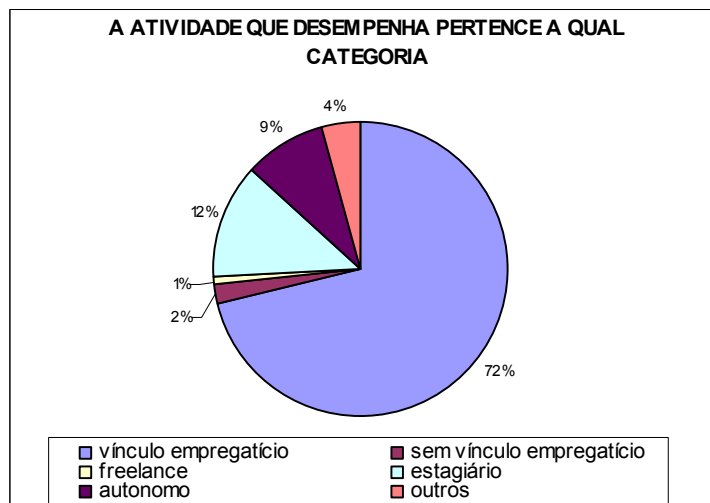
- 35 – Prefiro professores que conseguem prender a atenção da classe e interagem com ela. ()
- 36 – Prefiro professores que não fazem elogios nem se preocupam em encorajar os esforços dos alunos. ()
- 37- Prefiro professores que ajudam os estudantes a se organizarem para o estudo de novas matérias. ()
- 38 – Prefiro professores que ditam a matéria. ()
- 39 – Prefiro professores que só permitem que os alunos façam perguntas depois de terminada a exposição da matéria. ()
- 40 – Prefiro professores que não chamam a atenção dos alunos que estão conversando durante a aula. ()
- 41 – Prefiro professores que decidem aspectos relacionados às aulas em conjunto com os alunos. ()
- 42 – Prefiro professores que não são muito entusiasmados com seu trabalho acadêmico. ()
- 43 – Prefiro professores que terminam os trabalhos feitos em grupo com uma discussão geral das respostas com toda a classe. ()
- 44 – Prefiro professores que se dispõem a ouvir os alunos sobre assuntos de natureza pessoal. ()
- 45 – Prefiro professores que ao usarem o trabalho em grupo estabelecem as questões a serem discutidas. ()
- 46 – Prefiro professores que passam muitos exercícios para os estudantes resolverem e os apóiam durante a resolução. ()
- 47 – Prefiro professores flexíveis que se adaptam às necessidades dos alunos. ()
- 48 – Prefiro professores que ensinam matéria nova em pequenos passos, ou seja, gradualmente. ()
- 49 – Prefiro professores que dividem o tempo de aula, usando metade para exposição da matéria e o restante para outras atividades. ()
- 50 – Prefiro professores que, ao usarem trabalho em grupo, quase sempre determinam quais pessoas deverão ficar em cada grupo. ()
- 51 – Prefiro professores que ao final da explicação, dirigem perguntas aos alunos promovendo a discussão do assunto. ()

- 52 – Prefiro professores que não se preocupam em dar toda a matéria do programa. ()
- 53 – Prefiro professores que, conforme vão explicando a matéria, escrevem na lousa os pontos principais. ()
- 54 – Prefiro professores que, durante as atividades dos alunos, sentam com os mesmos esclarecendo dúvidas e/ou fornecendo dicas. ()
- 55 – Prefiro professores que trabalham de forma organizada em sala de aula. ()
- 56- Prefiro professores que explicam a matéria de maneira essencialmente teórica. ()
- 57 - Prefiro professores autoritários, que se impõem na sala de aula. ()
- 58 – Prefiro professores que adotam a metodologia dos jogos de empresas, onde grupos de alunos simulam decisões no mercado ou dentro da empresa. ()
- 59 – Prefiro professores descontraídos em sala de aula ()
- 60 – Prefiro professores que fazem perguntas aos alunos durante a exposição da matéria. ()
- 61 – Prefiro professores que não utilizam provas individuais como método de avaliação. ()
- 62 – Prefiro professores que na primeira aula apresentam o programa de todas as atividades que serão desenvolvidas na disciplina. ()
- 63 – Prefiro professores que avaliam o aprendizado dos alunos utilizando várias técnicas, tais como provas, seminários e trabalhos em classe e/ou em casa. ()
- 64 – O que é um professor MARCANTE para você? Dê exemplos.
-

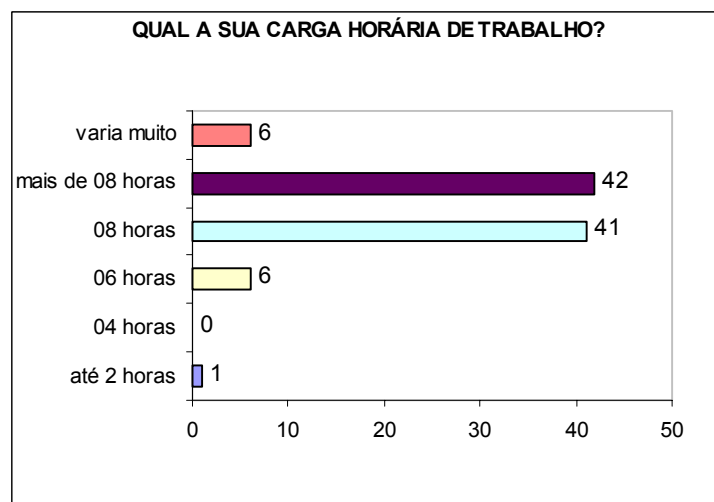
ANEXO 03

Gráficos Complementares – Perfil Sócio Cultural / Profissional

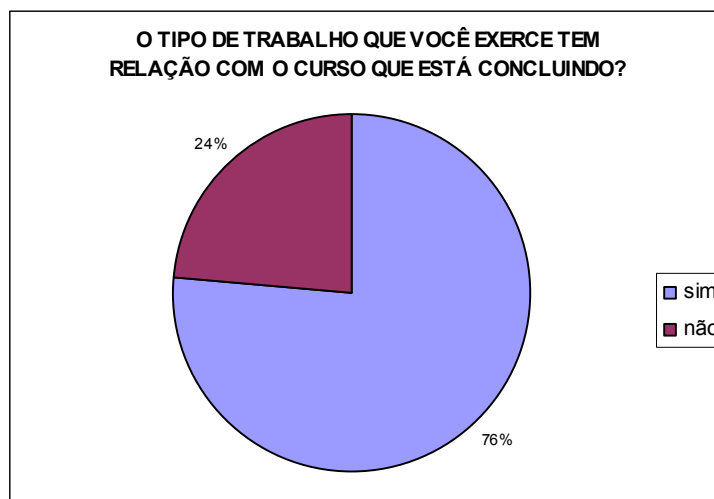
Observando este gráfico é muito forte a questão da CLT perante os alunos trabalhadores (72%), já os free-lance representam apenas 01% da amostragem.



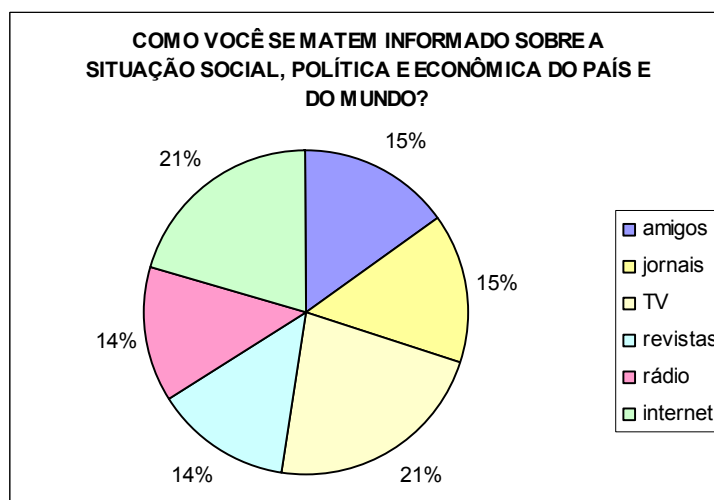
Com relação à carga horária de trabalho podemos fazer um paralelo com o gráfico da CLT, onde 41% trabalha até 08 horas diariamente, porém daqueles 72% com vínculo empregatício, 42% trabalham mais do que 08 horas diárias, sinal que exercem hora extra no trabalho.



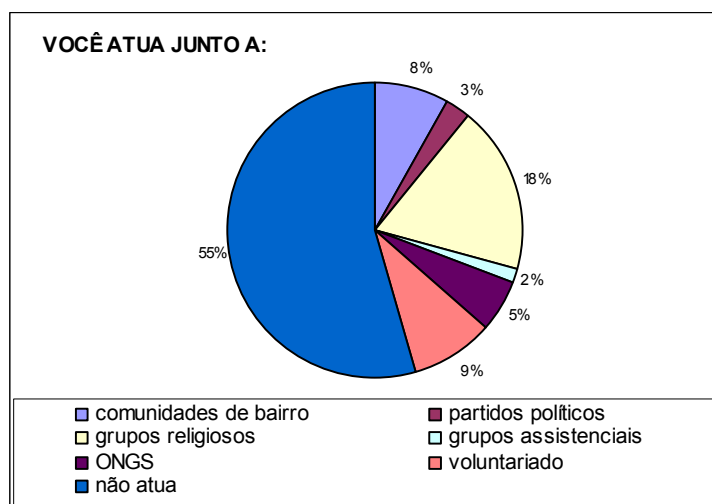
Neste gráfico notamos que a esmagadora maioria dos alunos, 76% exerce uma atividade que tem relação com o curso de administração de empresas.



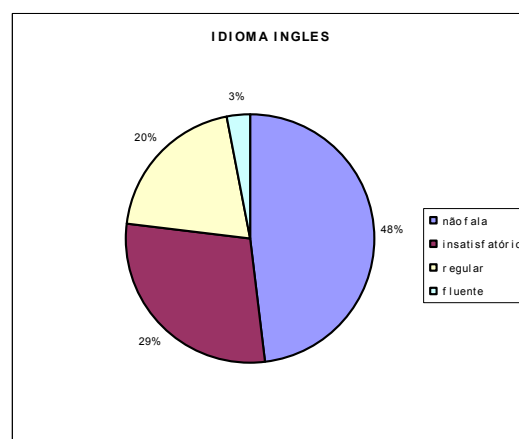
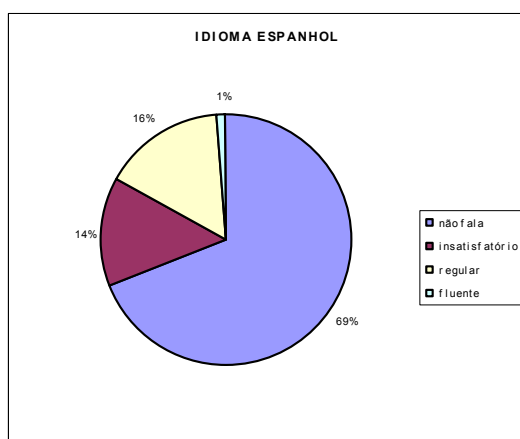
Com relação a como o alunado se mantém informado, houve uma mudança muito radical de alguns anos para cá. Hoje, conforme podemos perceber está muito equilibrado entre as várias categorias do gráfico, a forma pela qual o alunado mantém-se informado sobre a situação social, política e econômica do País e do Mundo.No passado, creio que as formas mais respondidas seriam TV e jornais.



Analisando este gráfico, podemos notar que a grande maioria dos entrevistados, 55% não atua junto à comunidades de bairro, grupos assistenciais, partidos políticos, ONGs, grupos religiosos ou qualquer tipo de voluntariado.



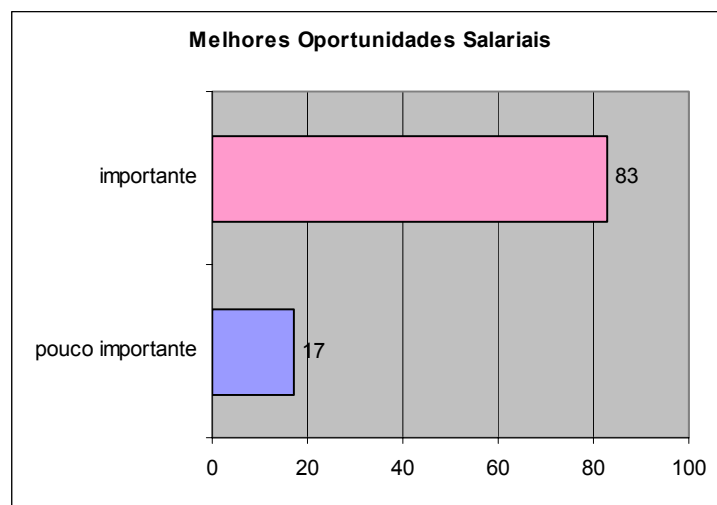
Com relação ao idioma inglês, 48% não fala e o mesmo se dá com o espanhol, sendo ainda mais surpreendente, 69% não fala absolutamente nada.



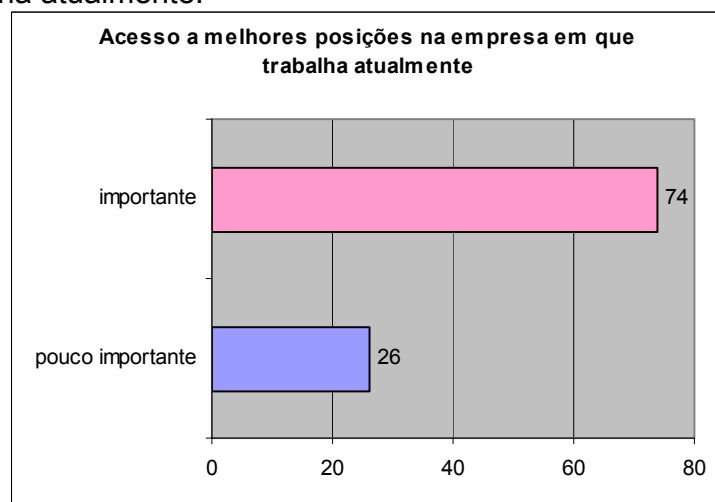
GRÁFICOS VIDA PROFISSIONAL

Motivos que levaram a escolha do curso.

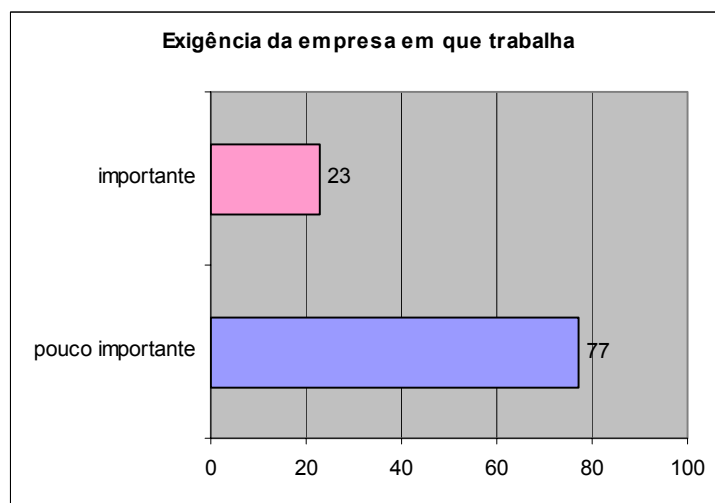
Interessante frisar que os motivos que levaram esses alunos a escolherem o curso de administração de empresas, 83% afirmam ser muito importante ter optado para melhorar as suas oportunidades salariais.



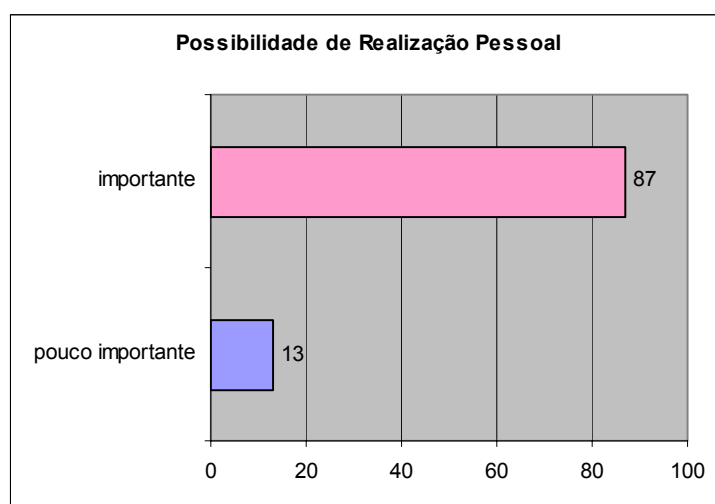
Este outro gráfico nos mostra que 74% dos alunos respondentes da pesquisa disseram ter ingressado no curso para ter acesso à melhores posições na empresa em que trabalha atualmente.



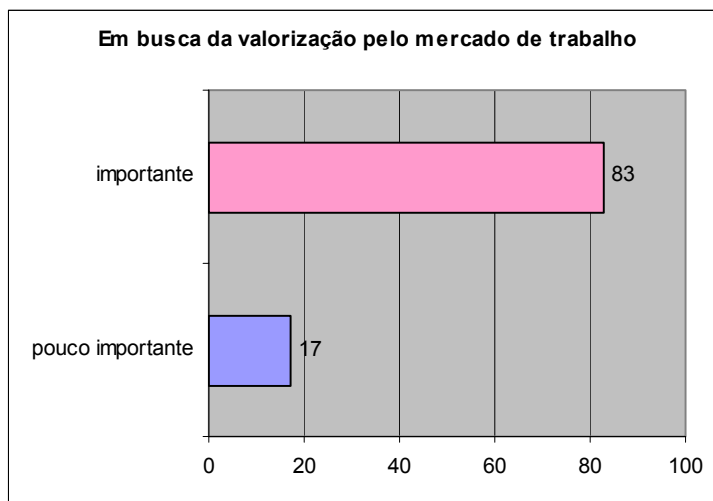
Porém neste gráfico podemos perceber que 77% afirmam ser pouco importante isto ter sido uma exigência por parte da empresa em que trabalha, ou seja, não foi por imposição, foi natural esta busca pelo ensino superior.



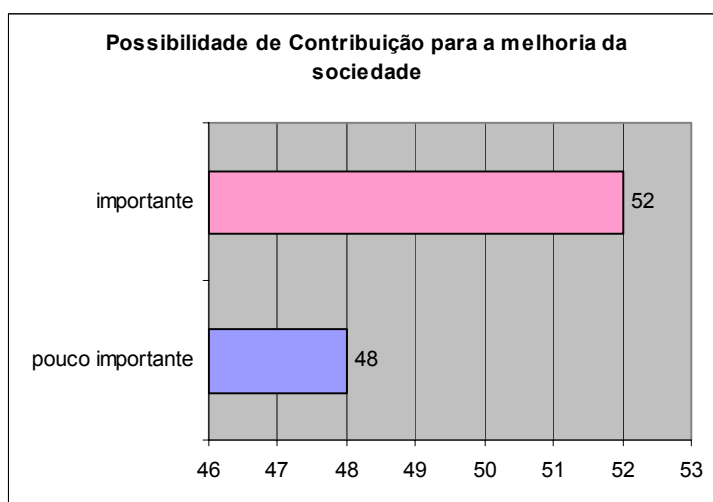
Neste outro gráfico, fica muito claro, pois 87% afirmam ter sido uma realização pessoal esta busca pelo ensino superior.



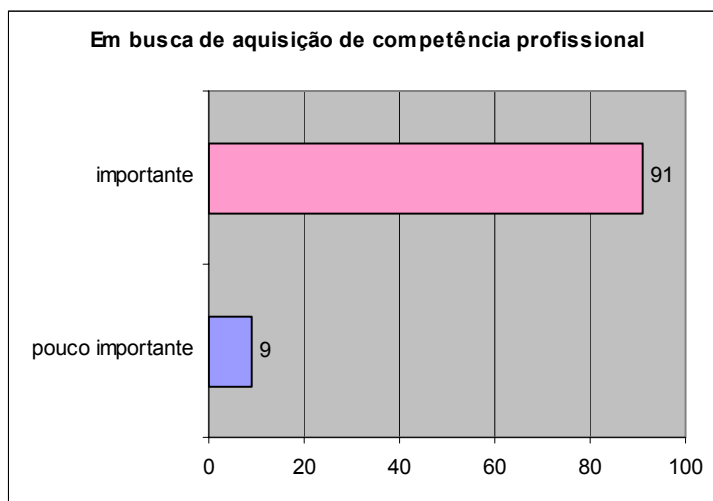
83% afirmaram que ingressaram no curso superior para poder buscar uma valorização pelo mercado de trabalho.



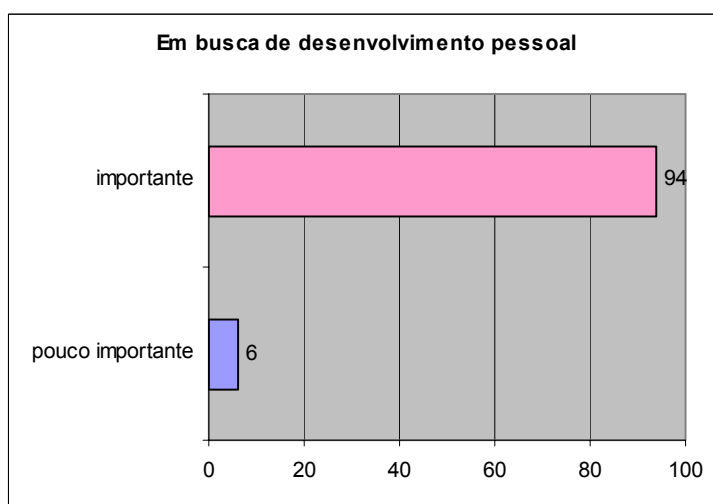
Já neste gráfico acima, a questão da possibilidade de contribuição para a melhoria da sociedade está muito equilibrada. 52% dos entrevistados afirmam ser importante este estudo, porém 48% afirmam que acham este estudo pouco importante para a melhoria da sociedade como um todo.



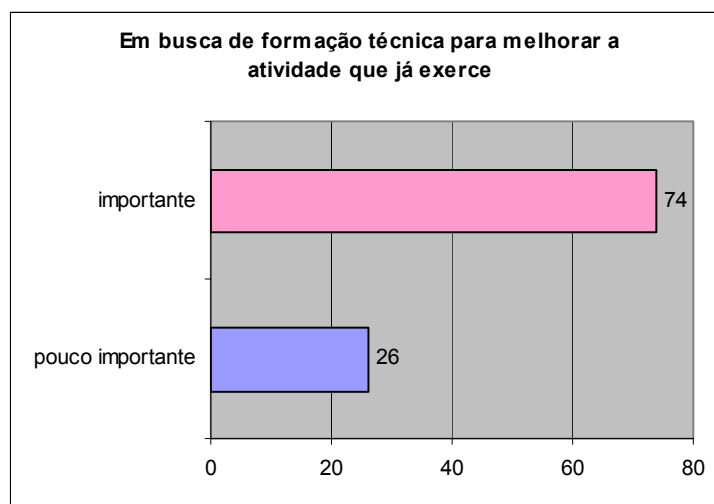
Neste outro gráfico, fica claro a busca pela competência profissional, 91% afirmaram almejar esta competência com os estudos.



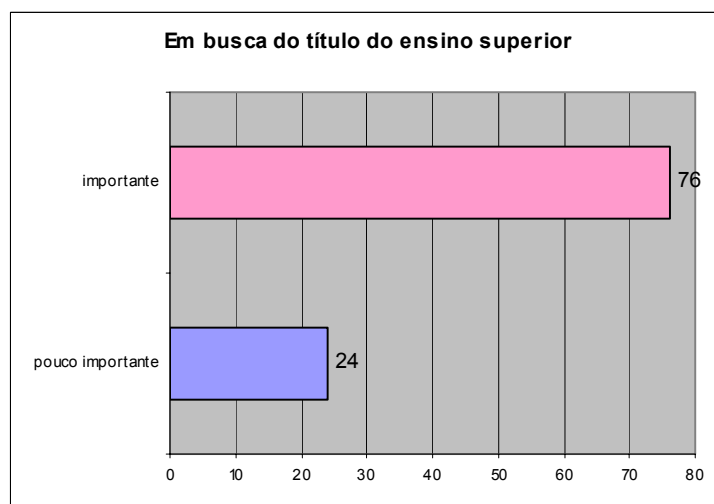
Quanto a este outro gráfico, notamos que 94% também estão preocupados com o seu desenvolvimento pessoal.



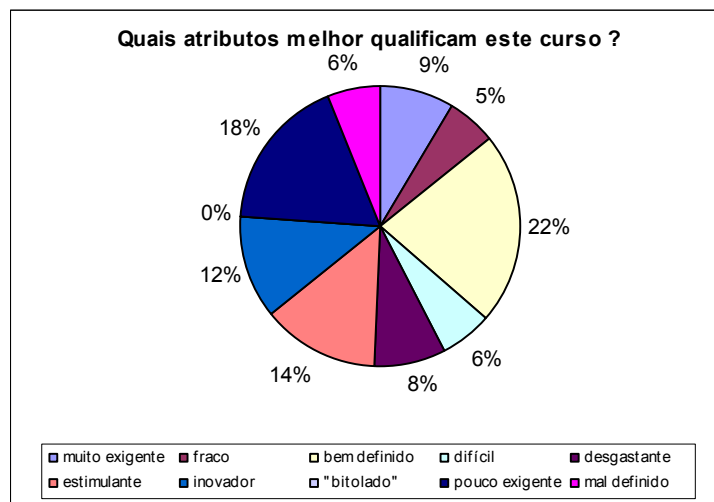
74% afirmam terem ingressado no curso de administração de empresas para buscar formação técnica para poder melhorar a atividade que já exercem.



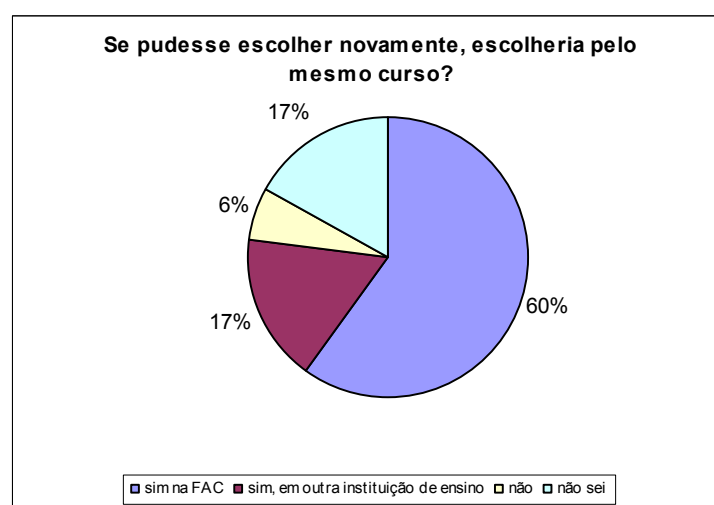
Porém, 76% afirmam categoricamente que ingressaram no curso também com o propósito de buscar o título do ensino superior.



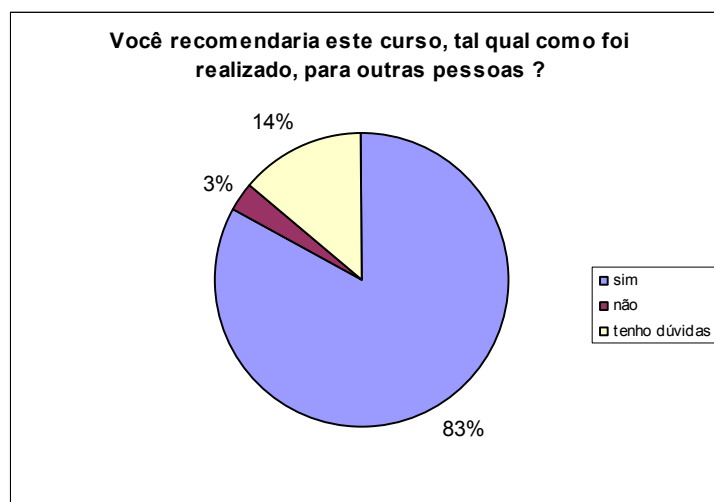
Neste gráfico, podemos observar que para a maioria dos alunos, 22% consideram que o curso é “bem definido” , para outros 14% o curso é estimulante e para outros 12% o curso é inovador. Apenas 6% consideram o curso como “mal definido”.



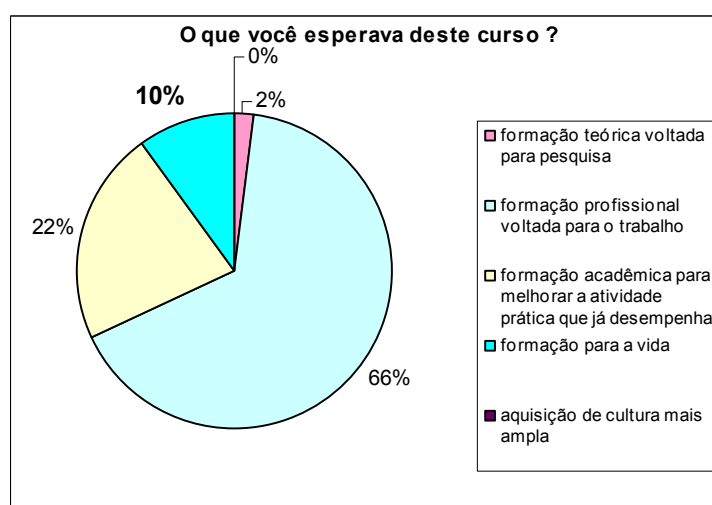
Neste outro gráfico, 60% dos alunos que responderam o questionário, se pudessem escolher novamente, escolheriam o mesmo curso.



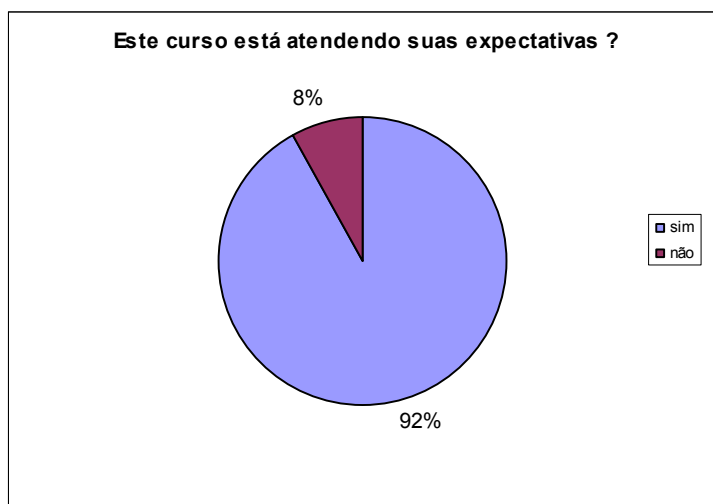
Outro dado positivo do curso é que 83% dos alunos recomendariam este curso, tal qual como foi realizado, para outras pessoas.



Fica aqui a grande resposta: 66% dos alunos esperavam que o curso estivesse voltado para a formação profissional voltada para o mercado de trabalho. Porém somente 10% entendeu que o curso possui uma formação voltada também e antes de mais nada, para a vida do aluno.

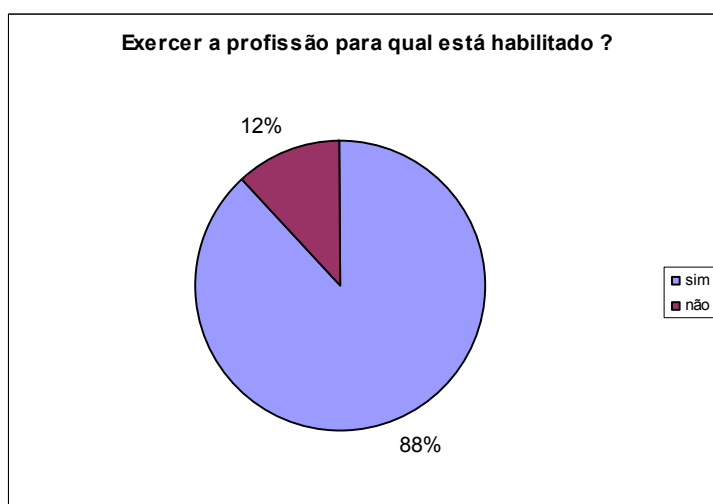


Neste outro gráfico, podemos notar que 92% dos alunos, percebem que o curso que escolheram está atendendo as suas expectativas.

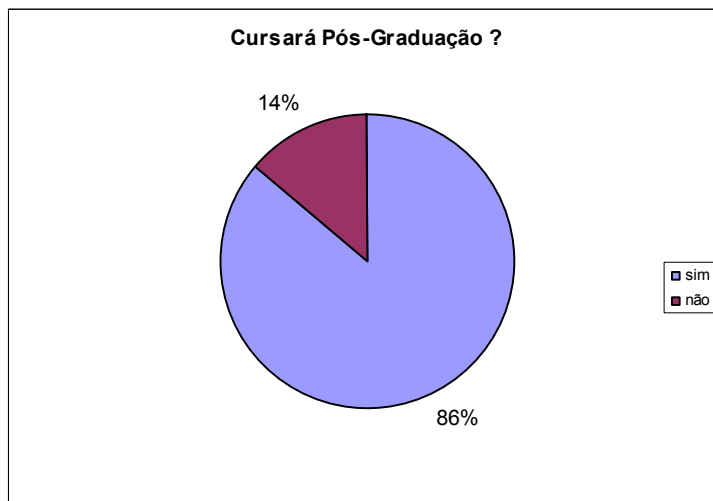


ASSIM QUE TERMINAR O CURSO VOCÊ PRETENDE:

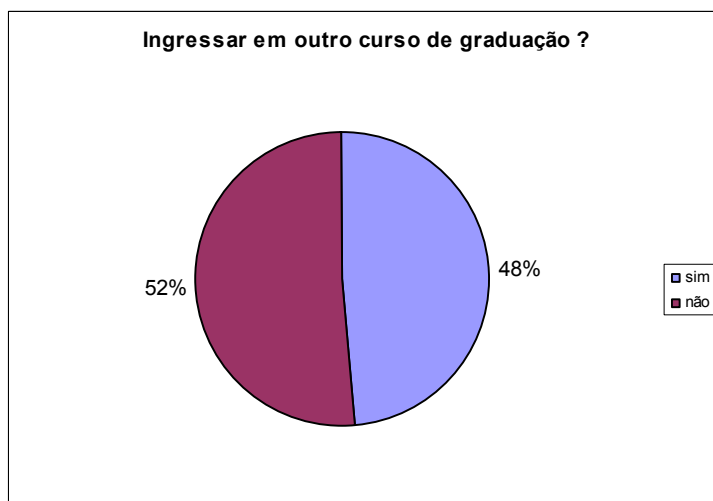
88% dos alunos atestam que pretendem exercer a profissão para a qual estão habilitados.



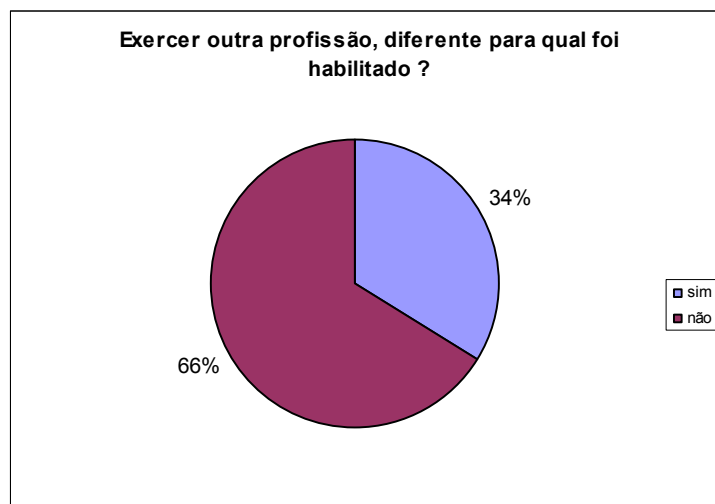
86% entendem que é necessário cursar uma pós-graduação.



Apenas 48% pretende ingressar em outro curso de graduação.



66% não pretendem exercer outra profissão para a qual estão sendo habilitados.



E por fim, 88% acham necessário realizar um curso de atualização profissional.

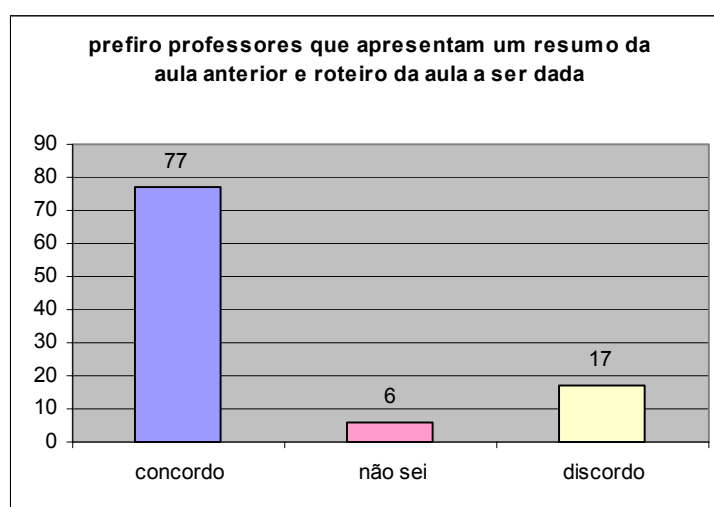


ANEXO 04

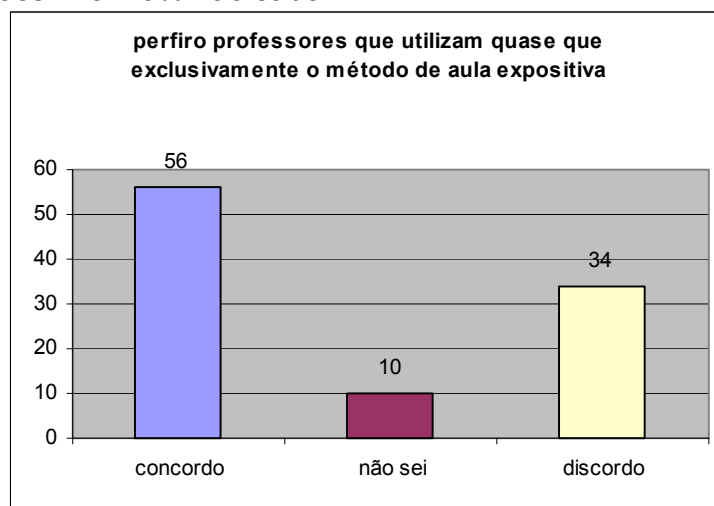
Gráficos Complementares – Aprendizagem

DIDÁTICA

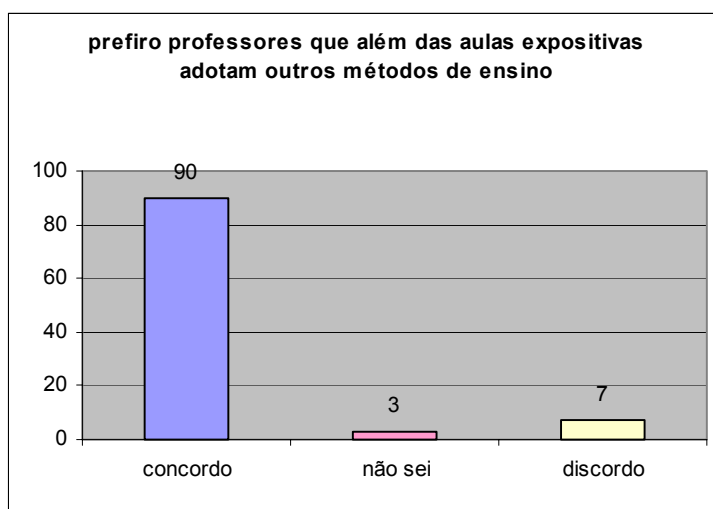
QUESTÃO 21: 77% dos alunos preferem professores que apresentam um resumo da aula anterior e roteiro da aula a ser dada.



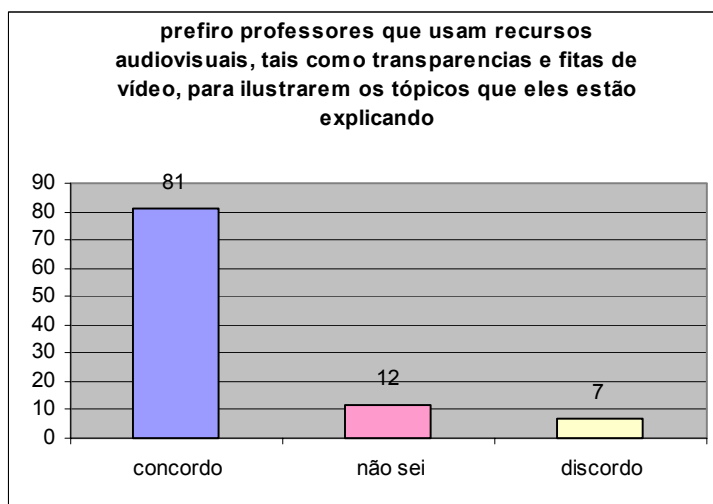
QUESTÃO 25: 56% dos alunos preferem professores que utilizam quase que exclusivamente o método de aula expositiva, porém, 34% desses mesmos alunos não preferem assim e 10% não sabem.



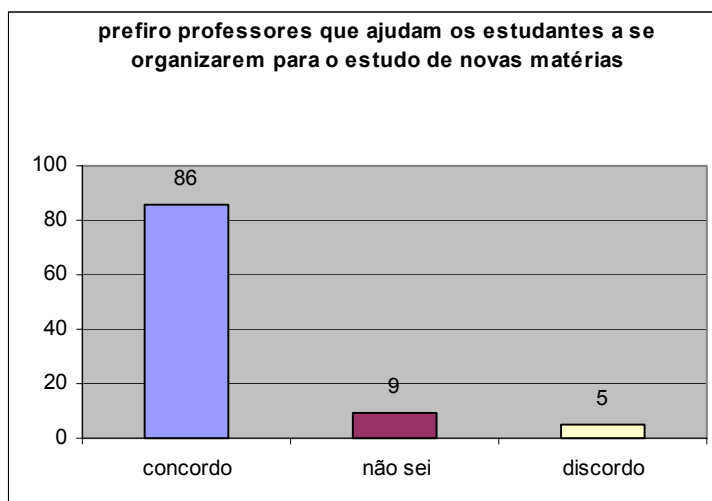
QUESTÃO 28: 90% dos alunos preferem professores que além das aulas expositivas adotam outros métodos de ensino.



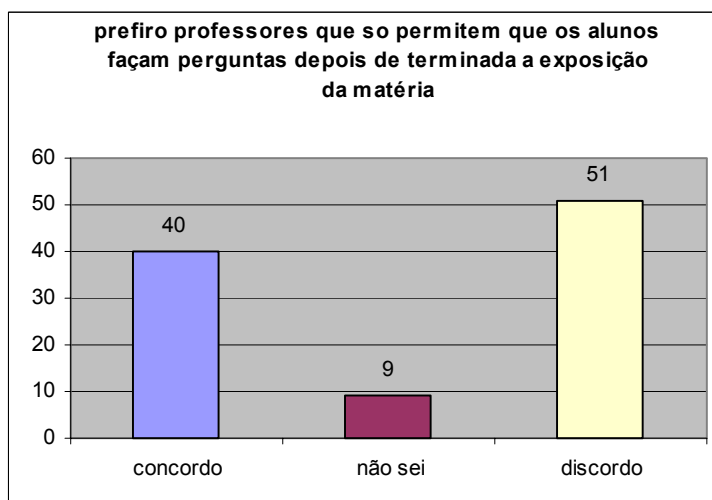
QUESTÃO 33: 81% dos alunos preferem professores que usam recursos audiovisuais, tais como transparências e fitas de vídeo, para ilustrarem os tópicos que eles estão explicando.



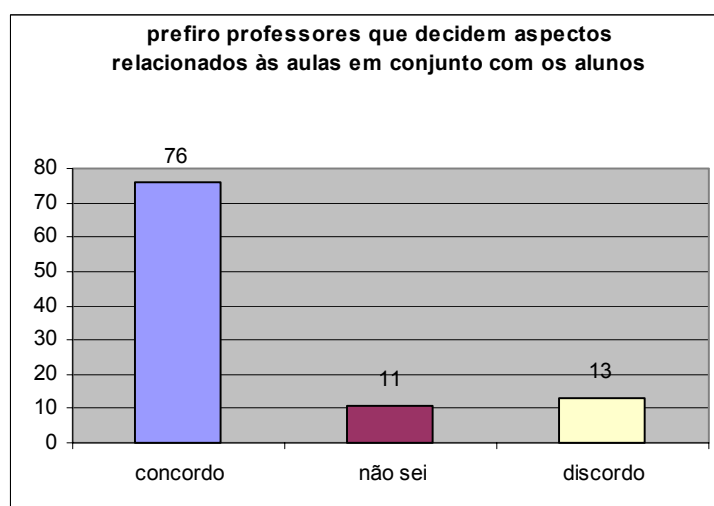
QUESTÃO 37: 86% dos alunos preferem professores que ajudam os estudantes a se organizarem para o estudo de novas matérias.



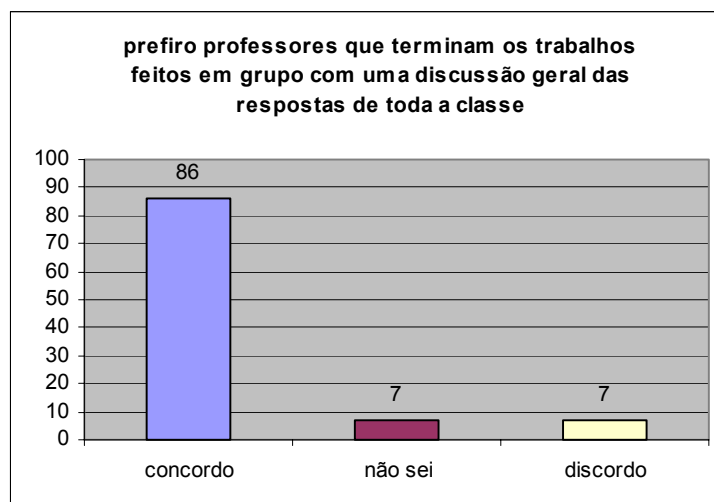
QUESTÃO 39: 51% dos alunos discordam em preferir professores que só permitem que os alunos façam perguntas depois de terminada a exposição da matéria, porém 40% dos alunos preferem desta forma e 9% não sabe.



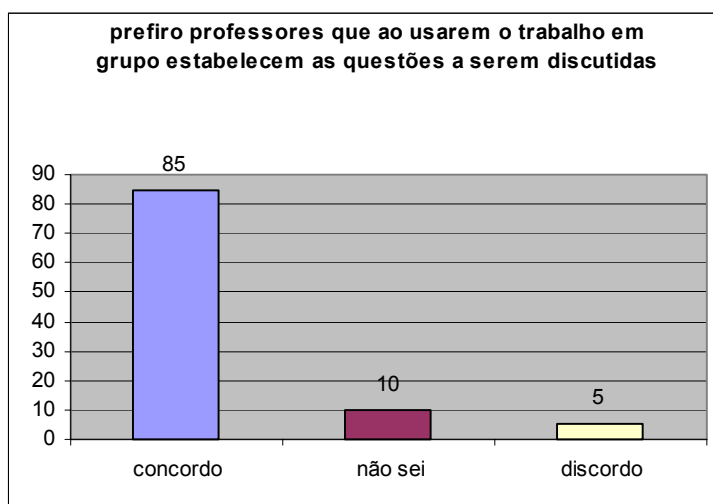
QUESTÃO 41: 76% dos alunos preferem professores que decidem aspectos relacionados às aulas em conjunto com os alunos.



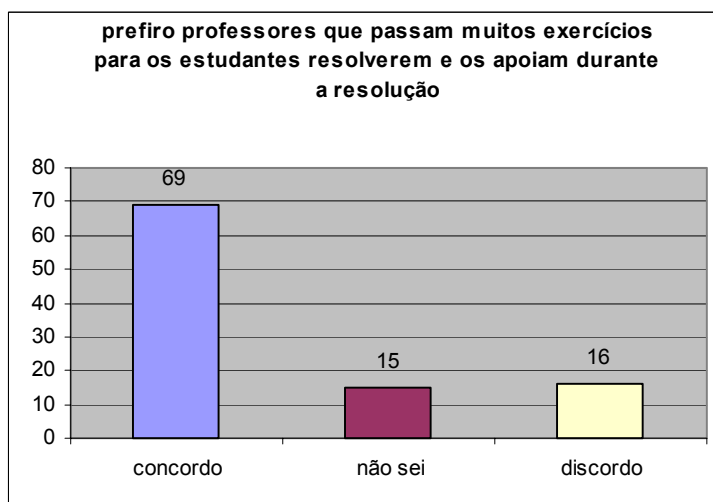
QUESTÃO 43: 86% dos alunos preferem professores que terminam os trabalhos feitos em grupo com uma discussão geral das respostas de toda a classe.



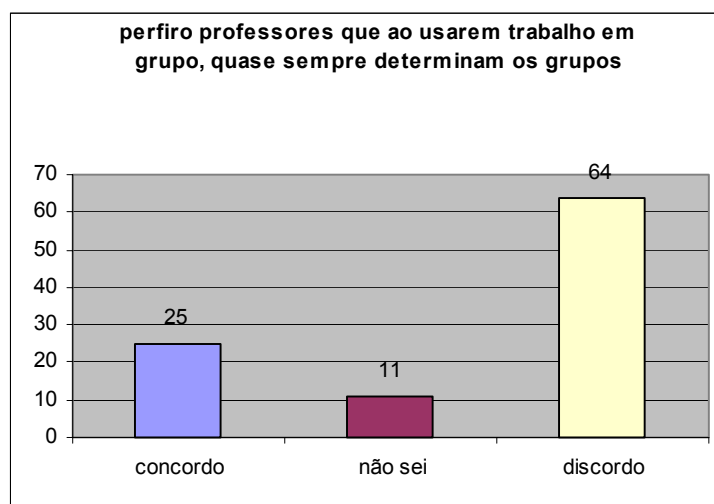
QUESTÃO 45: 85% dos alunos preferem professores que estabeleçam as questões a serem discutidas ao usarem o trabalho em grupo.



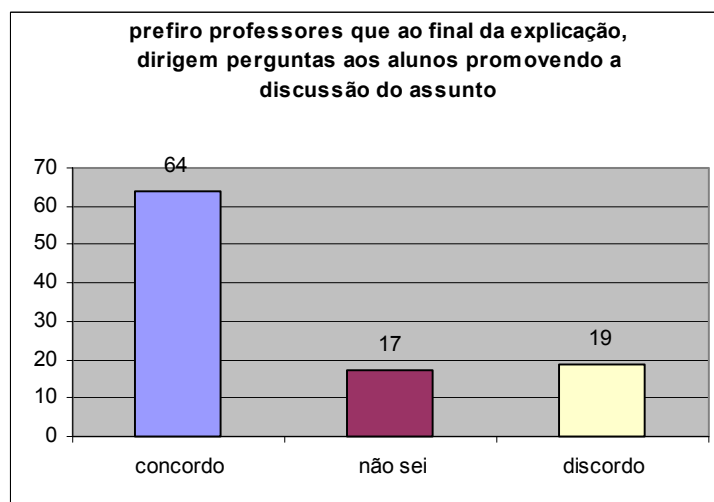
QUESTÃO 46: 69% dos alunos preferem professores que passam muitos exercícios para os estudantes resolverem e os apoiam durante a resolução.



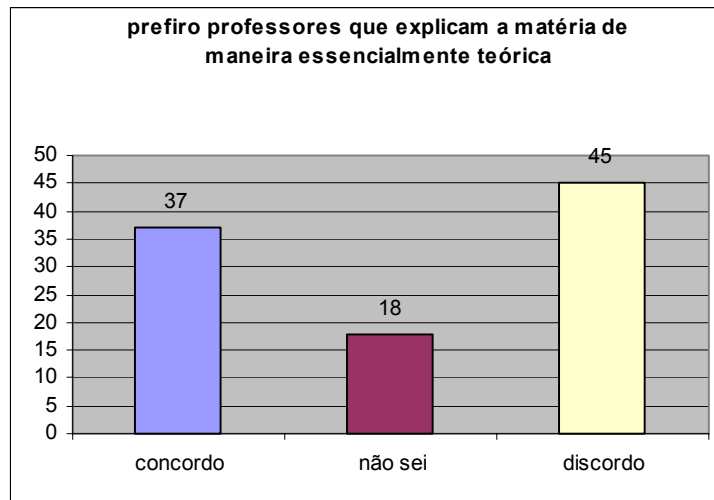
QUESTÃO 50: 64% dos alunos discordam em preferir professores que ao usarem trabalho em grupo, quase sempre determinam o grupo.



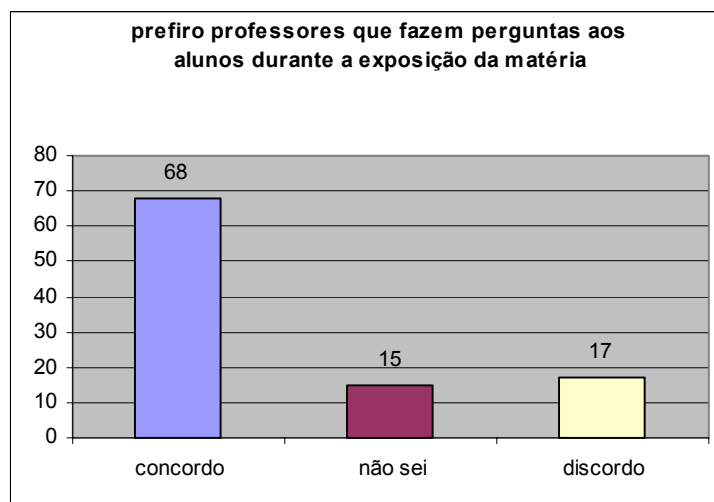
QUESTÃO 51: 64% dos alunos preferem professores que ao final da explicação, dirigem perguntas aos alunos promovendo a discussão do assunto.



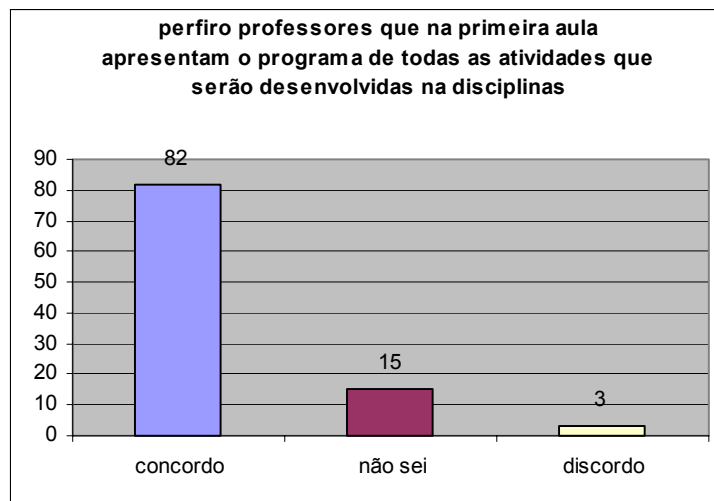
QUESTÃO 56: 45% dos alunos discordam em preferir professores que explicam a matéria de maneira essencialmente teórica.



QUESTÃO 60: 68% dos alunos preferem professores que fazem perguntas aos alunos durante a exposição da matéria.

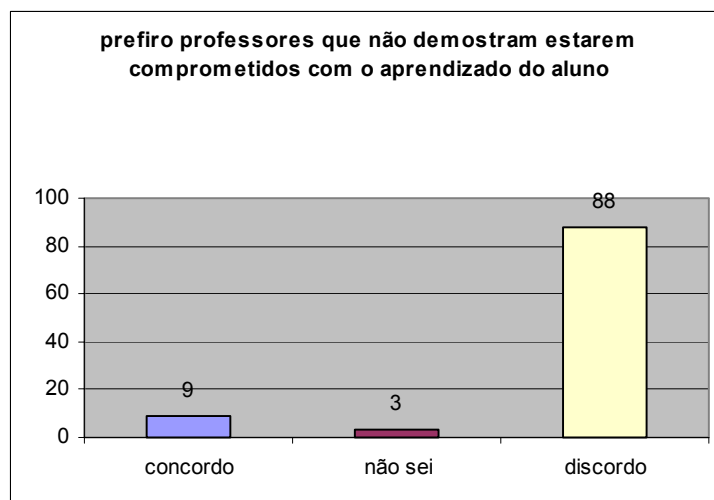


QUESTÃO 62: 82% dos alunos preferem professores que na primeira aula apresentam o programa de todas as atividades que serão desenvolvidas na disciplina.

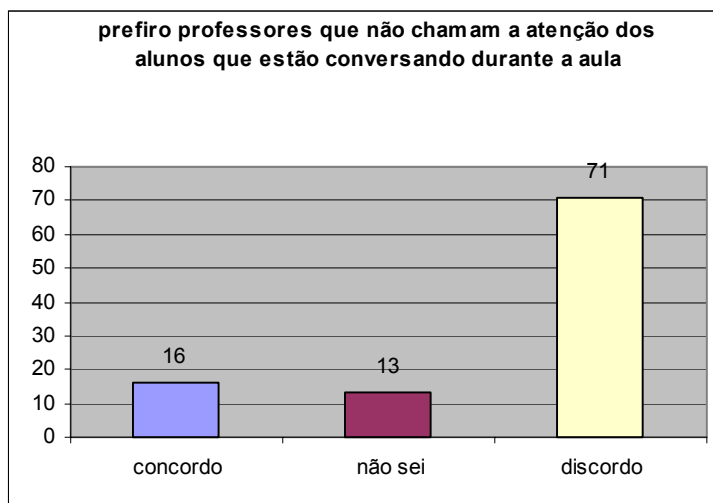


RELACIONAMENTO

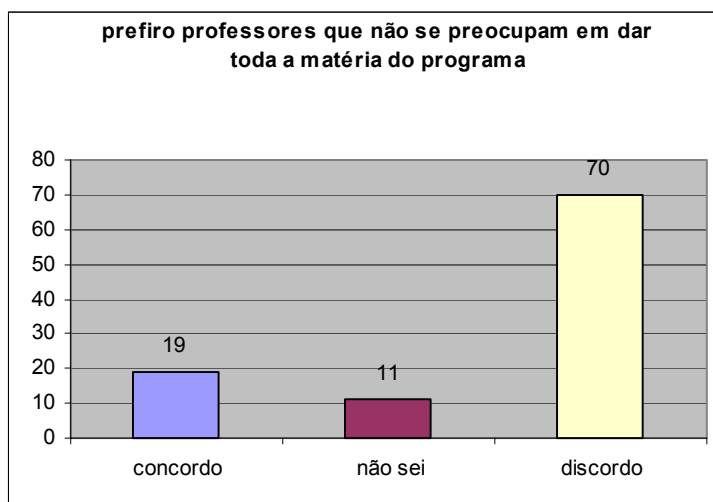
QUESTÃO 24: 88% dos alunos discordam em preferir professores que não demonstram estarem comprometidos com o aprendizado do aluno.



QUESTÃO 40: 71% dos alunos discordam em preferir professores que não chamam a atenção dos alunos que estão conversando durante a aula.



QUESTÃO 52: 70% dos alunos discordam em preferir professores que não se preocupam em dar toda a matéria do programa.



ANEXO 05

Segue abaixo a transcrição na íntegra das respostas dadas pelos alunos pesquisados sobre a última pergunta do questionário – questão aberta – cuja pergunta foi: O que é um Professor Marcante para você? Dê exemplos.

"Original e eficiente"

"Original e marcante"

"Professor autêntico que explique e dê exemplos - que seja descontraído"

"Que dá a matéria e explica com exemplos e exercícios"

"O que se faz presente como educador"

"É um professor que explica bem a matéria, e que consiga dominar a aula. Que está sempre sanando as dúvidas dos alunos durante o seminário".

"Aquele que trata o aluno com respeito e não menospreza o mesmo por falta de conhecimento"

"Que seja dinâmico e comunicativo. Que prenda a atenção do aluno e que não fique com "birrinha" da sala. Que saiba explicar bem, e se houver alguma dúvida, que saiba explicá-la sem reclamar. Enfim, ser um professor humano".

"Que se importe com o aluno, que motive a sala de aula e ouça os alunos".

"É um professor dinâmico, extrovertido, que prenda a atenção da sala e que ensine a matéria de forma divertida e dinâmica. Assim fica mais fácil aprender".

"É aquele em que você vai se espelhar sempre ou lembrar do que ele falou, pois, tudo o que ele faz ou fala serve de bom exemplo".

"Um professor que impõe respeito na sala de aula, que se integra o seu relacionamento com o aluno e possibilita a atenção de todos".

"Comprometido com o trabalho, atencioso, ter disponibilidade para ajudar o aluno e ser flexível".

"Um professor que tenha personalidade, que adquira o respeito dos alunos através da sua postura e conhecimento".

"Professor Eduardo Bullentini, gente boa demais".

"Creio que ser marcante vai além das expectativas citadas. Entendo que um professor necessita sempre surpreender dentro da aula de uma maneira muito positiva. Saber sobre o conteúdo, mas nunca esquecer que ele um dia foi aluno. Nem sempre uma prova muito difícil significa que ele é bom. O bom professor é aquele que mesmo após muitos anos é lembrado com carinho pelo que fez e contribuiu na vida acadêmica".

"Professor marcante para mim é aquele que tem um ótimo humor, sabe conduzir a aula de forma clara e objetiva e que tenha uma personalidade própria, ser autêntico faz muito a diferença".

"Um professor que ensina de tudo, que respeite o aluno e seja companheiro".

"Eduardo - Projetos, Elezer - Contabilidade, Kaue - Matemática e Humberto - TGA".

"Professor marcante é aquele que é desencanado, acima de tudo tem uma grande sabedoria, sabe conversar, lecionar com exemplos práticos e graciosos onde no final de cada explicação o aluno tenha entendido plenamente".

"Fixa o olhar do aluno em sua pessoa enquanto explica a aula ou o curso".

"Um professor dinâmico que tenha uma ótima didática, não saiba só para ele, que consiga transmitir aos alunos. Um professor simpático, amigo dos alunos, que consiga respeito dos alunos".

"Um professor marcante é aquele que tem didática para dar aula e faz a aula descontraída, sem ser maçante".

"Que não consegue desenvolver sua matéria".

"Meu dinheiro ter valor".

"Aquele que roube a atenção do aluno e faz com que a matéria, por pior que seja se torna interessante e as aulas motivadas com as de Direito e Administração Tomáz e Rafael".

"Para mim é o professor que apresenta a sua matéria com entusiasmo, prendendo a atenção dos alunos ou pelo menos dos interessados. Com as aulas dinâmicas e descontraídos sendo assim, os mais marcantes para mim neste semestre foram: Rafael, Wilton e Lia (os ++)".

"Que esclarece as dúvidas, ajuda os alunos, se dedica em ensinar".

"É aquele que consegue atrair toda a atenção do aluno naquilo que está sendo dado".

"Bullentini... rrsrs... é sério! Sabe explicar a matéria, brinca, consegue prender a atenção, pois durante a exposição das aulas faz uma piada ou relaciona o conteúdo com exemplos dos dia-a-dia. Sua didática é ótima. Sinceramente".

"Prático, dinâmico, exigente e companheiro".

"Professor que atue de forma que o aluno aprenda e não se encha da aula. Tem que ser dinâmico e sempre estar inovando".

"Os alunos do período noturno geralmente estão cansados e o professor tem que prender sua atenção de uma forma descontraída e divertida, pois, o cansaço dá muito sono".

"Um professor bem humorado e que demonstra gostar de ensinar a matéria. Passa tudo com clareza".

"Para mim o que é amigo dentro e fora da escola. Aquele que sabe da deficiência do aluno e o ajuda como amigo".

"Bullentini"

"Professor marcante é aquele que faz com que fixemos a sua matéria de modo a lembrarmos do nome dele. Exemplos: Bullentini Filho, Elezir, Humberto e Denise".

"Tenho como exemplo o Professor Jairo, uma pessoa que realmente se preocupa com o aluno mesmo fora de sua atividade, faz com que todos se atentem a aula".

"Bom, uma aula dinâmica aonde prende a atenção do aluno com trabalhos, aulas expositivas, etc."

"É o professor que consegue alinhar conhecimento, entusiasmo, disciplina e simpatia. Por fim fazer muitos amigos e seguidores".

"Eduardo Bullentini, amigo, ótima didática, ensina através de exemplos que fixamos mais facilmente. Henrique Rocha - ótima didática".

"O professor marcante é aquele que se interessa pela sala, pelo aprendizado do aluno e também o momento o momento de amizade que é o mais importante. Parabéns Bulentini".

"Que se interessa pelo crescimento acadêmico e profissional do aluno, tal qual um pai se interessa pelo aprendizado de um filho. Um professor interagindo com o aluno, preocupado realmente com seu trabalho e com a obsessão no aprendizado do aluno. Parabéns pelo trabalho e Boa Sorte!".

"Um professor marcante é aquele que em primeiro lugar sente prazer em dar aula. Em que ao ministrar a aula saiba passar o conteúdo de maneira que os alunos entendam e que se alimente com o que está aprendendo. É importante que o professor seja descontraído, saiba interagir com os alunos de maneira que a aula fique agradável, interessante e proveitosa".

"Saiba sobre o assunto"

"Um professor marcante para mim é aquele que quando o aluno está com dúvida ele logo se preocupa em esclarecer a dúvida do mesmo, ou quando está com algum problema o professor procurar entender e compreender".

"É um professor que consegue controlar a sala de aula sem ser desagradável, ou seja, um professor líder. Ex. professor Bullentini! Um abraço boas férias, sucesso!".

"Amigo"

"Dinâmico e engraçado"

"Você é marcante"

"É aquele que cita exemplos, fala de maneira clara e objetiva. Que é capaz de fazer com que o aluno lembre dele quando está no meio do trabalho ou de uma conversa relacionada com a matéria".

"Carismático, atencioso, disposto, que domina a matéria, profissional, amigo e dinâmico. Ex. professor Jairo e Professora Sandra".

"Aquele que consegue dar uma aula dinâmica, que não seja cansativa e que tenha interação com a sala. Que seja claro em suas explicações e saiba entender as dificuldades dos alunos".

"Professor marcante é aquele que consegue prender a atenção do aluno em sala e também uma maior participação de todos".

"Aquele que consegue prender a atenção de todos. Profissional competente, atualizado e que consegue transmitir conhecimento".

"É o professor que gosta do que faz porque isso contagia".

"Aquele que consegue transmitir a matéria do curso e prende a atenção do aluno. Ex. Jairo e Bullentini".

"Gosto muito dos professores amigos e não dos falsos".

"Profissional, amigo, dedicado, atencioso e descontraído".

"Bom companheiro, que caminha junto com o aluno no aprendizado. Não aquele com ar de superioridade e arrogante".

"Acredito que um professor marcante seja aquele que sempre explicou muita bem a matéria, que sempre teve muita atenção em relação ao aluno e a sala em geral, que sempre fez o possível para ajudar todo mundo e principalmente você Professor Eduardo Bullentini, que

sempre foi dinâmico, extrovertido, que no dia de prova tirava fotos dos alunos, cantava parabéns e acima de tudo sempre deu prova fácil para a galera. Valeu por tudo!”.

"Para o professor ser marcante é necessário que ele seja carismático, que passe o seu aprendizado da melhor forma para os alunos e que acima de tudo consiga interagir com os alunos, sendo acima de tudo amigo dos alunos”.

"É um professor que realmente prepara a aula, que gosta de ter amizade com os alunos”.

"É um professor comprometido... Que gosta de sua profissão”.

"O professor marcante é aquele que consegue a atenção da classe, passando toda a matéria a ser dada de uma maneira descontraída, não fazendo a aula desgastante como alguns professores fazem... Tenho alguns nomes de professores que no meu conceito têm tudo para vencer na vida e ter muito sucesso: Jéferson, Bullentini, Jairo, Ronaldo, - qualquer faculdade precisa de professores assim!”.

"Clareza nas explicações, dinâmico, extrovertido. Tenha conhecimento atualizado e não prenda as aulas só com transparências”.

"Descontraindo, didático e comunicativo”.

"Aquele que ensina com paixão, que consegue passar todo o conteúdo com emoção e que se mostra amigo dos alunos, que trabalha de igual para igual, sem se achar superior ou ser arrogante”.

"O profissional que consegue o envolvimento e o respeito da sala de aula”.

"Responsável, professor que sabe cativar o aluno, chamando a atenção e se impondo e ao mesmo tempo brincalhão onde consegue passar para a sala o tempo de trabalhar e de brincar”.

"Aquele que tem uma didática dinâmica. É extrovertido, porém sério em sala de aula”.

"O professor que se preocupa com o aluno e sabe que o aluno vai para a faculdade muitas vezes cansado do trabalho e consegue balancear a aula não deixando cansativa”.

"Aquele que se incorpora à sala!"

"Um professor que saiba passar a matéria para seus alunos, tendo didática e sendo dedicado ao ensino. Tendo um bom relacionamento com os alunos. Agradeço a sua dedicação e interatividade com a sala de aula. Para você nota 10!"

"O professor que nos passa confiança e sabedoria para o nosso dia-a-dia"

"Bullentini: muito engraçado e exemplos práticos"

"Um professor marcante é aquele que tem a aula dinâmica e que transmite para seus alunos com dinamismo o aprendizado"

"É aquele que você lembrará pelo resto da vida. Professor Bullentini e Hector"

"Bullentini"

"Aquele professor que consegue cativar os alunos e traz a atenção para si. Ex Bullentini"

"É aquele que se preocupa com o futuro do aluno"

"É o professor que passa todo o conteúdo com responsabilidade de conduzir a sala com entusiasmo os alunos. Com teoria, prática, trabalhos de grupo, etc."

"É aquele que prepara a aula com dedicação, pois quando não o faz dá para perceber e também sabe do que está falando"

"Professor que interage com a sala e acompanha o ritmo de aprendizado da classe. Ex Wilton de matemática"

"Aquele que interage com os alunos de maneira descontraída, dando exemplos relacionados à vida profissional e pessoal, simulando e forçando essas situações em sala de aula"

"Atualizado, dinâmico, líder, comunicativo, profissional e ético"

"É aquele que sabe passar o seu conhecimento de uma maneira eficaz. Cobra do aluno quando tem que cobrar. Sabe entender o lado do aluno. É crítico. Ser analítico, responsável, ter caráter e principalmente ser humano"

"Um professor marcante para mim é aquele que ajuda o aluno em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Que fala dos obstáculos que enfrentou e venceu. O aluno tem que se espelhar no professor".

"É o professor que se dispõe a ensinar fora do horário de aula ou aos sábados. Professores amigos que interage com os alunos durante da aula ou fora da aula. É o professor que sabe passar o que sabe".

"É aquele que faz os alunos gostarem de sua aula e matéria".

"O que descontrai os alunos na sala, sabendo segurar a atenção sem muita teoria e conversa fiada com os alunos. Aquele que sabe ser amigo dos alunos e não inimigo, tendo didática".

"Professor marcante é aquele que além de ministrar as aulas não se coloque apenas na posição de professor e sim na posição de aluno também, além é claro de ter um bom relacionamento com a classe que é fundamental".